

30 milhões de brasileiros têm dívidas 'impagáveis'

Em ano de pandemia, com redução de salários e forte desemprego, Brasil vira uma nação de superendividados. [Página 17](#)

Foto: Pexels

Mais vulneráveis à covid, grávidas mudam rotina para se proteger do vírus

Estudos reforçam que mulheres grávidas têm risco aumentado de desenvolver a forma mais grave da covid-19, principalmente se tiverem comorbidades pré-existentes. [Página 5](#)



Foto: Arquivo pessoal

Almanaque



Tradição Em tempos de imagens digitais, famílias, como a da bancária Maria Lívia, redescobrem os encantos dos álbuns de fotografia. [Página 25](#)

Esportes

Foto: Instagram/Sousa



Ficou para o dia 30 Adiamto do início do Campeonato Paraibano agradou aos dirigentes dos clubes de futebol. [Página 24](#)

Entrevista

Foto: Arquivo pessoal



Preservação Oceanógrafo Gilberto Pekala aponta soluções para a falésia do Cabo Branco. [Página 4](#)

Cultura

Os próximos passos do Movimento Armorial

Em entrevista exclusiva, o artista Manuel Dantas, filho de Ariano Suassuna, fala sobre o resgate das obras do pai e a nova fase do movimento: o Ilumiara. [Página 9](#)

Políticas

ALPB e Câmaras ainda estão em busca da "sessão perfeita"

Chamadas de "a casa do povo", com grande circulação pelos seus plenários, legislativos tiveram que se adequar às normas sanitárias impostas pela pandemia. [Página 13](#)

Colunas

// A Filarmônica de Misericórdia tem dado uma importante contribuição à música paraibana. Veio da FM uma grande parte dos músicos da Metalúrgica Filipéia, do quinteto JP Sax. // [Página 2](#)

Sitônio Pinto

// É inaceitável que existam agentes públicos que ainda insistem em confrontar o decreto estadual, elaborado com estrito rigor técnico, para salvar vidas no pior momento da pandemia. // [Página 3](#)

Ricco Farias

// Investigando sobre o comportamento das compras neste atual momento, 53% dos brasileiros disseram que a prioridade vai para as categorias básicas: alimentos, bebidas, higiene e limpeza. // [Página 17](#)

Chico Nunes

// No meio da conversa, fiz outra pergunta a uma das infectologistas. Ela olhou para mim e disse: Se eu estiver viva, não é? Essa frase definiu minha relação com a covid-19 a partir de então. // [Página 26](#)

Angélica Lúcio

Editorial

Projeções

Cena não rara de se ver em algumas ruas da cidade de João Pessoa: jovens e adultos guiando bicicletas com uma mão e, com a outra, segurando no colo um galo amordaçado e de pés atados. São animais heráldicos, espécies de raça, treinados secretamente para combates clandestinos (chamados rinhas), porquanto proibidos, no Brasil, desde 1998, e valem muito dinheiro quando matam, nocauteiam ou aleijam seus oponentes.

A rinha tem longa tradição. Teria surgido na Índia, cerca de mil e quinhentos anos antes de Cristo. Na Grécia antiga, terra de Homero, Platão e Sófocles, a briga de galo tinha por finalidade estimular o espírito guerreiro dos soldados, que viam nos animais aniquilados ou perdedores o destino de seus eventuais inimigos. A peleja eleva a temperatura e a pressão do corpo, diminui o discernimento e predispõe a mente para o combate.

Ocorre que a Grécia da Batalha de Maratona, da Contenda das Termópilas, do Prélío de Salamina e da Pugna de Plateias existe hoje apenas no que se salvou dos relatos de poetas, tratediógrafos e historiadores daquele país e daquela era, situados na fronteira entre o mítico e o real. Os inimigos de hoje, pelo menos no Brasil, são bem diferentes dos persas e dos macedônios, e não são necessários galos para incentivar quem almeja combatê-los.

O que poderia haver de reciprocidade, entre a Grécia de Hesíodo, Aristóteles e Píndaro e o Brasil de Jair Bolsonaro, seria uma espécie de transferência de ódios reprimidos, ou melhor, de ressentimentos sociais, de algumas pessoas, para os inocentes animais. Supõem-se que os donos dos galos e demais espectadores/apostadores das rinhas, na verdade, gostariam de fazer com pessoas o que os bichos, por elas instigados, fazem entre si.

Entende-se que a construção de uma cultura da paz, tão necessária ao mundo, em todos os tempos e espaços, passa, também, por uma política de dissuasão das pessoas que cultuam a violência por meio de algumas modalidades de esportes ou de eventos inclassificáveis, como a briga de galo. As lutas de artes marciais mistas (vale-tudo), por exemplo, com seus hematomas e hemorragias, não seriam a versão moderna e humana das rinhas de galo?

Artigo

Rui Leitão

iurleitao@hotmail.com | Colaborador

Festivais da MPB na Paraíba (IV)

O testemunho da contemporaneidade e o resultado das pesquisas que venho desenvolvendo nos meus passeios pelas páginas dos jornais de 1968, dão-me a autoridade para concluir que Carlos Aranha foi, sem a menor dúvida, o personagem mais presente nos movimentos culturais e artísticos daquele emblemático ano aqui na Paraíba.

A sua intelectualidade polivalente fazia com que seu espírito revolucionário, tão marcante da época, ficasse registrado nas suas produções culturais, seja na escrita, com artigos publicados em jornais, sempre com uma aguçada visão crítica de tudo; seja no teatro, quando recebeu o prêmio de “melhor direção” no espetáculo “Diário de um louco”, encenado na Semana de Teatro da Paraíba; seja como cineasta, no curta metragem “A ciranda”, rodado em parceria com Cleodato Porto, com tomadas de cenas nas ruas de João Pessoa e Santa Rita, num estudo interessante dos tipos humanos das diversas classes sociais enfrentando as implicações dos contrastes com as estruturas ambientais; seja como músico (compositor e cantor) onde pontificou como um dos mais talentosos artistas daquela geração. Carlos Aranha assumia uma posição de vanguarda na música paraibana.

No festival de 1968, para defender sua participação, fez-se acompanhar de um conjunto com guitarras eletrônicas, Os Quatro Loucos, do qual faziam parte os irmãos Golinha e Floriano Miranda, e Zé Ramalho. No ano seguinte, protagonizou um espetáculo de irreverência própria dos que querem quebrar paradigmas, romper com o “lugar comum”, chocar os conservadores. Ao se apresentar no festival de 1969, cantou a música de sua autoria “Ivone, pelo telefone”, vestindo um bustiê roxo, uma calça de veludo verde, um colar de couro com o símbolo “hippie” e batom nos lábios. Esse comportamento, por si só, já define bem o estilo que personificava o autor da música que ganhou o segundo lugar no Festival de 1968.

Naquele festival inscreveu duas músicas: GIRAMULHER, em parceria com seu irmão Fernando, e CANÇÃO DO TER, com letra de José Neumane Pinto. Antes de conhecer o resultado final dos vencedores do certame, na edição do

Jornal A União, do dia três de maio, Carlos Aranha fez comentários sobre sua música GIRAMULHER: “Um festival de música é atualmente realizado em João Pessoa, com grande repercussão. Uma composição minha e de Fernando, meu irmão, foi acompanhada por guitarras elétricas: Os Quatro Loucos. Festival à parte, uma explicação se faz urgente, no intuito de apagar certas dúvidas e algumas interpretações mal lançadas. “Giramulher” não é uma composição tropicalista, como alguém escreveu. Na verdade, fica dito: não existe música tropicalista, como não há cinema tropicalista, nem teatro tropicalista ou literatura tropicalista. O movimento-atenção – não propõe qualquer tipo de estética. Propõe mais adequadamente uma ética, um comportamento. O tropicalismo não é algo monstro que deseja acabar com o anterior patrimônio cultural brasileiro ou latino-americano. Muito pelo contrário”.

Eis a letra da música GIRAMULHER, classificada em segundo lugar no Festival Paraibano da MPB, de autoria dos irmãos Carlos e Fernando Aranha: “Garota que gira/é moça de fato/é gente da moda. Se são quatro os soldados/se são nove os marinheiros/todos três bem ligeiros/lá na praça amontoados. Se são vinte os rapazes/se são trinta os estudantes/para tantas radiantes/como cem serão capazes. Gira, girando mulher/girando, gira mulher/gira, girando mulher/girando, gira mulher. Mil estrelas tem o céu/ondas do mar eu não conto/qualquer canto arredondo/muito embora viva ao léu/das cinquenta pedras faço/um caminho para a amada/a maldade já desfazo/numa luta bem armada. Gira, girando mulher/girando, gira mulher... Dez amores num sofrer/foram vistos acolá/mesmo embora sem chorar/nesta roda vou viver. Já a reza abandonei/foi pensando na certeza/ de que um dia a nobreza/de um poder retirarei. Gira, girando mulher/ girando, gira mulher. Este cantar é batalha/admite a minha luta/ mesmo que venha a permuta/pela morte que se espalha/mas encontro meu amor/sempre sinto seu viver/gira sempre o bem querer/ no dizer de vida e dor. Gira, girando mulher/ girando, gira mulher”. Garota que gira/menina que roda/é moça de fato/é gente de moda. Gira, girando mulher”.

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Rixas de rios

Há um tanto de exagero na afirmação de que a Filarmônica de Misericórdia (uma das cidadelas do Vale do Piancó) “ensinou a Paraíba a tocar”, como disse o título de recente reportagem neste jornal. A Filarmônica de Misericórdia pode ter iniciado os 800 (oitocentos) músicos de que faz conta; dentre tantos, alguns alcançaram notoriedade nacional e até internacional — como é o caso de Radegundes, considerado o primeiro trombone do mundo. Mas “ter ensinado a Paraíba a tocar” é muita zoada para a Filarmônica da minha terra paterna.

Gratulino, pai de meu pai e neto de Engole Cobra, nasceu e aprendeu a tocar fole e Asa Branca nos anos Oitocentos, em Misericórdia (como ele me ensinou a chamar), muito antes da fundação da Filarmônica. Zé Siqueira saiu de Conceição na década de 20, foi tocar trompete na Filarmônica de Princesa e de lá seguiu para o Rio de Janeiro, onde fundou a Orquestra Sinfônica Brasileira e a Ordem dos Músicos do Brasil. Não me consta que Siqueira tenha estudado música na Filarmônica de Misericórdia. Mais antiga que a Orquestra Sinfônica Brasileira é a Sinfônica da Paraíba, que divide com a Orquestra de Campinas (SP) o título da mais antiga do Brasil, mais antiga ainda que a Filarmônica de Misericórdia.

A Filarmônica de Misericórdia tem dado uma importante contribuição à música paraibana. Veio da FM uma grande parte dos músicos da Metalúrgica Filipéia, do quinteto JP Sax — que deveria se chamar VP (Vale do Piancó) Sax, uma orquestra ao nível da Tabajara, se o maestro Chiquito me permite a comparação.

A Orquestra Tabajara, que Chateaubriand levou inteirinha para a Rádio Nacional, é anterior à Filarmônica de Misericórdia, salvo melhor juízo. A Tabajara é anterior a muitas sinfônicas brasileiras; mas também se apresenta como sinfônica, tendo mesmo algumas gravações de música clássica ligeira arranjada ao molho popular do maestro Severino Araújo. A Tabajara se apresenta ainda como orquestra caribenha, ora sob o nome de “Românticos de Cuba”, ora sob o nome de “Românticos do Caribe”. Sivuca vê mais gás na Metalúrgica Filipéia de que na Tabajara, mas a antiga orquestra da Rádio Tabajara ainda é a mais versátil e a mais antiga big band em atividade no Brasil — muito mais antiga que a brava Filarmônica de Misericórdia, à qual um entusiasmado repórter credita a honra e a glória de “ter ensinado a Paraíba a tocar”.

Sivuca não aprendeu a tocar em Misericórdia. Ora, Sivuca saiu de Itabaiana no começo dos anos cinquenta para tocar em Recife. Naquele tempo, a Filarmônica de Misericórdia ainda não tinha ensaiado seus primeiros

acordes. Se é verdade que Rui Rei (o maestro do mambo) é campinense por adoção, duvido que o lançador de La bamba tenha aprendido música com a Filarmônica de Misericórdia, mesmo por correspondência. E assim foram Jackson do Pandeiro, Zé do Norte, Rosil Cavalcanti, Moacir Santos, Luís, Zé e Elba Ramalho, Glorinha Gadelha, Pinto do Acordeon e, muito antes desses e de outros, o doutor Ozório Paes, autor de Oh, Palidez — uma das modinhas preferidas de Drummond. Mas, palmas para a Filarmônica de Misericórdia e seus ainda mais bravos fãs. Merecemos.

/// A Orquestra Tabajara, que Chateaubriand levou inteirinha para a Rádio Nacional, é anterior à Filarmônica de Misericórdia ///

Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiego Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

Sedentarismo aumentou na pandemia

Pesquisa revela que isolamento recomendado com a disseminação da covid-19 reduziu a prática de exercícios

José Alves

zavieira2@gmail.com

Com a pandemia e as recomendações para isolamento social, as academias de João Pessoa, parques e praças onde as pessoas costumam fazer atividades físicas, tem se mostrado menos frequentados. Uma pesquisa realizada pela Smart Fit, que atua no setor de fitness no país, mostra que a falta de atividade física agrava o quadro do

sedentarismo no Brasil, e que, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), até 5 milhões de mortes por ano poderiam ser evitadas se a população global fosse mais ativa.

O profissional em educação física e personal trainer, Iago Santana da Silva, reconhece que muitos alunos deixaram de ir a academias em João Pessoa e que elas estão mais vazias. “Vejo também que até as praças esportivas da

cidade estão sendo muito pouco frequentadas. Acho que isso se deve ao desrespeito de algumas pessoas que ao saírem de casa para praticarem esportes, não estão usando máscaras. O mal comportamento de algumas pessoas tem afastado outras que cumprem os decretos governamentais e temem a contaminação da doença”, afirmou.

Ele enfatizou que a queda no número de alunos nas academias foi

provocada pelo medo de contrair o vírus. “Muitos dos praticantes de exercícios não confiam estar se exercitando e suando próximo a pessoas que eles não sabem se estão ou não contaminadas. E o pior é que alguns alunos, mesmo nesse período de fácil contaminação, ainda tiram a máscara, mesmo que por alguns segundos, dentro das academias, alegando que não está conseguindo respirar direito ao fazer

tal exercício. Um absurdo, mas isso acontece e a gente reprime”.

O personal disse ainda que “mesmo nessa fase cruel do coronavírus, não podemos deixar de malhar, pois o sedentarismo é um tiro no pé”. Acredito que a maioria das pessoas que estão morrendo nas UTIs, são sedentárias. “As pessoas devem pensar bem e não desistir de praticar atividades físicas porque o sedentarismo só atrai comorbidades”, destacou.

Cerca de 35% da população não praticava qualquer atividade física e, com coronavírus em circulação, este número chegou a 50% dos brasileiros pesquisados, de acordo com estudo



Profissional recomenda atividades físicas em casa para manter vitalidade

A Organização Mundial de Saúde destaca que a prática de exercícios é fundamental para prevenir e ajudar a controlar doenças cardíacas, diabetes tipo 2 e câncer. Outros benefícios mencionados são a redução dos sintomas de depressão, de ansiedade, e é um estímulo à saúde do cérebro.

Iago Santana, disse que a prática diária de exercícios faz com que a pessoa envelheça com saúde. “Se não nos mantivermos ativos, corremos o risco de contrair diversas outras doenças, principalmente cardíacas”, alertou o profissional de educação física. Ele explicou que, atualmente, as

pessoas dispõem de várias maneiras de praticar exercícios. Existem aulas online que podem ser feitas em casa, e se você quer ir a uma academia, pode pesquisar os horários que tem poucas pessoas. Iago é da opinião de que até fazendo faxina em casa, é possível realizar algumas formas de

atividade física.

Ainda de acordo com a pesquisa da Smart Fit, restrições à prática de atividade física elevaram de 35% para 50% a parcela da população que não pratica algum tipo de exercício. Como motivo para parar, as pessoas alegaram falta de tempo, de disposição, e

principalmente o medo da pandemia que passou a ser um fator a mais para as pessoas se tornarem sedentárias. Pela OMS, o número de pessoas consideradas sedentárias aumentou de 50% para 66%, desde o início da pandemia do coronavírus.

“Apesar dos números dessa pesquisa, sou

a favor que as pessoas não parem de fazer exercícios. Todos devem cuidar do corpo e da mente, principalmente neste período de pandemia. O foco é se livrar do sedentarismo que é o causador da obesidade e de outras doenças. Pra mim, o sedentarismo é o maior mal do mundo”, alertou o professor.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

PANDEMIA: CONFRONTAR O DECRETO ESTADUAL CONTRA A COVID É FAZER POLITICAGEM RASTEIRA E INCONSEQUENTE

A coluna abordou o tema, dias atrás: a obrigatoriedade de os municípios seguirem à risca o decreto estadual de enfrentamento à pandemia de covid-19. Na ocasião, o procurador-geral do estado, Fábio Andrade, afirmou que a matéria está pacificada tanto no Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) quanto no Supremo Tribunal Federal (STF). Caso queiram editar decretos, os prefeitos podem fazê-lo, desde que as medidas anunciadas sejam idênticas ou mais restritivas do que as estabelecidas pelo estado. Medidas menos restritivas no âmbito municipal, portanto, não serão toleradas pela gestão estadual, que recorrerá à Justiça para fazer valer o entendimento já declarado pelas Cortes aqui citadas, conforme afirmou o governador João Azevêdo (foto) – ao menos dois municípios – Campina Grande e Cabedelo – estariam propensos a editar decretos mais flexíveis. Sobre isso, o governador disse que os casos serão levados “ao fórum adequado”. É inaceitável que existam agentes públicos que ainda insistem em confrontar o decreto estadual, elaborado com estrito rigor técnico, para salvar vidas, no pior momento da pandemia no país. Não há como avaliar essas posturas senão pelo viés da politicagem rasteira e inconsequente.

DIPLOMA ANAYDE BEIRIZ

A Comissão Especial da ALPB destinada a conceder o Diploma Mulher Cidadã Anayde Beiriz a mulheres que atuam em defesa do público feminino já definiu as 15 primeiras que receberão a honraria. Na lista está a atriz Marcélia Cartaxo; a ex-prefeita de Conde, Márcia Lucena; a escritora Valéria Resende, e a professora da UFPB, Glória Rabay.

DECRETO CONTRÁRIO

Além de Campina Grande e Cabedelo, o Conde também editou decreto que contraria as regras estabelecidas pelo decreto estadual de enfrentamento à pandemia. De acordo com o decreto da cidade litorânea, bares e restaurantes da orla poderão funcionar nos finais de semana, das 11h às 15.

“PRECISAMOS DE UNIÃO”

Do governador do Piauí, Wellington Dias (PT), coordenador do Fórum de Governadores, durante reunião remota com a Frente Pela Vida, integrado por entidades nacionais de Saúde: “O Brasil, desde o ano passado, não tem uma coordenação central da crise. Precisamos de união nesse momento em que a vida tem valido muito pouco. 270 mil parece um número, mas são pessoas”.

MAIS CESTAS BÁSICAS

“Com essas medidas sociais, a gente quer garantir a sobrevivência dessas pessoas”, afirmou o secretário estadual de Desenvolvimento Humano, Tibério Limeira, ao anunciar que o governo distribuirá cestas básicas com profissionais que foram afetados pela pandemia. Para ter acesso ao benefício, é preciso se cadastrar nas associações ou sindicatos a que estão filiados.

SECRETÁRIA CRÍTICA PMCG: “NÃO FAZ A SUA PARTE”

Da secretária de Desenvolvimento e Articulação Municipal da Paraíba, Ana Cláudia, cobrando da prefeitura de Campina Grande ações para socorrer os setores produtivos e as pessoas em vulnerabilidade social: “É complicado cobrar dos campinenses maior rigor nas medidas, quando a prefeitura não faz a sua parte para compensar as perdas”.

NO DIA 15 DE ABRIL

Os 12 membros da nova diretoria da Frente Nacional de Prefeitos (FNP) serão empossados em assembleia remota no próximo dia 15 de abril. O prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena (PP), ocupará o cargo de secretário nacional da entidade, que congrega prefeitos dos 412 municípios brasileiros com mais de 80 mil habitantes.

Gilberto Alves Pekala,
Oceanógrafo e professor aposentado da UFPB

“Avanço urbano encurtou a zona de espraiamento na orla”

Especialista sugere alternativas para evitar que as águas do mar destruam a barreira e a calçadinha da praia do Cabo Branco

José Alves
zavieira2@gmail.com

Graduado em oceanologia e doutorado em Ecologia de Sistemas Aquáticos, o professor aposentado da Universidade Federal da Paraíba, Gilberto Alves Pekala, concedeu entrevista ao Jornal A União sobre as consequências do avanço do nível do mar em João Pessoa. Ele também sugeriu quais alternativas poderiam ser tomadas para evitar que as águas do mar destruam a barreira e a calçadinha da praia do Cabo Branco.

Natural de Rio Grande, Estado do Rio Grande do Sul, Pekala contou que chegou à Paraíba há 45 anos, em 1976. E declarou que ao chegar se surpreendeu com a beleza natural da cidade e das praias e nunca mais quis ir embora de João Pessoa. Apesar de achar estranho o Hotel Tambaú ter sido construído na beira mar, ele lembrou que frequentou muito aquela praia e que gostava de tomar banho de mar atrás do hotel.

Na época (década de 1970), ele disse que a linha do mar ficava um pouco mais distante do que é hoje, e eu gostava de me sentar exatamente na base do hotel. Atualmente, o mar bate diretamente em sua construção. Eu acredito que a colocação de monoblocos acumuladores de areia, seria a solução mais viável para recuperar a areia que foi levada pelo mar onde está o hotel. “Só assim, eu poderia voltar a me recostar na base do Tambaú”, refletiu. Veja o que o professor Pekala falou sobre as consequências do avanço do nível do mar, mais precisamente na Praia do Cabo Branco.

A entrevista

Quais as principais consequências do avanço do nível do mar em João Pessoa, mais precisamente no trecho da praia e na Falésia do Cabo Branco?

Na Falésia do Cabo Branco e ao longo da sua praia esse aumento natural do nível do mar e a oscilação das marés representam muito pouco para sua erosão. O avanço urbano em direção ao mar, que exigiu a construção de uma calçada elevada para nivelar com a rua, acabou encurtando a zona de espraiamento, não só da praia do Cabo Branco, como também das praias adjacentes. Como consequência, a dinâmica do vai e vem e a rebentação das ondas ao chegarem na praia, causam o maior impacto, tanto lá no sopé da falésia, como ao longo da praia. A onda, de tanto bater na parede da calçada, destrói também os gabiões, que são estruturas aramadas com fios de aço preenchidos com seixos por onde a água penetra. Na sequência, a onda quando retorna, além de espalhar os pedregulhos e tornar a praia desagradável para caminhar, leva embora para o mar parte da areia,

causando a erosão da praia.

Há soluções ou alternativas para se conter o avanço do mar?

Sim. Sabemos que as técnicas empregadas até hoje não conseguiram evitar a erosão da praia, pois não conseguem reter a areia que o mar leva embora. Em 2011 foi desenvolvido o Monobloco Acumulador de Areia, com a forma trapezoidal, com um metro de altura e com 20 furos cônicos. Ele tem duas funções: diminuir a força de impacto da onda, deixando-a passar por cima dele e pelos furos, permitindo que o mar faça a sua dinâmica de vai e vem. A outra função acontece quando a onda retorna ao mar. Ela demora um pouco para passar pelos furos cônicos, permitindo que areia fique retida pelo bloco e se deposite por gravidade, promovendo desta forma, a engorda da praia.

O que poderia ser feito em João Pessoa para evitar que as águas do mar incidam com força na Falésia do Cabo Branco?

O mar em frente da falésia é raso e é um viveiro natural de espécies marinhas que ali vivem. Qualquer construção de quebra-mares em cima deste substrato, causará um grande impacto ecológico. A ação da maré no sopé da barreira. Recentemente foi colocada uma fileira de pedras, com o objetivo de impedir o impacto das ondas na sua base. Isto já foi feito anteriormente. Estas pedras enfileiradas, além de impedirem o uso da praia, o mar as levará embora como já fez anteriormente. Eu acredito que os monoblocos acumuladores de areia são os equipamentos menos impactantes, pois irão proteger o sopé da barreira, permitindo a utilização da praia

Cabelo, o que já foi feito. Falta fazer a recuperação da vegetação na encosta desnuda, voltada para a nascente.

O muro de pedra feito pela gestão municipal passada, no sopé da barreira, contribuiu para provocar o aumento das batidas das ondas na calçadinha do Cabo Branco ou apenas influenciou?

Nessa região, o sentido dos ventos e das ondas do mar ocorrem obliquamente em relação à costa. Qualquer construção de estruturas de grande porte, como o Porto de Suape-PE ou quebra-mares colocados em frente da falésia, propagam sua dinâmica de impacto diagonalmente na direção Sudeste. As fileiras de pedras além de não reterem a areia da praia, que será carregada para o mar, influenciaram sim o aumento das batidas das ondas na calçadinha da praia do Cabo Branco. Recentemente, um trecho da calçadinha foi destruído pelo avanço das águas do mar após a forte chuva que caiu no início deste mês.

Se a implantação de quebra-mares for feita, de fato, ocorrerá a ação das ondas em outros trechos da orla?

Sim. Por causa da direção Sudeste dos ventos e a reverberação das ondas do mar ao baterem nestes obstáculos. Dependendo do tamanho e da quantidade dessas estruturas, elas irão trazer consequências, não só para a praia do Cabo Branco, como já está acontecendo, mas também para a praia de Tambaú.

O nível do mar de fato tem aumentado nas últimas décadas, quais são os principais motivos ou fenômenos responsáveis por isso?

As avaliações científicas feitas pelo IPCC - Painel Intergovernamental sobre a Mudança do Clima, apontam uma elevação do nível do mar em torno de 15 cm ao longo do século 20 e, atualmente, sobe cerca de 0,4 cm ao ano. As três últimas décadas foram as mais quentes desde 1850. Se as emissões de gases continuarem dentro das tendências atuais, o aquecimento pode chegar a 4,8

Cº até 2100. O Efeito Estufa, constituído por diversos gases que absorvem a radiação solar, é um fenômeno natural que mantém o nosso planeta numa temperatura que permite ter vida. Estes gases regulam o aquecimento global, impedindo que todo o calor gerado pelo Sol escape para o espaço, permitindo que uma parte seja absorvida pelos oceanos e pela superfície terrestre. Porém, o aumento gradual da concentração de

Dependendo do tamanho e da quantidade dessas estruturas, elas irão trazer consequências, não só para a praia do Cabo Branco, mas também para a praia de Tambaú

gases de efeito estufa na atmosfera devido às atividades industriais e agrícolas. Bem como o desmatamento e o aumento de transportes movidos pela combustão, são os principais responsáveis pela emissão desses gases. Nos últimos cem anos, esse aumento foi responsável pelo derretimento das calotas polares e a elevação do nível do mar. Mesmo que se conseguisse reduzir, atualmente, o aquecimento global para valores pré-industriais, mesmo assim, o nível do mar tende a subir entre 30 e 60 centímetros nos próximos 80 anos.



Segundo Gilberto Pekala, na Falésia do Cabo Branco e ao longo da praia, o aumento natural do nível do mar e a oscilação das marés representam muito pouco para a erosão



Foto: Divulgação

Desafios de estar grávida em meio à pandemia da covid-19

Gestantes precisam redobrar cuidados para evitar o contágio; Maternidade Frei Damião é referência para grávidas com a doença

Ana Flávia Nóbrega
anaflavia@epc.pb.gov.br

Gerar uma vida é, para muitas mulheres, um sinônimo de alegria desde o momento da descoberta da gravidez até o momento do nascimento da criança, mesmo com todo o processo de cuidados redobrados. No entanto, a espera tem se tornado cada vez mais cuidadosa e preocupante. Isto porque, durante a pandemia do novo coronavírus, muitas mulheres estão sendo vítimas da doença e, em alguns casos, acometendo a vida dos bebês por complicações causadas pela covid-19.

O desafio de gerar uma vida durante a pandemia envolve os pais, familiares, médicos e pesquisadores que buscam elucidar as lacunas sobre a vulnerabilidade da gestante. Estudos conduzidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Universidade de Birmingham, na Inglaterra, reforçam que mulheres grávidas têm risco aumentado de desenvolver a forma mais grave da covid-19, principalmente se tiverem comorbidades pré-existentes.

O estudo, ainda em andamento, acompanha mensalmente os casos de gravidez, mulheres no puerpério, lactantes e covid-19 em publicações

e pesquisas científicas desde abril de 2020. No conjunto dos levantamentos, percebe-se uma tendência de que uma em cada 10 mulheres grávidas atendidas em hospitais nos últimos meses tiveram como causa do atendimento a covid-19, apresentando sintomas de febre e tosse, principalmente.

Na Paraíba, na Maternidade Frei Damião, em João Pessoa, que atende exclusivamente casos de covid-19, foram atendidas 2.936 pessoas, 776 casos confirmados, 533 descartados, 1.862 casos notificados e 553 casos suspeitos, de acordo com o boletim diário do hospital. Desde o início do período de atendimento exclusivo, 34 óbitos foram confirmados, sendo 8 falecimentos maternos (mulheres e puérperas), um recém-nascido, a maternidade registra ainda 15 óbitos femininos e 10 masculinos, já que foi solicitada para atender outros pacientes com covid-19.

Para Eguimar Fernandes, diretor clínico da Maternidade Frei Damião, o processo da pandemia mudou a rotina majoritariamente dos profissionais de saúde que costumavam noticiar as famílias sobre a chegada da criança ao mundo. A notícia feliz, no entanto, tem sido abafada pelo medo da in-



Eguimar Fernandes: “A única arma que temos é a proteção individual”

certeza com a covid-19 e os casos graves.

“Como somos a única maternidade exclusiva para o atendimento, no estado, de casos graves da covid-19, esses casos vão acontecer aqui. Nós que somos acostumados a trazer notícias maravilhosas para as pacientes e para a família, ‘Olha, nasceu’. Esse era o nosso dia a dia. Então não é fácil para nós, profissionais de saúde, estar vivenciando um momento

agressivo de uma doença tão agressiva que está acometendo as gestantes de uma forma tão intensa”, afirmou o diretor.

O Brasil é um dos países com o maior registro de óbitos entre gestantes e puérperas no mundo. Dados publicados no International Journal of Gynecology apontou que entre 26 de fevereiro de 2020 a 18 de junho do mesmo ano, 124 mulheres da faixa observada morreram por covid-19 no Brasil, corres-



Fotos: Acervo pessoal

Chilúvia Lima: “Uma das coisas que precisei abrir mão foi do meu trabalho”

pondendo a 77% do grupo no mundo.

Na Paraíba, durante o ano de 2020, a Secretaria de Estado da Saúde contabilizou 10 mortes de mulheres do grupo em decorrência do agravamento da covid-19.

O médico e diretor clínico da Maternidade Frei Damião, Eguimar Fernandes, vem atuando na linha de frente do enfrentamento da doença no hospital e percebe que os casos estão se

agravando com uma maior rapidez.

“Essa nova variante parece ser muito mais agressiva. Acontece casos que em um dia nós estamos conversando com a gestante, ela sem intubação ou máscara reservatória e no outro dia o quadro se agrava e a paciente tem que vir a ser operada e até falecer. Não é fácil para a gente como obstetra. Está sendo muito duro, muito difícil”, declarou o médico.

Medo, isolamento e renúncia

O medo permeia o cotidiano das mulheres que tentam manter o isolamento para garantir a própria vida e a dos bebês. Chilúvia Lima já é mãe de uma criança de seis anos e espera o segundo filho. Com o receio de exposição ao vírus, a gestante precisou optar por não trabalhar e nem manter o filho no ensino presencial na escola.

“Na gestação anterior, eu preparava o enxoval, o quarto, ter convívio com outras pessoas, que nesse momento não está sendo fácil. Uma das coisas que precisei abrir mão foi do meu trabalho. Não era um

trabalho de carteira assinada, eu sou prestadora de serviço. Durante algum tempo, eu até consegui ainda ministrar, mas com o aumento dos casos eu abri mão por conta dos riscos. A escola do meu filho está tendo aula presencial, ele até começou a ir em janeiro, mas foi outra coisa que eu precisei abrir mão, precisei fazer”, ressaltou.

Estudos

Mesmo com os estudos ainda em andamento, percebe-se que as grávidas ficam suscetíveis a probabilidade de pré-eclâmpsia e propensas ao

agravamento de doenças respiratórias. Porém, os efeitos ainda são incertos, por isso, a necessidade de precaução.

De acordo com estudos já publicados, o risco de morte nos pacientes de covid que aguardam um bebê é 13 vezes maior do que outros, na mesma faixa etária. Foi percebido também que as gestantes internadas por problemas respiratórios, com maior chance de comorbidade configurando quadro mais suscetível para o desenvolvimento da doença, como asma, hipertensão, diabetes tipo 2, doença autoimune e obesidade classe III.

Cuidado individual é prioridade

Os cientistas seguem empenhados em desvendar os efeitos da covid-19 entre mulheres que esperam bebês. O que se sabe sobre as relações entre gestação e a doença, até o momento, com bases nos estudos já realizados é que ainda não há confirmações para transmissão da mãe para o bebê, mas a presença de carga viral na placenta, sangue do cordão umbilical e vias aéreas do recém-nascido levantam a hipótese que estão sendo investigadas pelos cientistas.

O que já foi confirmado na prática é a necessidade de interrupção da gravidez, gerando a prematuridade, para mulheres em estado grave. Segundo o obstetra Eguimar Fernandes, “as mães que contraem a covid-19 podem precisar de uma interrupção da gravidez para o tratamento da própria mãe. Nos casos mais graves, a gravidez acaba dificultando a respiração

da mãe. Então, isso fica mais grave ainda. Quando você faz o parto, a tendência é que a mulher melhore da doença”.

Outra certeza é que mulheres grávidas com casos graves de covid-19 podem passar pelo processo de intubação, que é um suporte para que haja a manutenção da oxigenação que mantém a mãe e o feto vivos. “Tem situações onde a gravidade da doença é muito intensa e corre risco (de vida), tanto a mãe quanto o bebê, e aí precisamos dar suporte da via aérea, já que a covid-19 é uma doença que afeta as vias aéreas”, declarou o médico Eguimar Fernandes.

Sobre as vias de parto, nem sempre a cesárea é indicada. Mas em muitos casos, a mãe está com baixo nível de oxigênio e o bebê também. Então a opção pelo parto do tipo cesariana busca garantir o êxito no nascimento. Com a superlotação de hospitais

e maternidades, o pré-natal tem mudado, mas deve continuar sendo realizado.

O risco de pré-eclâmpsia, quadro marcado por uma subida na pressão durante a gestação, ainda não foi confirmada por estudos, mas segue em investigação.

É importante destacar ainda que só o fato de ser gestante não significa que a grávida vai desenvolver casos graves da doença, no geral, o quadro pode se agravar com a relação do vírus com comorbidades pré-existentes.

Para garantir saúde para a mãe e para o bebê em tempos tão difíceis, a recomendação do diretor clínico, Eguimar Fernandes, é o de proteção e cuidado diário: “A única arma que temos é a proteção individual. Precisamos seguir com o uso de máscaras, higienização das mãos, distanciamento social e a vacina.”

+ Vacina para garantir segurança

Há um ano lidando com a covid-19, os pesquisadores estão, pouco a pouco, relacionando os perigos da gravidez associada à doença. No Brasil, as gestantes não foram avaliadas, inicialmente, como grupo de risco. Com o passar do tempo e a constatação de casos graves, os especialistas em saúde passaram a olhar com outros olhos para esta população. Ainda em 2020, o grupo foi declarado como de risco pelo Ministério da Saúde.

Por isso, mesmo sem que as vacinas em circulação no país, até o momento, sejam testadas em gestantes, a Federação Internacional de Ginecologia e Obstetrícia (Figo) e a Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo) passaram a orientar seus especialistas para indicar a imunização de qualquer grupo vulnerável, inclusive as gestantes.

Oficialmente, os estudos das farmacêuticas e laboratórios que produzem os imunobiológicos não apresentam resultados conclusivos, mesmo assim, a vacinação é indicada pela Figo, Febrasgo e por alguns especialistas pela percepção de que os raros efeitos colaterais que a vacinação pode causar são bem menos expressivos do que os graves efeitos da covid-19.

Para Eguimar Fernandes, diretor clínico da Maternidade Frei Damião, a vacinação é, como uma garantia no processo de proteção à doença e à vida.

“O grupo de gestantes não foi incluído nos testes das vacinas e por isso que, inicialmente, as gestantes não foram incluídas na vacinação. Mas algumas vacinas específicas, com vírus inativado, como a CoronaVac, já há um histórico de outras vacinas que a gente usa desse mesmo tipo, como a da H1N1, e elas são

feitas em gestantes com segurança. Hoje a Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia, da Febrasgo, orientou para a liberação das vacinas para gestantes. O que é interessante porque a arma que temos contra o vírus e que realmente funciona, é a vacina”, explicou o médico.

As puérperas e lactantes podem tomar a vacina com segurança se forem convocadas para a aplicação das doses. Já as gestantes precisam ser avaliadas por profissionais para que o risco de exposição e contágio seja avaliado de maneira mais direta. A decisão da imunização é compartilhada entre médico e gestante levando em consideração o risco apurado já que grávidas não foram incluídas nos estudos que embasaram a aprovação dos imunizantes em circulação no país. E, por isso, não se tem informações definitivas sobre os efeitos em cada situação específica.

A Figo orienta pela proteção mais rápida possível para grávidas, mulheres que estão tentando engravidar e as que já estão amamentando. Tendo em vista que mulheres com gravidez de risco podem ter uma situação mais delicada caso se contaminem com o vírus causador da covid-19.

“Eu tenho expectativa de ser vacinada porque venho lendo que estão trabalhando para tentar liberar a vacinação para gestantes. Já vi outras mulheres gestantes receberem a vacinação, da área de saúde. Isso dá uma segurança a mais, a partir do terceiro trimestre de gestação, no que eu vi de uma médica que se vacinou. Eu ainda estou no segundo... então quem sabe se eu não consigo, né?”, declarou a prestadora de serviços Chilúvia Lima.

Federação Internacional de Ginecologia e Obstetrícia orienta pela vacinação de grávidas, mulheres que estão tentando engravidar e lactantes.

Linguagem, a essência da existência humana

Através da comunicação, as pessoas expressam sentimentos, pensamentos, lembranças, opiniões e compreensões do mundo ao seu redor

Carol Cassoli
Especial para A União

Um dos principais elementos que permitem identificar o crescimento de uma criança é a aquisição da linguagem. Quando um bebê aprende a falar, descobre também que é possível obter as coisas com muito mais facilidade; afinal, as pessoas conseguem entender suas demandas à medida que ele se comunica. Ao longo da vida, a importância da comunicação só aumenta. Nos momentos marcantes ela está lá. Com ela é possível interagir em diferentes ambientes e adequar sua linguagem para atingir um número maior de pessoas. A comunicação, por meio da linguagem, age como intermediário para que uma criança identifique com qual amigo tem mais afinidade, um adolescente defina o alvo de uma paquera e um adulto perceba quais códigos deve evitar ao se comunicar com seu chefe.

Do latim *communicare*, o verbo comunicar tem o intuito de partilhar informações, em significado direto: tornar comum. Por isso, a linguagem é considerada, por muitos estudiosos, o maior artifício desenvolvido pelo Homem. A professora de Linguística e Língua Francesa da UFPB, Sandra Helena Gurgel define que a linguagem é a essência da existência humana. “É por meio dela que deixamos nossa marca no mundo em

que vivemos”, explica a linguista. Fruto do aforismo de Aristóteles, a frase “o ser humano é um ser social” resume a necessidade que homens e mulheres têm de se comunicar. É por meio da comunicação que as pessoas são capazes de expressarem seus sentimentos, pensamentos, lembranças, opiniões e compreensões do mundo ao seu redor. Por conta disso, é possível entender que a linguagem faz parte do processo de elaboração da consciência que cada indivíduo tem. “Bakhtin afirma que é impossível separar a língua do social. Logo, é na interação social que produzimos linguagem, somos linguagem, necessitamos “dizer” e sermos compreendidos. Isto é o produto que se espera do Circuito da Comunicação”, desenvolve Sandra.

Situações

Neste contexto, a linguagem permite que a comunicação se diversifique. Quem nunca “mordeu a língua” antes de falar com alguém ou mesmo pensou “eu não deveria ter dito isso”? Estas situações ilustram falhas na comunicação por meio de um emprego de linguagem inadequado. “Utilizar a linguagem escolhendo as palavras, gestos, cores, entre outros, conforme a cultura de um determinado grupo identitário significa alcançar objetivos comunicacionais”, defende a professora.



Fotos: Pixabay

A cada geração surgem novas gírias, responsáveis por decretar o desuso das anteriores, sendo assim que uma geração se torna antiquada e é vista como “arcaica” pela sucessora

Auxílio dos vocabulários específicos

Determinantes de nichos comunicacionais, vocábulos específicos auxiliam na comunicação interna de grupos como músicos, profissionais da área da saúde e até mesmo jornalistas. Entretanto, não é apenas em áreas profissionais que o uso de palavras próprias se aplica. A cada geração, por exemplo, surgem novas gírias, responsáveis por decretar o desuso das anteriores. É assim que uma geração se torna antiquada e é vista, praticamente, como arcaica pela geração sucessora.

Em ambientes característicos,

termos técnicos ajudam profissionais a efetivarem sua comunicação enquanto sinônimos mais simples democratizam a troca de informações e as tornam mais acessíveis. Um cidadão, possivelmente, não sabe o que é a “anamnese” realizada pelos profissionais da saúde, mas entende quando um enfermeiro diz que vai preencher o “prontuário” para que o médico realize seu “diagnóstico”. É para isso que servem os sinônimos de determinados conceitos: para tornar a comunicação efetiva e prática.

Formada em Letras, Naíla Cordeiro, argumenta que a criação de termos facilitadores da comunicação é um processo inerente a toda língua viva. “Os termos específicos vão aparecendo à medida que os falantes sentem necessidade. A língua está a serviço dos falantes, e não o contrário. Como um instrumento minimamente universal, precisa de generalização para funcionar. Ainda assim, não há meio de impedir os grupos sociais de criarem e utilizarem os termos adicionais mais adequados para eles”, comenta.

Presença de regionalismos e sotaques

Naturalmente uma língua passa por mudanças, por isso, todas as que se modificam são consideradas ‘elemento vivo’. Estas variações linguísticas são conhecidas por se adaptarem ao contexto histórico pelo qual a sociedade está passando. Neste cenário, os sotaques recebem destaque, pois, além de serem características culturais, permitem identificar a origem de uma pessoa. Assim como os sotaques, os regionalismos fornecem subsídios geoespaciais para distinguir regiões dentro de um país.

Cordeiro explica que os sotaques, além de contarem histórias, são marcações identitárias muito fortes que representam costumes, práticas e vivências de determinadas localidades. “Nós, seres humanos, temos a necessidade de nos sentir pertencentes a algo. Partilhar de um mesmo sotaque é sentir-se parte de um grupo em que não precisamos modificar parte de quem somos para que o outro entenda”, relata a mestrandia em Literatura.

No Brasil, por exemplo, o Sul evidencia a letra ‘e’ ao pronunciar as palavras; quantas pessoas já não ouviram

“leitê quentê” em referência ao sotaque local? Em contrapartida, o interior de alguns estados do Sudeste e Centro-Oeste evidenciam o ‘r’ no final das palavras. Este hábito fonético é observado com espanto por visitantes de outras regiões do país. Não é comum escutar alguém falando “porrrta” em todo o Brasil.

Já aqui no Nordeste, a situação não é diferente. Regionalismos específicos são empregados em cada Estado e os próprios nordestinos se diferem a partir destes termos. Em Pernambuco, usa-se “tabacudo” para definir uma pessoa como boba, já aqui, na Paraíba e no interior de muitos estados, “abestalhado” tem o mesmo significado.

Justamente por passar por tantas variações, a Língua Portuguesa - praticada no Brasil - é considerada, gramaticalmente, uma das mais difíceis do mundo. A riqueza de sinônimos, expressões próprias e variantes torna o Português complicado e, muitas vezes, incompreensível para quem vem de fora. “A língua é um organismo vivo e a lei da natureza é o movimento. Todos os dias temos contribuições novas”, ilustra Naíla.

A Língua Portuguesa é considerada, gramaticalmente, uma das mais difíceis do mundo

Desenhos rupestres como comunicação

É importante notar que não existe apenas um tipo de linguagem. De acordo com as especificidades de cada um, surgem, também, novas formas de se comunicar que levam em consideração as adaptações necessárias para que as mensagens cheguem da melhor maneira ao receptor. Sandra Gurgel destaca a presença de comunicações distintas na história da humanidade. “Na Idade das Cavernas, o ser humano ainda nem falava, mas por meio de desenhos rupestres - linguagem não-verbal - demonstrou a necessidade vital de se comunicar, de mostrar sua cultura e deixar registradas suas habilidades na caça e nas relações interpessoais”, comenta a linguista ao explicar que a língua vai além do objeto vocal e não se restringe apenas à fala.

Apenas no Brasil, 5% da população é surda. Este número, divulgado pelo IBGE, corresponde a 10 milhões de pessoas. Para viabilizar a comunicação destes cidadãos, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) aplica sinais manuais à comunicação de surdos. A partir da interpretação de símbolos gerais, o surdo consegue se integrar no mundo e partilhar dos assuntos que o rodeiam. E, ao contrário do que

muitos pensam, os códigos não são universais. Pelo contrário, os regionalismos também se aplicam a Libras. Muitos sinais variam de acordo com a região em que são utilizados.

Professor de Libras da Funad, José Daniel de Carvalho Lira é surdo e comenta a importância da Libras na vida de ouvintes e não ouvintes. Para ele, o aprendizado e a utilização da Libras é muito importante para o surdo, pois através dela é possível a superação de muitos obstáculos de comunicação, facilitando a compreensão entre surdos e ouvintes. “Como professor de Língua de Sinais, considero muito importante o fortalecimento do ensino dela, tanto para os surdos como para os ouvintes, pois, para o surdo, proporciona seu crescimento como indivíduo, facilitando sua inserção social como sujeito de direitos e deveres e fortalecendo sua cultura e sua identidade”, comenta Daniel.

Na tentativa de facilitar os processos de interpretação de linguagens, profissionais da educação investem na Educação Comunicação. Este recurso teórico-prático sugere transformações na forma de ensino tradicional considerando as mudanças pelas quais o mundo passa todo dia.

“Pescoço de texto” é dano causado à saúde pelo celular

Síndrome causa dor aguda ao usuário por conta da posição do pescoço e com o passar do tempo pode se tornar incapacitante

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Quanto tempo do seu dia você passa no celular? Uma, duas, três horas? Seja a trabalho ou por diversão, o uso do celular tem se tornado cada vez mais comum por pessoas de todas as idades. Uma pesquisa da empresa GlobalWebIndex constatou que, no Brasil, as pessoas dedicam mais de três horas diárias a esse aparelhinho que, apesar de útil em vários aspectos, o excesso de uso pode causar sérios danos à saúde. O problema não está no aparelho, mas na postura do usuário ao utilizá-lo. A flexão do pescoço em direção à tela tem provocado uma síndrome conhecida por pescoço de texto - do inglês text neck - que causa dor aguda e pode se tornar incapacitante.

Também chamada de doença do celular, esse problema é causado pela posição curvada do pescoço enquanto o olhar é voltado para o aparelho. O problema da postura provoca uma sobrecarga no pescoço que pode resultar em alteração óssea e, em consequência, muita dor. Pessoas de todas as idades podem desenvolver o problema se houver exagero no tempo de uso com postura incorreta, mas a faixa etária que corre mais riscos é entre 16 e 24 anos que são, justamente, os que passam mais tempo nas plataformas.

Os especialistas costumam não separar por idade, mas pelos fatores predisponentes da síndrome. “Quando o paciente já tem algum tipo de problema na coluna cervical, no eixo da coluna, algum desgaste, artrose, nas articulações e na musculatura da coluna, ela vai apresentar a dor e sintomatologia de forma mais precoce e de forma mais exuberante”, esclareceu o ortopedista e especialista em coluna Luiz Portela.

“É uma rotina nos prontuários de ortopedia os pacientes com queixas de dores cervicais e, quando ouvimos a história, está relacionado à postura e, principalmente, ao uso do celular. Temos percebido bastante aumento”, destacou o ortopedista Umberto Jansen. Ele explicou que a cada grau de flexão do pescoço quando se está de forma ereta, aumenta a sobrecarga na coluna cervical de 4 a até 10 vezes o peso normal.

“Pessoas passam, às vezes, o dia

nessa posição, flexionando o pescoço, em pé ou sentada, utilizando o celular. E o que isso vem acarretar? Além de dores na própria região cervical, com a evolução natural, e se essa pessoa também tiver predisposição ou algo genético no histórico familiar, pode desenvolver doenças crônicas na coluna cervical, levando à perda de força nos braços, dormência e até incapacidade de trabalhar”, alertou o especialista.

Nova patologia

Por ser uma síndrome, muitas vezes as pessoas não identificam exatamente o motivo da dor como sendo relacionada ao uso de aparelhos eletrônicos, a forma do posicionamento do pescoço enquanto estão lendo. Isso, conforme o ortopedista Luiz Portela, ocorre porque se tornou comum atualmente a leitura de forma digital. “Quase ninguém

mais lê revista, livro, é tudo digital. Com isso, a frequência de casos da síndrome aumentou muito e está cada vez mais comum nos consultórios. Tanto é que já se descreve como uma nova patologia”, informou.

O especialista esclareceu que não existe um tempo determinado para o início do diagnóstico porque cada organismo responde de uma forma. “Porém, quanto mais tempo ficar no uso do aparelho eletrônico, principalmente o smartphone e na posição incorreta, soma os principais fatores para o desenvolvimento da síndrome”, avisou.

O excesso de tempo aliado à postura errada contribui para desenvolver e piorar o problema. “A utilidade inicial do celular, que antes era somente para se comunicar, hoje parece ser secundária. Além de ser utilizado para diversão, o aparelho virou ferramenta de trabalho. O brasileiro é muito aficionado na utilização e, com a postura errada, acaba se prejudicando muito”, ressaltou Umberto Jansen.

“Hoje já se monitora bastante e temos percebido isso, mas a gente já vinha monitorando essa doença antes da utilização do celular dessa maneira com o uso dos computadores. E não atingia só a cervical, mas a lombar também. E agora está se tornando um problema mais perceptível”, acrescentou o ortopedista.



Dor é o principal sintoma relatado pelos pacientes

Os sintomas começam com uma dor que aparece no final do horário de trabalho, conforme relatos dos pacientes. “Ele lembra bem, começa a trabalhar e, no final do dia, começa a aparecer aquela dor incomodando, fica passando a mão. Com a progressão da doença, em pouco tempo de utilização naquela postura, o paciente começa a sentir a dor e tem que levantar a cabeça várias vezes durante o dia e, em casos mais graves, até parar de trabalhar”, explicou Umberto Jansen.

Para tratar a dor, são utilizados, inicialmente, analgésicos e anti-inflamatórios não hormonais sob prescrição médica. Porém, a abordagem não envolve só medicação. “Além dos medicamentos, tem que ter a postura, a fisioterapia e a mudança de hábitos, principalmente na utilização do celular”, acrescentou o especialista.

Como se não bastasse a dor, outra consequência da má postura é o surgimento de uma espécie de corcunda na altura do pescoço. “A gente diz que a corcunda é simplesmente o vício da postura. Ocorre uma atrofia dos ligamentos da região cervical. As pessoas sempre dizem: nasceu um lombinho aqui atrás. Mas, não é que cresceu o osso, é a hipertrofia dos ligamentos devido à postura”, esclareceu.

A boa notícia é que o problema pode ser corrigido e a estética não ficará comprometida, conforme assegurou o médico. “Tem sim correção, tanto através da fisioterapia analgésica e postural, e também outros mecanismos que a gente já tem

no mercado como quiropraxia, RPG (reeducação postural global), com uma adequação e ergonomia no trabalho para utilização do computador de forma correta. Não há indicação de cirurgia para retirada da corcunda. Com o tratamento correto, ela desaparece naturalmente”, garantiu.

O papel da fisioterapia

“O primeiro passo do tratamento é se afastar do fator causal, melhorar a postura, diminuir o tempo da leitura na parte recreativa, porque tem coisas que são mais essenciais e não há como diminuir, entre elas o trabalho e os estudos. Além disso, melhorar a ergonomia”, ensinou o ortopedista Luiz Portela, explicando como o pescoço é afetado.

Ele afirmou que quando uma pessoa está olhando para o horizonte, em linha reta, o pescoço suporta o peso normal da cabeça. “Cada grau de angulação feito para a frente, o peso vai aumentando de forma exponencial, e é isso que vai forçando a estrutura do pescoço, as articulações da coluna, os ligamentos, a musculatura paravertebral, vai focando e causando o principal sintoma que é a dor”, disse.

É nessa hora que a fisioterapia entra em cena com alongamento, fortalecimento da musculatura paravertebral, estabilização da coluna. As medidas são analgésicas e anti-inflamatórias com o uso do TENS, ultrassom, ventosas, agulhamento, além do fortalecimento e estabilização da coluna.

Mesa adequada com cadeira ergonômica

Não tem jeito. Se o paciente está sofrendo com o pescoço de texto, mas precisa trabalhar com o notebook ou mesmo no smartphone, é necessário seguir algumas orientações. O ortopedista Umberto Jansen explicou que, em primeiro lugar, é preciso ter uma mesa adequada, mantendo a tela do computador na altura dos olhos. A cadeira deve ser ergonômica.

“Tem que fazer uma ergonomia do seu local de trabalho. Não adianta ter um teclado muito baixo, uma tela muito baixa, uma cadeira mais alta do que a mesa. Tem que ter uma ergonomia para diminuir o impacto da postura”, ensinou.

Quem já se viu obrigado a procurar socorro médico para aliviar a dor, sabe como é difícil ter que dar conta dos afazeres domésticos, do trabalho, convivendo com a síndrome. “Para quem ainda não está sentindo nada, aviso que o melhor mesmo é buscar a postura correta ao usar o celular. Nunca pensei nisso e agora estou sofrendo muito porque a dor simplesmente não passa, nem com a medicação prescrita pelo ortopedista”, relatou a funcionária pública Luh Medeiros.

Ela iniciou a fisioterapia com o uso da estimulação elétrica nervosa transcutânea (TENS), infravermelho, alongamento, sessões com ventosas e massagem leve. “Mas, leva um tempo

para ver resultado. Enquanto isso, haja dor”, constatou. O trabalho exige que Luh Medeiros passe o dia inteiro à frente do computador e, seja a trabalho ou nas horas livres, também está sempre conectada no smartphone.

Pesquisa internacional

Divulgada em 2019, a pesquisa da GlobalWebIndex - empresa com sede em Londres - com 1,8 milhão de pessoas, mostrou que o tempo médio que um internauta fica conectado teve um aumento significativo, passando de 90 minutos em 2012 para 143 minutos diários em 2019, considerando apenas os três primeiros meses do ano.

No mundo, a América Latina é onde as pessoas ficam mais tempo nas redes sociais. De acordo com a pesquisa, em média, cada pessoa passa cerca de 212 minutos. Na América do Norte, essa média é de 116 minutos, sendo o nível mais baixo constatado.

Em relação aos países, o Brasil, com 225 minutos por dia de permanência nas redes sociais, só perde para as Filipinas, onde cada pessoa passa cerca de 241 minutos por dia conectada. Por outro lado, no Japão, o tempo gasto nas redes sociais é de apenas 45 minutos diários.



Foto: Prefeitura de Mulungu/Divulgação



Foto: Divulgação

Hospitalidade e religiosidade são marcas do povo de Mulungu

Município localizado no Agreste da PB tem 9,4 mil habitantes e recebeu nome em homenagem a uma espécie de árvore

José Alves
zavieira2@gmail.com

O município de Mulungu tem como principais pontos turísticos a Igreja Matriz de Santo Antônio, onde a cidade começou, e as inscrições rupestres existentes ao longo das margens do Rio Mamanguape. Localizada na região geográfica imediata de Guarabira, a 92km da capital João Pessoa, sua população totaliza 9.469, de

acordo com o Censo 2010 realizado pelo IBGE.

O município de Mulungu foi emancipado no ano de 1959, e está localizado no Agreste paraibano. Tem uma área 192km², e se limita com as cidades de Alagoinha, Guarabira, Aracagi, Mari, Caldas Brandão, Gurinhém e Alagoa Grande.

O nome Mulungu vem de uma árvore utilizada no tratamento da ansiedade e de outras doenças,

A religiosidade é mar-

cante no povo de Mulungu. A população comemora todos os anos, no dia 27 de setembro, a festa do padroeiro da cidade, Santo Antônio.

Na economia, os mulunguenses acreditam no potencial do setor agropecuário, no setor da indústria extrativa, na construção civil e no setor de comércio e serviços.

De acordo com levantamento realizado pelo IBGE, o índice de pessoas

ocupadas na faixa etária de 18 anos ou mais, também teve um aumento desde o ano de 2010.

Aproximadamente 40% trabalhavam no setor agropecuário, 7,29% na indústria extrativa, 6,30% na indústria de transformação, 9,80% no setor de construção, 0,71% nos setores de utilidade pública, 8,15% no comércio e 28,56% no setor de serviços. Nos dias atuais, os índices apresentaram quedas

por causa da pandemia.

Dados do Censo de 2010 mostraram que 68% da população morava em domicílio com água encanada e 98,95%, tinham energia elétrica em suas casas.

Atualmente, segundo informações do ex-morador Camilo dos Santos, Mulungu tem cerca de 60% de suas ruas calçadas, mas a maioria dos moradores é da classe média baixa. Ou seja, de pessoas que mo-

ram em casas humildes e ganham até um salário mínimo.

“Com todos os problemas existentes, os moradores são hospitaleiros e a cidade apresenta belas paisagens como a do Rio Mamanguape que corta o município. Uma das grandes atrações da culinária, são as barracas de sarapatel existentes na feira livre que religiosamente acontece aos sábados”, enfatizou Camilo.



Versões sobre a origem do nome da cidade

Segundo historiadores, o início do povoado se deu na fazenda Camarazal. O município recebeu o nome de Mulungu, devido a abundância de árvores que existiam próximas das margens do Rio Mamanguape, local onde formou-se o povoado.

Entretanto, historidores relatam que a denominação da cidade teve origem quando o filho de um fazendeiro rico se distanciou da fazenda em uma de suas caçadas. Perdido, foi encontrado pelos índios da tribo araguaia que o prenderam no tronco da árvore de Mulungu.

Ao saírem pela mata à procura de lenha para queimar o jovem, o rapaz orou para o Santo Antônio e fez a promessa que, se fosse salvo, iria doar terras ao milagreiro e construir uma igreja no local da árvore em que estava

preso. Logo em seguida, surgiu onde ele estava amarrado uma índia que sorriu para ele. Então, ele propôs a ela uma troca. Se ela o soltasse, ele se casaria com ela. A proposta foi aceita e a índia soltou o jovem, e ainda o ajudou a encontrar o caminho de volta.

Ao chegar em casa, o jovem contou para o pai tudo que lhe ocorrera e ele aconselhou o filho a casar-se com a índia. Em seguida, doou parte das terras para que fosse construída a capela de Santo Antônio. A construção foi iniciada em 1943 na parte alta da cidade.

O crescimento do povoado nas margens do Rio Mamanguape ocorreu em decorrência da presença dos tropeiros (condutores de tropas de cavalo ou mulas que transportavam mercadorias). Eles utilizavam a rota para descansar e comprar alimentos, antes de partir

para a capital paraibana.

Com o passar dos anos, e graças ao ambiente propício de água e solo fértil, os tropeiros acabaram se estabelecendo por lá, contribuindo para a povoação da área. Que foi intensificada com a chegada dos sertanejos que fugiam da seca, originando a Vila Camarazal.

Com a participação da população e o crescimento do povoado, foi feita a emancipação da cidade. Para comemorar o feito, foi realizado um desfile cívico com a participação de escolas municipais e bandas marciais de algumas cidades vizinhas. Uma curiosidade é que nome Mulungu permaneceu até 1943, logo mudou-se para Camarazal, mantendo-se por 5 anos, para novamente retornar à denominação de origem até os dias atuais.

Foto: Reprodução



Mulungu é uma árvore que é bastante encontrada onde foi fundado o município, assim como em outras regiões do Nordeste

História sobre trilhos

A estação do município foi inaugurada em 1883, quando a cidade ainda pertencia a jurisdição de Guarabira e chamava-se Camarazal. A linha seguia em direção à cidade de Guarabira (1884) e também para o município de Alagoa Grande(1901), sendo desativada no dia 9 de julho de 1979.

No período em que estava em funcionamento, o sistema ferroviário contri-

buiu para o crescimento do povoado, não apenas com o transporte da população, mas também com a distribuição dos produtos cultivados na região.

Por ser fundamental para o desenvolvimento da localidade, a linha férrea de Mulungu está presente na coroa do brasão da cidade, representando o avanço econômico juntamente com a árvore que deu origem ao nome da região.

Foto: Reprodução



Foto: Reprodução





Foto: Divulgação

Foto: Roberto Guedes



Segundo Dantas, o Ilumiara é o sucessor dos movimentos Arraial, Experimental e Romançal, tendo relação com o Brasil atual, que precisa de muita luz

Movimento Armorial tem novos projetos

Filho de Ariano Suassuna, Manoel Dantas fala sobre o resgate das obras do pai e a nova fase do movimento: o Ilumiara

Cairé Andrade
caireandrade@epc.pb.gov.br

O artista plástico Manuel Dantas Suassuna leva adiante os ensinamentos do pai, Ariano Suassuna (1927-2014), e explora os aspectos do Movimento Armorial, este com seus completos 50 anos, comemorados em 2020. Em meio à pandemia, Dantas se dedica a projetos paralelos que se cruzam entre os de sua própria carreira e os feitos do genitor. Entre eles, está a parceria com a editora Nova Fronteira, que relança, aos poucos, toda a obra do dramaturgo paraibano.

“A gente tinha várias atividades dentro da programação comemorativa dos 50 anos do Movimento Armorial, mas por enquanto foram adiadas. Estamos aguardando para que se possa fazer algo ainda neste ano”, menciona Dantas Suassuna, que pretende realizar uma mostra comemorativa em homenagem ao movimento no segundo semestre. “A base vai ser a exposição de lançamento do movimento, cujo acervo está na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)”.

Paralelamente, Dantas e equipe estão lançando títulos entre inéditos e republicações em parceria com a editora Nova Fronteira. *A pensão de Dona Berta e outras histórias para jovens* é

uma das novidades, publicada no mês passado e ilustrada pelo próprio Dantas Suassuna. A antologia é baseada nas aulas-espetáculo e demais histórias que Ariano Suassuna costumava contar, passando pelos “causos” e lembranças da juventude, em uma seleção realizada pelo pesquisador Carlos Newton Júnior.

Outro plano para este ano é o lançamento de uma edição comemorativa de 50 anos de *O Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. “Também estamos organizando o lançamento de *Poesia Completa de Ariano* e uma nova edição de *O Rei Degolado*”, completa Dantas.

A iniciativa tem como objetivo lançar a obra completa de Ariano pela Nova Fronteira e os próximos devem integrar títulos como *Teatro Completo de Ariano Suassuna* (2018), *A História do Amor de Fernando e Isaura* (2019) e *Farsa da Boa Preguiça* (2020).

Entre as atividades nos tempos pandêmicos, a alternativa seguida por Dantas Suassuna foi a participação em eventos on-line. “Por estarmos sem poder nos reunir presencialmente, participei de algumas videoconferências, como a comemorativa aos 50 anos do Movimento Armorial pela Universidade Federal Fluminense”, destaca. O evento aconteceu em

agosto e promoveu o lançamento de uma nova fase do Movimento Armorial, criada por Dantas e intitulada como Movimento Ilumiara, que sucede os movimentos Arraial, Experimental e Romançal. “Acredito que os seguidores do Movimento Armorial estão nesta nova fase, relacionada à partida de Ariano. Sempre me perguntavam como o movimento seguiria após sua ida. Mas vejo que estamos em um momento novo, relacionado à palavra que ele criou que significa um lugar sagrado, iluminado. Tem muito a ver com o Brasil que a gente está vivendo e que precisa de muita luz. Achei que o nome seria adequado”.

Entre os trabalhos artísticos pessoais, Dantas Suassuna nos últimos dias esteve em uma viagem para a realização de uma consultoria, no interior baiano. “Depois passei um período em Taperoá (PB) pintando e, recentemente, tive um projeto aprovado pela Aldir Blanc para a realização de um vídeo com a professora Suelma Moraes, o qual contou com parte das filmagens na Pedra do Ingá, Agreste paraibano, bem como na Ilumiara Jaúna, na região próxima a Taperoá, e na Fazenda Acauã, em Aparecida (PB). O projeto é intitulado *Sagração dos povos de landarra* e ainda não tem data definida para lançamento”.

A Ilumiara Jaúna faz parte da paixão de Ariano Suassuna por Taperoá, onde passou parte significativa de sua infância e à qual faz referência em suas obras, a exemplo do romance *Dom Pantero no Palco dos Pecadores*, finalizado pouco antes de sua morte e com publicação póstuma. Os caminhos entre Dantas e Ariano se cruzam por diversas vezes, algo que consiste na relação com a trajetória criada pelo pai e suas referências sobre a cultura regional, essas mesmas buscadas por Dantas como afirmação de uma identidade nordestina, necessária nos dias atuais, em suas palavras. “No final do ano passado, abrimos a área externa da casa no Recife, onde ele morava, para uma exposição de cerâmica com obras de Zélia Suassuna, Denise Suassu-

na e minhas. As pessoas vinham conhecer a parte externa da casa e recebemos bastante visitas”, recorda o artista.

Além da mostra sobre o cinquentenário do Movimento Armorial, há os planos para a realização de uma exposição itinerante, batizada de *Avoenga*. “Estou atrás de recursos para investir nessa exposição e fazê-la andar pelo Nordeste”.

Neste ano haverá o lançamento de uma edição comemorativa de 50 anos de ‘O Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta’

Foto: Divulgação



Com referência em suas obras, a Ilumiara Jaúna faz parte da paixão de Ariano Suassuna por Taperoá

+ Dantas Suassuna destaca figuras femininas importantes de Ariano

Foto: Tasso Marcelo/Estadão Conteúdo

Um dos pilares do Movimento Armorial se refere à identidade regional e ao sentimento de reconhecimento da cultura nordestina em seus plurais elementos. Nos dias atuais, com o bombardeio de informações a todo momento, Manoel Dantas Suassuna argumenta a necessidade de olhar para a identidade local e para o que ela representa no contexto de referências regionais.

“Estamos sempre recebendo muitas ideias de fora e a nossa identidade fica submetida a outras culturas, então é importantíssimo manter as ideias do Movimento Armorial como o Movimento Ilumiara, na qual pensamos em um novo Brasil, em iluminá-lo em busca de uma nova arte brasileira. É um reflexo do momento. O Nordeste tem uma forte e rica cultura dentro

desse aspecto que mistura o erudito com o popular”.

A figura feminina, para Dantas, passa por uma relação direta com o sagrado e com o sensível. “A minha exposição *Vestal*, a primeira que chegou à Paraíba (em 2019), fazia referência à mulher guardiã do fogo sagrado. Eu vejo o feminino como essa representação de guardiã da nossa existência. O princípio de tudo, para mim, é feminino e a exposição tinha o foco nesse olhar”, explica o artista plástico.

No caso do pai, Dantas Suassuna destaca a principal obra, *Auto da Compadecida*, da qual protagoniza a figura da Nossa Senhora Aparecida. “Isso é simbolicamente muito forte, um ser feminino, sensível e muito justo. A *Compadecida* é o maior símbolo dessa questão relacionada ao feminino na obra dele. É ela

quem resolve todas as questões trabalhadas na obra. Acredito que as mulheres tenham essa sensibilidade mais aguçada, esse olhar mais conciliador”.

Na vida de Ariano, a figura feminina também foi essencial no que se refere à sua visão de mundo e à criação de sua obra. Segundo Dantas, havia uma “paixão indescritível”, entre Ariano e Zélia Suassuna. “A união dos dois era uma coisa que raramente a gente encontra. Ele mesmo costumava dizer que sua vida se dividia em duas partes: antes e depois de encontrar Zélia, como se o mundo abrisse uma luz para ele. Tãmanha era sua importância”.

Ariano ao lado da sua esposa, Zélia Suassuna, em 2007: vida do dramaturgo e escritor paraibano se dividia antes e depois dela



Artigo Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

A volta de Jesus

A segunda vinda de Jesus Cristo, como quase todo grande e complicado problema teológico, gera controvérsias que se arrastam há milênios. Ela é a base de crenças de grupos fundamentalistas, como as Testemunhas de Jeová, que afirmam que o mundo será destruído em breve no Armagedom. Suas doutrinas se apóiam em exegeses bíblicas sinuosas, numa busca para relacionar acontecimentos históricos atuais ao cumprimento de antigas profecias.

A pregação de Jesus no Monte das Oliveiras é um dos momentos altos nessa discussão, por causa dos indícios que antecipariam o fim mundo. Entre eles estão questões humanas como guerras de nações, decadência moral, esfriamento do amor, aparecimento de falsos profetas, pregação das boas-novas em toda terra habitada; catástrofes naturais como pestes, escurecimento do sol e da lua, queda de estrelas, fomes, terremotos, etc.

Nessa mesma ocasião, Jesus diz aos seus discípulos: “em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam”. Não é difícil deduzir que esse é o nó górdio dessa história. A geração que Jesus se referia morreu sem que nada daquilo tivesse acontecido.

Esse fato forçou os teólogos a encontrarem subterfúgios, reformulando as interpretações dos textos. Passaram então a afirmar que todas as coisas descritas por Jesus teriam sido presenciadas por alguns discípulos durante a transfiguração ou que a geração na verdade seria outra. Evidentemente são formas de salvar a profecia



Pregação de Jesus no Monte das Oliveiras tem indícios que antecipariam Armagedon

Foto: Divulgação

do fracasso, evitando, assim, atribuir qualquer erro escatológico a Jesus. O que não parece nada convincente, mas um artifício *ad hoc*.

A maior parte dos sinais apocalípticos descritos no Monte das Oliveiras são tão genéricos e recorrentes que podem ser encontrados em boa parte da história da humanidade. Com exceção da pregação dos evangelhos, o apagão do sol e da lua, e a queda das estrelas – desde que não estejamos falando de eclipses e estrelas cadentes –

não há nada de realmente singular.

Por outro lado, tal generalidade, que do ponto de vista lógico torna objetivamente impossível cravarmos quando sobrevirá o fim, permitiu que cristãos em diferentes épocas aplicassem a leitura desses indícios a sua própria geração.

Isso se agravaria ainda mais perto da virada do milênio. Historiadores como Richard Landes dizem que ocorreu uma onda de pânico na Europa no final do ano de 999. Os camponeses foram os mais afetados com o temor apocalíptico.

A data, afinal, era bastante sugestiva. Observe que se invertemos 999 obtemos 666, número que simbolizaria a besta. É bastante natural que as viradas de ano inspirem prognósticos sobre o futuro e desejos de como gostaríamos que ele fosse. Elementos subjetivos como estado de espírito e objetivos como níveis de desenvolvimento socioeconômicos de um país, saúde, crenças sociais, emprego e situações de paz exerceriam também forte influência sobre as expectativas das pessoas.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

O dever social da arte

A arte pode ser uma necessidade vital do ser humano e surge da relação entre o homem e seu espaço social. A arte expressa as necessidades essenciais da humanidade, seja coletiva ou individual. As representações artísticas nos permitem compreender a história dos povos em cada período e também de interpretar a natureza humana. Podemos afirmar que existe uma materialidade que impulsiona a causa da criação artística, que é potencializada por pulsões conscientes ou inconscientes dos fatores psíquicos.

A natureza humana dá sentido à arte quando sua representação constitui o desenvolvimento das funções sociais e econômicas, que possibilita a dignidade humana e o desenvolvimento econômico do Estado. Nesse contexto, o autor da obra de arte expressa o seu poder transformador diante da cultura e o compromisso de fazer arte com significados presentes no contexto social em que está inserido, portanto, a função social da arte aponta o que é desumano e tem a força duma revolução. Desse modo, a obra de arte adquire novos conceitos em cada período, e modifica a forma do cidadão ver e pensar o mundo, porque a arte – de cada cultura – revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os cidadãos em sociedade, e agir com dignidade, pertencimento e com o mais intenso respeito as diferenças.

A arte é necessária para que o cidadão se torne capaz de conhecer e humanizar o meio social. Toda arte faz-se necessária para o desenvolvimento da capacidade reflexiva, criativa e crítica do cidadão, bem como para despertar saberes sensíveis para com a sociedade em que vive. A finalidade da arte é contribuir na formação – dos cidadãos – de forma mais críticos e criativos, que atuarão na transformação da sociedade, a fim de firmarem o pertencimento e o bem-comum.

O governo Chinês fez do pianista Lang Lang (1982) um ícone nacional, a fim de construir uma revolução numa nova imagem da China. Essa transformação deu-se através da necessidade de humanizar às Leis de Estado e massificar a arte entre todos



Lang Lang influenciou a humanização do Estado Chinês

Foto: Divulgação

chineses, apesar da China ser um país desgastado com a exploração da força de trabalho escravo. A projeção internacional de Lang Lang influenciou o Partido Comunista Chinês de criar novas ideias humanistas, isso gerou mais recursos que foram investidos em arte, educação, saúde, tecnologia e ciência. O Estado Chinês deu a certeza de que humanizar às Leis é tornar uma nação mais inteligente. Os chineses potencializaram o novo sentido à vida, a partir duma educação erudita, a fim de vivenciar uma existência estética. Lang Lang – por ser oriental – apresenta uma dinâmica intimista, geralmente ele conduz os temas e frases musicais de forma lírica e com uma densa espiritualidade.

Lang Lang iniciou os estudos na música através do piano com a idade de três anos. Aos cinco anos, ele realizou o primeiro recital público e ganhou o Concurso de Piano Shenyang. Lang Lang entrou para o Conservatório Central de Música de Pequim aos nove anos. Aos onze anos, ganhou o primeiro prêmio pelo desempenho artístico excepcional no Quarto Concurso de Jovens Pianistas de Ettlingen, na Alemanha. Aos quatorze anos, ele foi solista no concerto inaugural Orquestra Sinfônica Nacional da China.

Concluo este texto com fragmentos do discurso de Chaplin (1889-1977) no

filme *O Grande Ditador* (1940):

[...] O estilo de vida poderia ser livre e belo, *mas nós perdemos o caminho. A ganância envenenou a alma do homem, criou uma barreira de ódio e nos guiou no caminho de assassinato e sofrimento. Desenvolvemos a velocidade, mas nos fechamos em nós mesmos. A máquina, que produz abundância, nos deixou em necessidade. Nosso conhecimento nos fez cínicos; nossa inteligência nos fez cruéis e severos.*

[...] *Pensamos demais e sentimos muito pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de gentileza e bondade. Sem essas virtudes, a vida será violenta e tudo será perdido.*

[...] *Aos que me podem ouvir eu digo: “Não se desesperem!” O sofrimento que está entre nós agora é apenas a passagem da ganância, a amargura de homens que temem o progresso humano.*

[...] *O ódio do homem vai passar e os ditadores morrerão. E o poder que que eles tomaram das pessoas, vai retornar para as pessoas. Enquanto os homens morrerem, a liberdade nunca se acabará.*

[...] *Não se entreguem a esses homens artificiais. Homens-máquina, com mente e coração de máquina. Vocês não são máquinas, não são desprezíveis! Você é homem! Você tem o amor da humanidade no seu coração. Você não odeia, só os que não são amados e não naturais que odeiam.*

[...] *Portanto – em nome da democracia – vamos usar desse poder, vamos todos nos unir! Vamos lutar por um mundo novo, um mundo decente, que dê ao homem uma chance de trabalhar, que dê um futuro a juventude e segurança aos idosos.*

■ Na extensão desse texto, sintase convidado para a audição do 309 Domingo Sinfônico deste dia 14, das 22h às 0h, na rádio tabajara FM 105.5 ou baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer as contribuições do pianista Lang Lang, que influenciaram a humanização do Estado Chinês. Ele irá interpretar peças do húngaro Franz Liszt (1811-1886), do alemão Johann Sebastian Bach (1685-1750), do austríaco Franz Peter Schubert (1797-1828); do polonês Fryderyk Franciszek Chopin (1810-1849) e do russo PiotrIlitch Tchai-

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

A inominável

Por esses dias estive conversando com uma mulher de mais 80 anos. Uma linda mulher. Ela não é uma pessoa extremamente vaidosa, com toques racistas, traços de ódio cenas que aparecem quase involuntariamente e um vasto leque de preconceitos e idiossincrasias bobas. Não, essa mulher é sempre, uma nova mulher.

Enquanto conversava com ela, e falávamos de amores, do tempo da delicadeza, avançávamos contra a ignorância e ela mudou de assunto, me contou histórias antigas. Uma delas, que aqui em João Pessoa, numa década longínqua as pessoas diziam que não liam Jorge Luís Borges, porque e ele era de direita. Minha amiga sempre leu muito, e nunca deu atenção aos guetos do contra.

Ela tem outra visão, que me alegra do mundo (falamos uma hora e 16 minutos ao telefone) e não me canso. É muito inteligente, aliás, não gosto dessa palavra inteligente, porque existem por aí os inteligentinhos. Ela tem cultura e sabe muito mais que determinadas pessoas, que conto nos dedos.

Sempre pensei nela como uma revolução, uma mulher forte, brigando com o poder a vida toda oferecer um prato de comida para os alagados, aflitos, esquecidos e gerais.

Eu vi essa minha amiga passar noites na Praça de João Pessoa, quando a comunidade de Alagamar, os camponeses, acamparam a praça gritando seus direitos, em 1978. Até o presidente Geisel viu a manifestação dos operários.

Lembro do arcebispo Dom José no meio da multidão. Eram centenas de camponeses que se concentraram diante do palácio do governo da Paraíba, exatamente no dia da visita do presidente Ernesto Geisel a João Pessoa. Eles representavam 400 famílias de lavradores, ameaçadas de despejo das terras em que trabalhavam havia 30 anos na região conhecida como Grande Alagamar, no interior do Estado. Parecia um filme.

Impedidos de entrar no palácio, os camponeses conseguiram chamar a atenção do general com seu casaco verde, erguendo faixas e cantando sua luta.

Minha amiga é idêntica a esse povo, que agoniza pela vida, diante do poder que gira em falso e gratuitamente. O pensamento dela me enche de esperança. Quase nunca conseguimos desligar o telefone, quando ela me disse: “sou uma nova mulher, dentro de mim nasce outra mulher mais forte”.

Vamos pensar que eu sou apaixonado por ela e não importa a idade, sua presença me anima, me excita e é preciso aprender sempre e cada vez mais a desapegar-se de si e da vida sozinha. Não importa a idade, eu mantenho minha fome de viver. Eu sou um pescador que aprendi a pescar.

Quando eu ainda morava na rua General Osório, em frente ao a Igreja de São Bento e o silêncio imperava, eu só tinha vontade de perder um amor para encontrar outro. Isso não aconteceu.

Essa bela mulher, foi morar na praia, para dormir e acordar ouvindo o barulho das ondas do mar. Eu ficava olhando pela janela do meu coração (nunca um voyeur), esperando o sol sair da minha cabeça e ela aparecer na varanda.

Na casa dela tem livros. Lembro dela gravando fitas cassetes de livros inteiros para mandar para pessoas interessadas nos temas, eram livros em espanhol. Recentemente, numa determinada visita, todas as nossas energias se juntaram no enorme jardim e saíram de nós a se dissipar para não avançarmos sinais.

Eu sei, sabia, que realmente precisamos de coragem. Mas que isso, de mãos carinhosas e só assim eu entenderia, eu faria, eu seria, eu veria muito mais com a linguagem do corpo.

Fui embora cuidar da minha vida e nunca nos separamos. Foi melhor assim, só a lembrança do vapor na vidraça.

Ela jamais cantaria Lupicínio Rodrigues: ela jamais me mandaria embora. Ela disse assim...

Kapetadas

- 1 - E então como é para você não ser eu?
- 2 - O que precisamos fazer pra pessoa ver aquilo que sentimos e ela veja? Nada. O tempo é senhor de destinos.
- 3 - Som na caixa: “Eu agradeço estas homenagens que vocês me fazem / Pelas bobagens e coisas bonitas que dizem que eu fiz / Receber os presentes, isto eu não tenho coragem / Vão entregá-los a quem de direito deve ser feliz”, Lupicínio Rodrigues.

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Foto: Divulgação

Cena final da minissérie francesa 'O Chale', quando toda trama sinistra é revelada

Excesso de flashbacks: a nova tendência dos seriados de TV

A narrativa cinematográfica clássica sempre teve sua marca linear. Pelo que estudei e conheço, ela deveras obedece à fórmula de “começo-meio-fim”, regra básica adotada pela arte-do-filme, desde que foi criada para contar suas histórias – sobre fatos reais e/ou ficcionais. Não terá sido sem razão que, essa “diegese gramatical” adotada pelo cinema seja um legado herdado do teatro.

Atualmente, em razão das construções seriadas para a TV, possivelmente essa tradicional regra venha sendo quebrada, fazendo com que as narrativas sejam dosadas com o recurso do flashback. Que faz com que o passado de uma história venha explicar/justificar o presente dessa mesma história. Contudo, o excesso desse recurso torna o enredo confuso, mesmo quando se pauta em determinada figura dramática, também em vários personagens.

Sobre o seriado que assisti esta semana na Netflix, *O Chale* (*Le Chalet*), é possível ter existido uma manifesta frustração em quem também o assistiu, quando o argumento chega ao seu ápice com cenas excessivamente repetidas, devido a inclusão

de flashbacks. Sobretudo, quando esse contexto narrativo não é bem construído, como é o caso de *Le Chalet*, minissérie francesa em seis capítulos, de autoria de Alexis Lécaye e Camille Bordes-Resnais, que estreou em 2018 no France 2, considerado o canal mais acessado da França.

Drama de suspense que se passa nos Alpes franceses, numa região verde e montanhosa, cujo acesso é através de uma escarpada ponte, que sofre danos quando uma enorme pedra se desprende da colina, justo no exato momento em que os casais a travessam. A partir daí, o enredo ganha a face do sinistro. Por sinal, uma cena chocante e bem construída cinematograficamente.

Para que se entenda a história de *O Chale*, sua sinopse (*in verbis*) diz o seguinte: um grupo de amigos vai passar as férias em um chalé remoto nos Alpes franceses e é apanhado numa armadilha fatal, quando uma tragédia do passado será agora vingada. Acompanhado de alguns amigos, um casal vai buscar no vilarejo de Valmoline um ajuste de contas deixado 20 anos atrás.

Nesse interregno de tempo, fatos inexplicados aconteceram, tanto nos arredores como no próprio chalé abandonado havia duas décadas, outrora ocupado por um casal brutalmente assinado. Anos depois, sendo visitado por familiares seus, crianças e jovens no passado. Os novos ocupantes passam então a viver sob a desconfiança dos atuais moradores do vilarejo.

Não diria ser um seriado de terror (como alguns afirmaram), mas de puro suspense. A narrativa histórica sobre as famílias se pauta entre o que aconteceu no passado e o que hoje vivem os ocupantes do chalé, após sua abrupta chegada ao vilarejo. E aí, bom que se atente para uma narrativa bem rebuscada, em flashback, voltando todo tempo ao passado dos personagens ainda adolescentes, justamente para justificar as estranhezas então vividas no presente pelos atuais inquilinos do chalé.

É um seriado inovador, de uma curiosa narrativa, com alguns excessos de linguagem, até admito, que aconselharia com reservas. Mais “coisas de cinema”, acesse nosso blog: www.alexssantos.com.br.



APC realiza 'live' e pauta novas ações

A Academia Paraibana de Cinema (APC) realizou na quarta-feira passada (dia 10) mais uma reunião de sua diretoria. O encontro, que foi virtual, contou com a participação da presidente da APC, a atriz Zezita Matos, e de membros de sua diretoria, então representada pelos acadêmicos João de Lima, Alex Santos, Fernando Trevas e João Carlos Beltrão.

Em pauta, dentre outros vários assuntos, foi proposta a reapresentação do documentário Parahyba, do acadêmico Machado Bittencourt, como mais uma importante ilustração histórica da APC direcionada às escolas públicas do Estado. Outro nome lembrado no encontro foi o do acadêmico Jurandy Moura, por suas realizações nos anos 1960 e 70.

Material audiovisual inédito celebra os 107 anos de Carolina Maria de Jesus

Neste domingo, a escritora, compositora e poetisa mineira Carolina Maria de Jesus (1914-1977) faria 107 anos. Conhecida por seu livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, publicado em 1960, está disponível na Internet uma matéria inédita e entrevista exclusiva com o seu biógrafo, o jornalista Tom Farias.

Através do site do Itaú Cultural, a reportagem inédita reforça a importância da escritora para a literatura brasileira. Em 2017, quase 60 anos depois da publicação de *Quarto de Despejo*, a história dela foi registrada por Farias em *Carolina – Uma Biografia*, publicada pela editora Malê.

Outra entrevista que pode ser conferida na página da instituição na web é com a professora Nágila Oliveira, fundadora e editora da *Revista África e Africanidades*, um periódico on-line que, desde 2008, promove e subsidia o debate acadêmico e pedagógico sobre temáticas africanas e afro-brasi-



Carolina Maria de Jesus assinando o seu livro 'Quarto de Despejo', em 1960

leiras. É dela, por exemplo, o curso Introdução à Literatura de Carolina Maria de Jesus, que apresenta e fomenta reflexões em torno da biografia e produções literárias da autora.

A autora natural de Sacramento (MG) viveu boa parte de sua vida na favela

do Canindé, na Zona Norte de São Paulo, sustentando a si mesma e seus três filhos como catadora de papéis e outros materiais recicláveis. Em 1958, tem seu diário publicado, com auxílio do jornalista Audálio Dantas. *Quarto de Despejo* fez tanto sucesso que che-



Através do QR Code acima, acesse o site oficial do Itaú Cultural

gou a ser lançado em mais de 40 países.

Após o lançamento do seu primeiro livro, Carolina Maria de Jesus mudou-se da favela, gravou um disco com composições próprias e continuou a escrever, publicando obras como *Casa de Alvenaria: Diário de uma ex-Favelada* (1961), *Pedaços de Fome* e *Provérbios* (ambos de 1963).

Em 1977, no dia 13 de fevereiro, morreu em Pareiheiros, distrito de São Paulo, vítima de uma crise de insuficiência respiratória.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

Lendo poetas

Em *Ócios do ofício* (Curitiba: Instituto Memória, 2019), de Weliton Carvalho, chamam-me a atenção, entre outros poemas, *Graciliano Ramos* e *Os olhos de Clarice Lispector*, precisamente porque sinalizam, nas táticas de suas respectivas composições, para o exercício da leitura e para a vivência da atitude admirativa. Os dois poemas se resolvem enquanto instância dialógica e trazem à tona certas afinidades eletivas que o poeta cultiva enquanto leitor, ponderando, assim, sobre os “ossos do ofício” implicados no ato da criação literária. Em certo sentido atende aos apelos da ecfrase estilística, na medida em que, em cada texto, procura ressaltar elementos ou características da linguagem e do modo de compor do outro.

Do escritor alagoano, diz o eu poético nas duas primeiras estrofes: “A frase curta, / exata e plural: / toda singular. // Nada falta / nem sobra: seco e exato”, para fechar o poema desta maneira: “O texto desnudo / de todo adereço: / silêncio e grito”. Eis, aqui, na síntese medular da linguagem poética, ingredientes de base que revivem a lógica depurada da expressão no autor de *Vidas secas*. No outro poema, o eu lírico se enuncia em torno de atributos como “oblíquos”, “transversais”, “desconcertantes”, para caracterizar a “quântica vida que transborda” na palavra da autora de *Água viva*, pois “Os olhos de Clarice nos clareiam”, mesmo que “felicemente” só consiga “contemplar esse mistério”. Para além destas referências mais explícitas, é preciso salientar que esta coletânea, já desde o título e seus chamamentos significativos, assume, na maioria de suas peças, o compromisso com a reflexão metapoética, com a tendência de fazer o poema pensar o próprio poema. Claro que outras motivações aparecem, ampliando a captura lírica. No entanto, a incidência da problemática do processo de criação parece prevalecer, a exemplo do que demonstram, entre outros, poemas como: *Página a um poema*, *Ossos do ofício*, *Linguagem*, *Gullar*, *A criação*, *Drummond*, *Lírico* e *Lírica* e *hermenêutica*.

Weliton Carvalho é natural do Maranhão, juiz de direito e publicou os seguintes livros de poemas: *Calendário lúdico* (1998), *Descobrimento do explícito* (2000), *Sustos do silêncio* (2001), *Tempo em conserva* (2006), *Geometria do lúdico* (2008) e *Escandalosa lírica* (2013).

Em *Delações* (Cabo Frio: RL: Helvitia Edições, 2020), Daniel Blume, exercitando uma dicção de teor minimalista, aposta sobretudo na desclichetização dos enunciados e intenta sondar a palavra pelo rastilho das tiradas surpreendentes. Seus assuntos se prendem a poetas, personagens, lugares e corpos a cobrir uma esfera motivacional bastante variada.

À dimensão lúdica, que vezes comparece aqui e ali, se somam o espírito crítico, o traço irônico, o método paródico que tendem a fazer de sua poesia uma espécie de “faca só lâmina” cheia de efeitos estéticos, em que a sutileza da percepção se adequa perfeitamente à medida controlada dos versos. Em *Língua*, por exemplo, a metalinguagem se mistura ao tom erótico da expressão, naquilo que eu identificaria como uma espécie de achado poético. Vejamos: “Na abundância dos versos / adoro tirar palavras da tua boca”. Observemos este outro exemplo, em *Silêncio*: “As palavras causam dor / quando o silêncio é música”. Já em outra clave, e ultrapassando o circuito dos vocábulos, para rastrear o lirismo irônico e filosófico, confira-se o que o eu poético enuncia em *360 graus*: “A promessa do engodo / é mudar / para tudo ficar / como está”, ou na inversão semântica de *Pergaminho*, cheia de possibilidades significantes: “Quando me leem / teus olhos / me despem, / ao abrir mapas / em minhas maçãs”. Em *Sobre a vida*, este pedido, quase uma súplica: “Por favor / não me morra. // Viva-me”.

Daniel Blume é maranhense, membro do PEN Clube do Brasil e advogado. Publicou os seguintes livros de poemas: *Inicial*, *Penal* e *Resposta ao terno*.

Em *Etéreo* (São Paulo: Editora Patuá, 2020), Ed Porto busca o poético em tempo de peste, em dias pandêmicos, como que a retirar do espanto luminoso das palavras o antídoto que pode neutralizar o veneno do vírus. A poesia, aqui, absorve as possibilidades inefáveis das redes sociais, sem impedir, contudo, a hipótese nefasta de que o mal já existe no homem antes das pandemias. Leia-se o poema *Neurose*, por exemplo: “Rede social para o isolamento social? // Só a rede salva // ou a alma humana / já estava insana / antes do vírus fatal?”. Ao lado dos reflexos psíquicos da covid-19, o poeta retoma seus motivos de sempre, sempre afeito a um tom que associa o humor ao lirismo confessional, lançando mão dos apetrechos coloquiais da linguagem, do à vontade expressivo típico dos de 1922 ou dos marginais de 1970, preocupados em desataviar a linguagem, em “torcer o pescoço da eloquência”, para me socorrer da célebre expressão de Verlaine. Não vejo melhor amostra do que digo no poema *Reizinho imundo*, excelente exercício, a que não falta humor e crítica: “Nunca me imaginei face a face com o inimigo / Me intrigo ainda mais sabê-lo invisível / E o incrível é que ele invade os olhos / narinas e a boca e nos sufoca / O cara não atira pelas costas / Ele me fita, me cheira e desgosta / e prostra-me a mim e aos que chegaram perto / Decerto merece por ora o cetro e a coroa / este reizinho imundo que cairá por certo”.

Ed Porto é paraibano de Campina Grande. Professor da UFPB. Publicou os seguintes livros de poemas: *Anônimo* (2004), *Ária literária* (2006), *Tra(i)nspiração e outras coisas* (2007), *Mosaico* (2009), *Quintessência* (2012), *Múltiplos* (2015) e *Iarandara* (2018).

Obras para crianças de Itamar Assumpção ganham coleção

Dezoito anos após a morte do músico paulistano, começa a ser lançado neste mês uma série de livros infantis

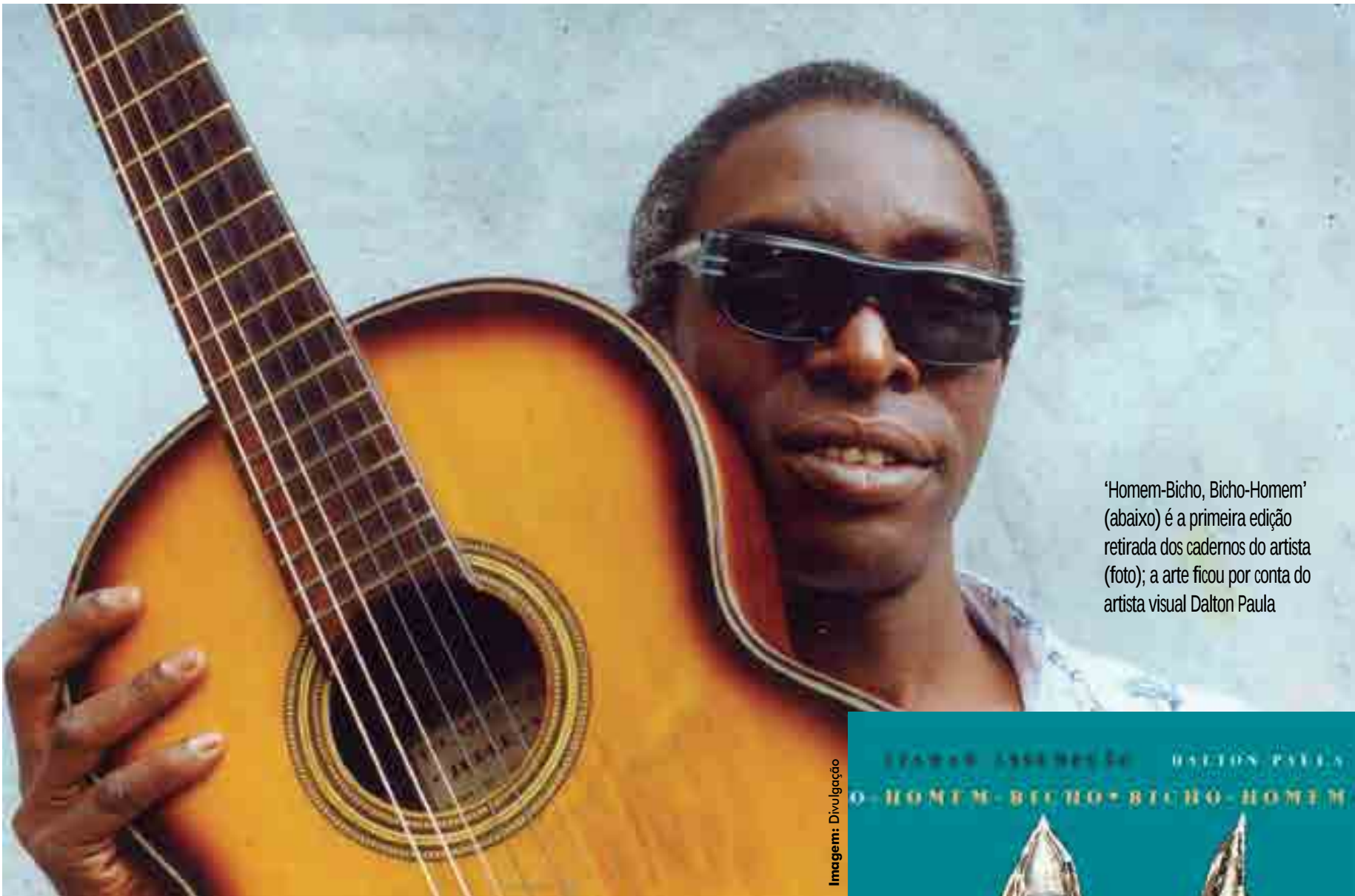
M^a Fernanda Rodrigues
Agência Estado

A certa altura da vida, possivelmente na virada dos anos 1990, um inquieto Itamar Assumpção decidiu que escreveria histórias para crianças. Fez uma primeira, sobre formigas, e mandou para a poeta Alice Ruiz S ver o que ela achava. Era enorme, ele ouviu – e pediu para ela deixar “do jeito que criança gosta”.

Alice editou o texto, sugeriu um título e devolveu a história para o amigo, mas os dois não conversaram mais sobre isso. Afinal, como ela recorda agora 20 anos depois, Itamar tinha coisas mais urgentes com que lidar. O câncer avançava. O músico morreu em 2003, aos 53, e o sonho dele se tornou projeto de sua filha Anelis que apresenta este mês o primeiro livro da coleção Itamar Para Crianças: *Homem-Bicho, Bicho-Homem. A Formiga É Formidável* deve sair ainda este ano.

Ao lado de Anelis na tarefa de transformar os cadernos de Itamar em livros para crianças estão a própria Alice e Isabel Malzoni, editora da Caixote, responsáveis pela edição dos textos, e o artista visual e educador Dalton Paula, que ilustrou este primeiro livro e já trabalha nos próximos *O Jabuti, A Formiga É Formidável* e *As Borboletas*. Todos seres que habitavam o quintal de sua infância, em Tietê, o quintal onde viu crescer suas filhas Anelis e Serena (1977-2016), na Penha, e o da imaginação.

“Meu pai era uma pessoa que vivia plantando e replantando. Em casa, o quintal sempre foi mais importante do que os quartos. A gente teve um jabuti. Meu pai podia passar horas esperando um botão de flor nascer; nos acordava de madrugada para ver também e ficava frustrado quando pegava no sono e perdia. O mesmo acontecia com os casulos. E ele



‘Homem-Bicho, Bicho-Homem’ (abaixo) é a primeira edição retirada dos cadernos do artista (foto); a arte ficou por conta do artista visual Dalton Paula

Imagem: Divulgação



cuidava das plantas que estavam doentes. Aprendi coisas do mundo ali”, conta Anelis, cantora como o pai.

“Um dos principais ensinamentos do meu pai, sem que ele tivesse usado essas palavras ou alguma formalidade, foi: observe a natureza, veja como ela é esplêndida, como tudo melhora quando estamos perto dela”, conta Anelis – hoje, é ela quem vê sua filha mais velha cuidando de sua própria coleção de suculentas ou parando para observar uma flor abrindo. É tudo circular.

Livro

Anelis conta que o pai, quando ia começar uma história, procurava um caderno brochura na papelaria com

motivo de animal na capa, cor-tava quadrado, como queria que o livro fosse, escrevia seu nome na frente e começava o trabalho. Apenas o primeiro que ele idealizou é mais elaborado do que isso, e Anelis ainda espera poder publicar o da formiga tal qual Itamar planejou – com uma gravação que ele fez com Elke Maravilha, em quatro línguas e em braile. Um projeto mais caro.

“Os livros parecem uma continuação do pensamento dele. Tem uma adaptação na linguagem, mas o pensamento sempre foi o mesmo e muito claro. Itamar continua sendo muito Itamar, fiel ao seu compromisso com o novo, com a ruptura, com o questionamento e a provocação. Isso está em sua lin-

guagem infantil também”, comenta Alice Ruiz S.

Para a poeta e amiga, Itamar, nome importante da Vanguarda Paulista, não tinha nada de óbvio – como Dalton Paula também não tem. *Homem-Bicho, Bicho-Homem* é o primeiro trabalho para crianças deste artista nascido em 1982, em Brasília e que vive em Goiânia. A ideia, ele conta, foi trazer o lúdico e a fabulação, presentes no universo infantil, dentro de uma cosmovisão africana. E deixa um desafio ao leitor de todas as idades: descobrir as camadas de seu trabalho.

“*Homem-Bicho, Bicho-Homem* remete às matas, a uma relação de amizade e ao mesmo tempo de necessidade – de alimento, de corpo e alma –, e

aprendizado. É como uma floresta encantada, onde vamos encontrando personagens e personalidades”, diz Dalton.

Foi na adolescência, essa época de desencontros e descobertas, que Itamar Assumpção surgiu para Dalton Paula. Ele se sentia inco-

modado com o que lhe era oferecido culturalmente ou como referência. “Comecei a descobrir outros caminhos e Itamar estava lá, com toda essa questão da representatividade. Ouvindo suas músicas, tudo começou a fazer mais sentido.”

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Lembrando Pietro Ubaldi no 21º ano do 21º século

Tendo dedicado parte da vida ao estudo da filosofia e da religião, Pietro Ubaldi (*ilustração*) escreveu obras sobre o tema, num viés espiritualista e universalista. Ao longo delas, procurou demonstrar a existência de uma lei natural, segundo princípios de Sócrates e Platão. Metade dessa obra foi escrita na Itália e a outra no Brasil.

O livro *A grande síntese*, escrito entre 1932 e 1935, é tido como uma das suas principais obras, versando sobre uma proposta de compreensão unificada entre as formas de conhecimento humano.

Passados 49 anos da morte de Pietro Ubaldi (29 de fevereiro de 1972), sentimos que a ciência está chegando, por si mesma, sem intervenção espiritualista, a admitir que a última realidade do universo seja o pensamento, um pensamento cósmico, em que o homem, de que faz parte, mas que existe independentemente dele. Ou seja: o pensamento é meu, sou eu, mas quando adormeço ou quando morro, ele continua a existir, evoluindo e interagindo com outros, não importando se estou dormindo ou morto. Se há algo



Foto: Divulgação

de eterno, isto se chama o pensamento, que passa por outras galáxias numa velocidade que não temos condição de imaginar, calcular.

Penso assim (participante desse pensamento cósmico, interagindo com pessoas que não conheço e podem estar agora em Madras, na Índia, ou em Reykjavik, na Islândia) por releituras que faço do grande Pietro Ubaldi, que, à maneira do saudoso engenheiro e parapsicólogo Hernani Guimarães Andrade, não tinha o mínimo preconceito em transitar entre as ciências e as religiões

(no imprescindível plural, mesmo).

Ubaldi chegou a ter interloquções com Albert Einstein no início dos anos 1950 do século passado. A confissão de Ubaldi quando se aproximou de Einstein e de seu pensamento é forte.

“Compreendi uma coisa: a alta matemática está muito próxima das especulações filosóficas. Isto, para mim, estabeleceu uma ponte entre a ciência e o espiritualismo. Desde então encarei os problemas do espírito, não somente como biológicos, sociais, artísticos, místicos, espirituais, filosóficos, religiosos etc., mas também como problemas estritamente científicos”.

Ubaldi escreveu isso em abril de 1955.

De lá até hoje, o reducionismo cada vez mais perde espaço e sentido.

Os legados de Woodstock, da canção ‘Imagine’, de John Lennon, e dos livros de Fritjof Capra são essenciais para que as-

sim ocorra, com equilíbrio e mutação. Por isso, eu e outros, no mundo inteiro, não atendemos com nossos textos nos jornais aos desejos de um tema único (política ou arte, por exemplo) e até do retrocesso. Isto integra e entrega parte de minhas insinuações culturais na coluna *Essas coisas*.

Os terrestres, mesmo com o calendário informando que este é o 21º ano do 21º século, continuam – passado tanto tempo, tantos espaços, tantas raças – apostando na superioridade de sua realidade, na mesma proporção em que são mantidos os dogmas das religiões. Não devemos nos considerar inferiores. Não é bem isso. Mas, escolher o conceito de unicidade é uma opção pela superioridade.

Por que sermos únicos? Qual a razão, a lógica, as vantagens? Prefiro entender a unicidade como cegueira pela metade.

Se o infinito não tem fim, é porque não teve princípio. Assim, natural é fechar os olhos, dormir com tranquilidade e sonhar em direção à estrela 47 Ursae Majoris.

(Tenho motivos de sobra para saber que extraterrestres existem. Apenas não é muito correto assim chamá-los, pois somos todos iguais neste cosmo).



Foto: Divulgação

Fotos: Reprodução



Um ano de pandemia e parlamentos ainda buscam a “sessão perfeita”

Plenários da Assembleia e das Câmaras de João Pessoa e Campina Grande tiveram que se adaptar à crise sanitária

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Assim como os segmentos econômicos, instituições religiosas e até mesmo aquelas ditas atividades como essenciais, a Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) e as Câmaras Municipais das duas maiores cidades do estado, João Pessoa e Campina Grande, também tiveram que se readaptar ao período de pandemia. Os plenários e as instalações dessas Casas Legislativas sempre foram marcados por grande circulação de parlamentares, servidores, assessores, profissionais da imprensa e o público visitante. No entanto, a crise sanitária mudou o mundo neste um ano de pandemia decretada, inclusive a forma de fazer e exercer a política.

Na maior parte das vezes, os plenários deram lugar às salas on-line. O início foi de difícil adaptação, algumas sessões da Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP), por exemplo, chegaram até a ganhar repercussão nacional com piadas entre os próprios vereadores. Durante o ano de pandemia, as Casas têm alternado entre o sistema híbrido ou totalmente remoto, a depender do número de casos da covid-19.

Além disso, a pandemia tam-

bém trouxe uma decisão inédita para os três principais parlamentos paraibanos: a suspensão do recesso parlamentar do meio do ano. Em junho de 2020, a ALPB, a Câmara Municipal de Campina Grande (CMCG) e a CMJP suspenderam o recesso e continuaram trabalhando. “Graças à tecnologia, pela primeira vez não vamos suspender os trabalhos legislativos. Vamos continuar ajudando a enfrentar a pandemia do novo coronavírus e reduzir seus impactos sobre a população, pois o cenário requer a conjugação de esforços do poder público em todas as suas esferas, de forma que as iniciativas adotadas sejam potencializadas e se permita o mais amplo alcance e eficácia das ações de enfrentamento ao novo coronavírus”, destacava o presidente da ALPB, deputado estadual Adriano Galdino (PSB), à época.

Atualmente, a Câmara de João Pessoa voltou ao sistema totalmente remoto, no último dia 8 de março. Assim como a Assembleia Legislativa da Paraíba, que está com sessões apenas on-line desde o último dia 23 de novembro. A exceção é a CMCG, que permanece com o sistema híbrido revezamento de escala, pelo menos até o dia 31 de março, até quando prevê o atual ato da mesa diretora.

Horário reduzido e revezamento

A assessoria de comunicação da ALPB explicou que o fato do plenário ser completamente fechado, sem a circulação de ar, dificulta a abertura das sessões de forma presencial. Em setembro, foi realizada a abertura parcial. Nesse período, os funcionários trabalharam em carga horária reduzida e com sistema de revezamento. O local de trabalho também foi adaptado, um local sem ar-condicionado e com janelas para facilitar a ventilação.

No entanto, mesmo com os cuidados, ocorreram vários casos de funcionários que testaram positivo para a covid-19. O que fez com que os trabalhos voltassem a ocorrer de forma apenas remota, como permanece até hoje. O Centro Médico da ALPB, que atende aos servidores, também precisou ser fechado durante a pandemia. O atendimento permaneceu apenas de forma on-line, através da telemedicina.

Além disso, foi instituído um número para que os servidores pudessem ser atendidos e tirar dúvidas com os profissionais de saúde, principalmente no que diz respeito à covid-19. A Casa também forne-

ceu atendimento psicológico para os funcionários, através de escuta telefônica. De acordo com a Assessoria de Comunicação, devido a pandemia, muitas pessoas precisaram dos dois suportes, tanto para a saúde física quanto para a mental.

Apesar das dificuldades geradas pela pandemia, a produtividade da Assembleia em 2020 chegou a ser maior do que a do ano de 2018, com um aumento de 320% na elaboração de matérias. Os dados foram coletados entre a suspensão dos trabalhos presenciais na ALPB e o início das sessões extraordinárias, em 23 de março, através do sistema de videoconferência, e as votações ocorridas até 7 de outubro de 2020. Ao todo, foram aprovadas 4.292 matérias.

As propostas aprovadas incluem projetos de lei (PLs), projetos de resolução (PREs), projetos de lei complementar (PLCs), medidas provisórias (MPs), vetos do governador, pedidos de informação, entre outras matérias. Em 2018, último ano da legislatura passada, em que as atividades não tiveram interrupção, foram apenas 1.015 matérias aprovadas.



Campina Grande no sistema híbrido

A primeira sessão remota da Câmara Municipal de Campina Grande aconteceu no dia 1º de abril de 2020. Na ocasião, foram aprovadas medidas voltadas à pandemia, que ainda estava no seu segundo mês. Atualmente, a CMCG está trabalhando com o sistema híbrido.

Durante o ano, a Casa precisou se readaptar a eventos importantes, como a posse dos vereadores e do prefeito da cidade no início deste ano. O plenário voltou a ter os vereadores presentes no dia 1º de janeiro, com a posse dos novos eleitos. Segundo enfatizou a Assessoria de Comunicação da CMCG, todas as regras de segurança foram tomadas, inclusive com o limite de profissionais da imprensa, na ocasião. Apesar do momento difícil e de adaptações, a CMCG comemorou a maior bancada feminina do

Legislativo campinense, com sete mulheres eleitas. O prefeito de Campina Grande, Bruno Cunha Lima (PSD), tomou posse na mesma data. A solenidade aconteceu de forma híbrida, em um teatro com capacidade para 750 pessoas, no entanto, 100 pessoas participaram na ocasião presencialmente. O prefeito também chegou a marcar a abertura dos trabalhos da Casa.

De acordo com a determinação da mesa diretora, o regime de trabalho dos servidores acontece por meio de escala de revezamento até 31 de março. No caso dos gabinetes dos vereadores, há limitação no acesso a, no máximo, o parlamentar e até dois assessores. Além disso, os servidores estão sujeitos a escalas, sob a regra de que pode haver apenas três servidores por diretoria, gerência ou coordenação.

Remoto, presencial, híbrido e o virtual

A Câmara de João Pessoa suspendeu pela primeira vez as suas atividades presenciais no dia 18 de março de 2020. Com as sessões acontecendo apenas de forma remota. Durante o ano, a CMJP ainda chegou a adotar o sistema híbrido, mas foi suspenso em dezembro do ano passado.

Em 2021, os trabalhos na Casa tiveram início voltando à forma presencial e remota. O atual presidente da CMJP, Dinho Dowsley (Avante), chegou a reforçar as medidas de segurança que estavam sendo tomadas para adotar o sistema híbrido. “O vereador que não se sentir seguro, pode participar de sua residência, de forma remota. Todos os vereadores terão seu espaço regimental”, garantiu em fevereiro deste ano.

Todos os 27 vereadores eleitos estiveram presentes, assim como a imprensa e os assessores dos parlamentares, na posse do dia 1º de janeiro deste ano. O evento chegou a ser marcado por aglomerações, mesmo com as medidas de segurança sendo tomadas, como aferição de temperatura e agendamento prévio da imprensa. Além disso, os vereadores estavam proibidos de levar acompanhantes.

De acordo com a Assessoria de Comunicação da CMJP, todos os cuidados de segurança foram tomados durante o

período de pandemia, tanto no período remoto, quanto também no híbrido. Com higienização na Casa e atendimento médico aos funcionários.

Na última segunda-feira (8), devido ao aumento de casos, as atividades voltaram a ser suspensas e as sessões estão ocorrendo apenas virtualmente. A decisão vai permanecer enquanto durarem as medidas restritivas decretadas pela Prefeitura de João Pessoa (PMJP). “Manter as atividades parlamentares de forma remota é fundamental neste momento”, ressaltou o presidente da CMJP.

A Câmara de João Pessoa também proibiu a protocolização de requerimentos solicitando audiências públicas, sessões especiais e solenes, abrindo uma exceção apenas para a sessão especial em homenagem ao ‘Dia Internacional da Mulher’, por se tratar de uma tradição.

O presidente solicitou ainda que os vereadores adotem nos gabinetes o sistema de rodízio, observado o quantitativo máximo de até dois servidores em trabalho presencial concomitante e distribuição física que evite o adensamento de pessoas no ambiente de trabalho. “A Câmara vai continuar trabalhando e debatendo os temas de interesse da cidade. Não haverá prejuízo para as votações dos projetos, que serão virtuais”, assegurou o presidente Dinho.

Devido ao aumento dos casos de contaminação pelo novo coronavírus, as atividades na Câmara da capital voltaram a ser por meio virtual

Mesmo recuperados, pacientes de covid sentem dores crônicas

Cientistas da USP estudam casos de pessoas que precisaram lidar, durante meses, com dor de cabeça e desconforto muscular

Portal USP

Novos fatores se somam ao cenário de preocupações trazido pela covid-19: a permanência de sequelas e a piora de condições já existentes. Um exemplo vem de estudos do Departamento de Neurologia da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) apontando que a covid-19 tem influência sobre quadros de dores crônicas, mesmo depois de superada pelo paciente infectado. A dor crônica é aquela que persiste em indivíduos por mais de três meses durante a maioria dos dias. Dentre as dez doenças mais prevalentes no mundo, quatro são dores crônicas. No contexto de covid, este quadro se agravou: “Na prática clínica, começamos a ver muitos pacientes sobreviventes se queixando de muita dor de cabeça, dor no corpo, dores musculares e

alguns casos persistindo por muito tempo”, afirma Daniel Ciampi, do Departamento de Neurologia e responsável pelo Ambulatório de Dor da Neurologia do Instituto Central do Hospital das Clínicas (ICHC). A pesquisa, que teve participação de Campi, também mostrou que, dentro de um grupo de 120 indivíduos com sequelas decorrentes da covid, 5% relataram dor de cabeça e 19% dor crônica. Apesar de o estudo também associar essa piora no quadro de doenças crônicas à internação em UTIs – onde o paciente está suscetível a um bloqueio neuromuscular, agente que pode causar miopatias, doenças musculares – o neurologista alerta que as dores pós-covid não aparecem só nos casos graves. “O paciente pode ter um quadro relativamente leve e ter um impacto pós-covid relativa-

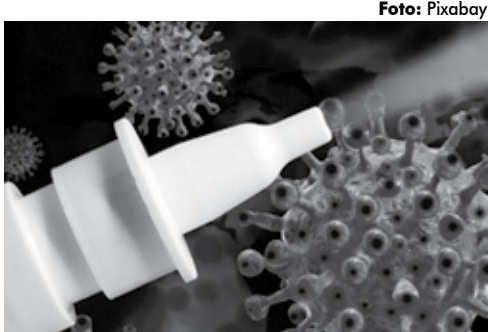
mente agressivo, isso é algo que está se mostrando na prática clínica”. Para ele, a pesquisa pode ser importante para o planejamento pós-pandemia, principalmente no sentido de “como lidar com os pacientes que são sobreviventes da covid e que saem com algum tipo de restrição e com algum impacto negativo na vida deles”. Porém, considerando que os dados da pesquisa apontam que pelo menos 20% dos pacientes recuperados apresentam quadros de doenças crônicas, o alerta recai sobre um sistema de saúde ainda mais sobrecarregado, agora com pacientes já recuperados, mas que ainda possuem sequelas. Segundo o especialista, os próximos passos da pesquisa são buscar formas de tratar essas dores pós-covid, encontradas principalmente nos pés e nas mãos.



Substância desenvolvido pelo Butantan oferece o “anticorpo pronto” e será usado para pacientes hospitalizados

+ Spray nasal para combater o vírus

Se você é daqueles que têm medo de agulha e sonha com a vacina contra a covid-19, é possível que seus anseios venham a ser atendidos no futuro, e com tecnologia nacional. Está em desenvolvimento no Brasil uma vacina em spray nasal. Jorge Kalil Filho, diretor do Laboratório de Imunologia do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, professor titular de Imunologia Clínica e Alergia da FMUSP e coordenador da pesquisa, explica como está sendo o processo de pesquisa da vacina. O médico começa dizendo que a proposta do trabalho, desde o início, era estudar melhor a resposta imune contra o coronavírus para criar uma vacina baseada nos alvos da resposta imune mais eficientes. “Tem duas formas de nós combatermos o vírus: não deixando ele entrar em uma célula, ou se ele entrou na célula e a infectou, ele pode ser morto por uma outra célula do sistema imune”, explica. Para o estudo, então, coletou-se o sangue de pessoas contaminadas com o vírus e foi possível analisar os alvos da resposta de anticorpos e também da resposta celular. Essa investigação mais profunda do antígeno é o que diferencia a nova vacina das demais. A opção pelo desenvolvimento da vacina nasal se deve ao fato de que uma resposta local muito forte pode, assim, ser estimulada, diz Kalil Filho. Além disso, a vacina fortalece as defesas na mucosa nasal. Como demais van-



Brasil pode ter vacina administrada na forma de spray

tagens, a produção é descomplicada e 100% nacional, além da a vacina ser extremamente adaptável aos diferentes variantes, e poder ser guardada até mesmo em temperatura ambiente. “Nós estamos construindo, geneticamente, a composição final dessa vacina”, diz o professor Kalil Filho. A meta é de que os testes em seres humanos comecem este ano e o trabalho está sendo feito para atingi-la. “Quem vence a corrida é quem chega melhor, em melhores condições de dar uma proteção mais ampla”, afirma o médico. Na opinião do imunologista, tivemos um avanço muito grande em um ano, em se tratando de uma doença que ninguém conhecia. “Normalmente, esse conhecimento seria acumulado em pelo menos dez anos. Nós já temos vacina, as vacinas funcionam. Aprendemos muito sobre a doença, aprendemos a tratar, sabemos que temos que isolar as pessoas que estão doentes”, diz. A ciência brasileira segue respirando.

Soro pode amenizar gravidade da doença

O Instituto Butantan enviou para a Anvisa pedido para testar um soro anticovid em humanos. O objetivo é amenizar os sintomas da doença em pessoas já infectadas. Em entrevista ao Jornal da USP, Ana Marisa Chudzinski Tavassi, diretora do Centro de Desenvolvimento e Inovação do Instituto Butantan, comenta que a colaboração com a USP permitiu que estudos sobre os efeitos do vírus inativado no corpo fossem conduzidos. Com base nesses estudos, o instituto passou a trabalhar com a possibilidade de desenvolver o soro, já que não existem antivirais específicos contra o coronavírus. O objetivo é “oferecer a alguém que já está infectado um anticorpo pronto”, afirma Ana. “A ideia é tratar pacientes hospitalizados”, completa. Segundo a diretora, os soros têm atividade rápida, o

que auxiliará na diminuição da gravidade da doença. Após os testes iniciais em células, a Anvisa sugeriu um ensaio pré-clínico em animais, que também foi conduzido pelo Butantan em colaboração com a USP. “O resultado mais importante foi que, um dia depois do tratamento com esse soro, já havia uma diminuição muito importante da carga viral nos pulmões dos animais e a preservação das estruturas do pulmão”, comenta Ana. “O soro é um recurso fantástico porque você produz anticorpos contra as várias proteínas do vírus”, diz. As análises ainda estão em andamento, mas, por conta dessa abrangência, a perspectiva é que o soro, produzido em cavalos, possa ser eficaz inclusive contra as novas variantes do coronavírus.

Impacto na economia será maior este ano

A crise sanitária, ao contrário do esperado, regrediu. Tratando de economia, então, será que o impacto pode ser ainda maior neste segundo ano? O professor Simão Silber, da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP, discute o tópico. Segundo o professor, “o impacto na economia no segundo ano será diferenciado para pior, no Brasil”. A negligência com que o governo brasileiro vem enfrentando a crise é a principal responsável por isso tudo. Ele menciona um estudo, realizado por técnicos do mundo todo em uma universidade chinesa, que apontou que a mobilidade e a conectividade das diferentes atividades foram afetadas.

Silber destaca o “negacionismo brutal da ciência”, que atrapalha o processo de vacinação e contribui para o aumento no número de casos, contando com o surgimento de novas cepas. Todos esses fatores prejudicam muito a estabilidade brasileira. “Nós estamos em uma situação, no Brasil, praticamente de párias no mundo”, afirma. “Nós vivemos três problemas. Nós temos um problema sanitário, muito mal encaminhado; temos o problema econômico, consequência do mau encaminhamento da crise sanitária; tem um problema social dramático. O Brasil já era desigual e ficou ainda mais. Todos aqueles que estavam no setor informal estão em uma situação absolutamente precária”, lembra.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Minha reverência ao mestre Rivaldo Bandeira

Os tipógrafos eram trabalhadores letrados, e por isso politizados, numa época em que o acesso a informações não chegava para a imensa maioria do povo. A primeira greve de trabalhadores no Brasil foi da categoria dos tipógrafos, no início de 1858. Eles reivindicavam aumento de um mil-réis por dia e paralisaram os jornais cariocas. Sob a influência das ideias anarquistas e socialistas, a classe dos tipógrafos se considerava como uma espécie de aristocracia operária. A greve dos tipógrafos, no final do século dezenove, teve como consequência a demissão dos grevistas. Eles fundaram uma associação e passaram a publicar seu próprio semanário, o Jornal dos Tipógrafos, primeiro jornal alternativo do Brasil. Lembro desse episódio histórico para celebrar os cinquenta anos do meu Jornal Alvorada, editado na cidade de Itabaiana do Norte na gráfica do mestre Rivaldo Bandeira. Meu pai foi compositor na tipografia de Nabor Nunes Machado, em Itabaiana. Era muito amigo do outro tipógrafo, Rivaldo Bandeira. Devido a alguns ranços políticos, ele não

aprovou minha ideia de editar um jornal. Recorri à tipografia concorrente. O mestre Rivaldo Bandeira acolheu meu projeto adolescente e ainda me ensinou a arte da tipografia. Fui iniciado como impressor de manual, chapista e cortador. Nos anos seguintes, quase virei gráfico de offset, mas acabei caindo na estrada de ferro. Fui ganhar a vida correndo atrás de trem. O corpo gráfico da tipografia de Rivaldo Bandeira era constituído dele mesmo e do Ronaldo Brão, popular Sabugo. Ronaldo Brão passou toda a vida trabalhando na oficina de Rivaldo, até a morte deste. Quando o mestre Rivaldo desencarnou, deixou em testamento a gráfica para seu devotado e constante colaborador. Por meio de amigos em comum, entrei em contato no Facebook com a doutora Eliane Pessoa Bandeira, filha do mestre Rivaldo. Morando atualmente em Crateús, no Ceará, Dra. Eliane se diz colecionadora de memórias de sua terra e estimou saber que sou filho de um amigo do seu pai. “Rivaldo Bandeira era um humanista e democrata, dono

de uma cultura muito acima de sua escolaridade. Sem ser pedante, entendia de tudo. Conhecia o mundo sem jamais ter se ausentado de Itabaiana. Era simpático aos conceitos comunistas, tinha ideário de igualdade”, recorda Eliane. Quando o corpo de Rivaldo Bandeira foi velado, seu gato Mimi permaneceu durante todo tempo ao lado do caixão. Acompanhou o cortejo até o cemitério e nunca mais voltou para casa. Este relato sobre um homem de bem que passou a vida compondo, paginando e imprimindo a crônica do melhor que temos em termos de dignidade e racionalidade humana vai dedicado aos profissionais técnicos em processos gráficos, reportando a figura de Cassiano Hipólito Ribeiro dos Santos, um dos primeiros operários gráficos deste Jornal A União, único jornal oficial ainda existente no Brasil, conforme notifica a Wikipédia. Quando for erigido o museu da imprensa paraibana, é de justiça que os nomes dos mestres Cassiano e Rivaldo Bandeira venham a constituir esse acervo, com a distinção que merecem.



Pesquisas desenvolvidas na PB ganham destaque internacional

Estudos apoiados pela Fapesq repercutem na comunidade científica através de artigos em revistas de alto impacto no meio

Márcia Dementshuk
Jornalista da SEC&T

Pesquisa científica em andamento na Paraíba, Brasil e na Alemanha para produção de plástico biodegradável avança e apresenta resultados prévios de eficácia. A coordenadora do projeto no Brasil, Renate Wellen, afirma que estudos comprovaram a sustentabilidade do plástico produzido a partir de glicerol, propandiol e de óleos vegetais da tungue e da soja é sustentável; o produto retorna ao meio ambiente após o uso como matéria orgânica e alimentação para outros seres vivos, sem danos para o ecossistema.

A relevância desses estudos tem sido corroborada pela comunidade científica através da publicação de artigos em revistas internacionais de alto impacto no meio. Os trabalhos iniciaram em 2019 envolvendo pesquisadores das Universidades Federais de Campina Grande e da Paraíba, da Universidade Federal de Viscosa e do Instituto Fraunhofer (IFAM), sediado em Bremen, na Alemanha. Ao longo de 2020 e nos primeiros meses de 2021 quatro artigos de autores da Paraíba foram publicados em periódicos científicos da categoria de exigência mais alta, o “Qualis A1”.

Renate Wellen, que além de coordenar a pesquisa no Brasil é Coordenadora Geral de Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba e membro

permanente dos programas de pós graduação da UFPB e UFCG, antecipa que pelo menos mais 10 publicações deste nível estão encaminhadas para este ano: “Estamos presente no que há de mais alto nível internacional em desenvolvimento científico e tecnológico. Essa é uma pesquisa de ponta, o desenvolvimento de um produto biodegradável para a indústria automotiva. A publicação em uma revista de alto impacto significa ter a afirmação da comunidade científica sobre o que está sendo desenvolvido tem um mérito científico”.

O projeto se enquadra na área da bioeconomia, com tendências de crescimento em investimentos. O Governo da Paraíba está investindo 140 mil euros para a execução dessa pesquisa, por meio da Secretaria da Educação, Ciência e Tecnologia (SEECT), via Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq) e 1 milhão de euros por parte do governo e indústrias alemães.

Os resultados desta e de outras pesquisas mostram que os investimentos feitos pelo Governo do Estado da Paraíba na área da ciência, desenvolvimento e inovação correspondem ao propósito de fortalecer o ecossistema de inovação local. “Entre as funções do Estado, enquanto Fundação de Apoio à Pesquisa, está o fomento a iniciativas inovadoras que promovam a formação de pessoas e fortaleçam as instituições de ensino. Toda a atividade acadêmica tem a sua fina-



Foto: Secom-PB

Resultados das pesquisas mostram que os investimentos feitos pelo Governo do Estado na ciência, desenvolvimento e inovação fortalecem o ecossistema de inovação local

lidade. Pesquisas como esta coordenada pela professora Renate Wellen impactam positivamente os cursos de pós-graduação das universidades na Paraíba”, afirma Roberto Germano, presidente da Fapesq-PB.

As universidades passam por sistemas de avaliação constantes que levam em conside-

ração a publicação de artigos em revistas de alto impacto e a qualificação do corpo docente. A quantidade de publicações aceitas confere legitimidade à instituição e traz aumento no conceito de avaliação. As produções acadêmicas geradas em projetos que recebem financiamentos públicos contribuirão

para a elevação dos conceitos dos cursos de pós-graduação das universidades paraibanas na próxima avaliação.

“O estímulo dado pelo Governo da Paraíba está fortalecendo a pós graduação e gerando impacto através de publicações nas melhores revistas científicas do mundo.

Estamos acertando nos investimentos”, complementa Roberto Germano. Os artigos produzidos pelos pesquisadores brasileiros foram publicados nas revistas Composites Part B, Journal of Materials Research and Technology, Polymer Testing (Science Direct) e na Express Polymer Letters.



Fotos: Arquivo pessoal

Da esquerda para a direita: os doutorandos Nichollas Jaques e Ingridy Silva, e os cientistas Juliana Sampaio, Renate Wellen e Luciano Bezerra desenvolvem trabalhos com o apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba

Estudo sobre o uso de óleos de soja ou linhaça

O título da pesquisa coordenada por Renate Wellen no Brasil é “BestBioPLA - Compósitos PLA totalmente baseados em bio com estabilidade a longo prazo”. É desenvolvida no Brasil e na Alemanha. A rede de cientistas integrantes varia entre 15 e 20 pessoas, dependendo dos temas em abordagem.

No Brasil, além da UFPB, da UFCG e da Federal de Viscosa (MG), conta com investimentos do Governo do Estado da Paraíba, por meio da Fapesq-PB e tem como parceiro comercial a Sisalgomes, da Bahia. Na Alemanha estão o Instituto Fraunhofer (IFAM), também financiado pelo Governo Federal Alemão (Ministério Federal de Educação e Pesquisa - BMBF) e as empresas INVENT GmbH, Nova-Institut GmbH, Rabe design & Engineering GmbH. Dois doutorandos da equipe no Brasil, Ingridy Silva e Nichollas Jaques darão seguimento aos estudos de pós-graduação na Alemanha em função dessa experiência.

Os pesquisadores estudam o uso de óleos da soja ou da linhaça como substituto do petróleo na composição do plástico a fim de torná-lo biodegradável. Além disso, inserem fibras de linho e sisal para obter a estabilidade do material, mantendo as mesmas propriedades de plásticos convencionais, cuja base é o petróleo, justamente o que torna os plásticos comuns não degradáveis. A indústria automotiva planeja usar o produto na fabricação de peças do forro do teto e das portas de automóveis.

Um dos artigos que será submetido nesse ano demonstra o grau de biodegradabilidade do polímero em desenvolvimento. O produto não agride o meio ambiente, ele volta como alimentação e matéria orgânica sem danos para o ecossistema. Uma das razões é porque cria fungos em sua decomposição; esses fungos se alimentam do material e degradam elementos como o carbono, o hidrogênio, o nitrogênio.

“Damos um passo além e estamos estudando as características desses fungos. Já identificamos quais os fungos são criados na decomposição. Estamos estudando a cadeia de DNA desses fungos e entendendo as consequências das atividades deles e como atuam”, informa Renate Wellen. Não é do conhecimento da equipe esse tipo de investigação em outros trabalhos em polímeros.

Outro destaque internacional que contou com financiamento da Fapesq é o artigo produzido pelos cientistas Luciano Bezerra Gomes e Juliana Sampaio, do Departamento de Promoção da Saúde do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal da Paraíba (DPS/M/UFPB). O artigo “Socioeconomic inequalities in the quality of primary care under Brazil’s national pay-for-performance programme: a longitudinal study of family health teams” (“Desigualdades socioeconômicas na qualidade da atenção primária no programa nacional de remuneração por desempenho do Brasil:

um estudo longitudinal de equipes de saúde da família”), foi publicado na The Lancet Global Health, uma das mais importantes revistas do mundo na área da saúde, veículo do grupo The Lancet para pesquisas que se definem no que, internacionalmente, é conceituado como “saúde global”.

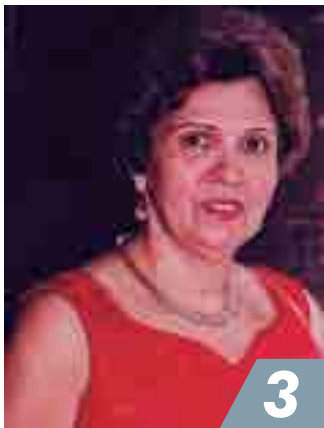
Apresenta os primeiros resultados do Projeto “Unpacking the effect of the national pay for performance scheme (PMAQ)” (Desvendando o efeito do método nacional de pagamento por desempenho - Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica) (PMAQ), por meio do score oficial, mas criando formas alternativas de analisar seu resultado. “Embora possa parecer um elemento pequeno frente o momento difícil em que estamos vivendo, sinto-me no papel não apenas de comemorar uma produção como essa, bem como de dar ciência disso para os colegas da instituição que permitiu que fosse possível publicarmos numa das mais importantes revistas do mundo um artigo feito a partir de um projeto que estamos realizando aqui (ainda que em parceria com instituições de fora)”, enfatizou Luciano.

Pernambuco e do Distrito Federal.

Neste artigo, os pesquisadores analisaram dados de dezenas de milhares de equipes de saúde da família ao longo de anos, tentando compreendê-los em conjunto com indicadores socioeconômicos locais, e correlacionando com a performance das equipes no Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ), por meio do score oficial, mas criando formas alternativas de analisar seu resultado.

“Embora possa parecer um elemento pequeno frente o momento difícil em que estamos vivendo, sinto-me no papel não apenas de comemorar uma produção como essa, bem como de dar ciência disso para os colegas da instituição que permitiu que fosse possível publicarmos numa das mais importantes revistas do mundo um artigo feito a partir de um projeto que estamos realizando aqui (ainda que em parceria com instituições de fora)”, enfatizou Luciano.

Aos domingos com Messina Palmeira



1. Mulheres consideradas importantes e/ou anônimas serão homenageadas com o Troféu Maria da Penha - 2021. Na coluna de hoje, registro os nomes de algumas das mulheres homenageadas nessa edição: Ana Maria Sales Lins, Andréia Barros, Carol Marques, Melca Farias, Paula Francinete (foto), Ana Adeleide Peixoto, Marília Arnaud e Elizabeth Marinheiro.
2. Baía da Traição, a bela praia do litoral norte paraibano, conta com um destino gastronômico imperdível: o Pé na Areia Bar e Restaurante (foto), local com iguarias assinadas pelo competente e criativo chef André Duarte.
3. Neste domingo (14), estão aniversariando a profa. Magna Celi, escritora e poetisa, juntamente com dois dos seus filhos: Omar Khayam (TRT) e prof. Erick France (UFPB). O esposo de Mana Célia, prof. Francelino, e os demais familiares, juntamente com esta colunista, desejam saúde, paz e realizações (foto).
4. O coordenador nacional do Concurso Miss Beleza Turismo Brasil, Christian Oliver, confirmando que a premiação oficial da edição deste ano vai acontecer em Jericoacoara, no Ceará, de 12 a 15 de maio.
5. A cantora e musicista Lucy Alves (foto), que foi revelada no programa da TV Globo "The Voice Brasil", será protagonista na série da Netflix "Sofrência". Eita paraibana arreitada!
6. A juíza Graziela Queiroga (foto), representando o presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Saulo Henriques de Sá e Benevides, fez o lançamento da campanha #NãoSeCale – Violência Doméstica é Crime. A ação está sendo realizada pela Coordenadoria da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar, em parceria com o Sindicato das Empresas de Transporte Coletivo Urbano da Capital (Situr).
7. A prefeita de Conde, Karla Pimentel, esteve recentemente em Brasília e, durante encontro com a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damare Alves, recebeu proposta para o município receber excelente projeto piloto para cuidar da formação de jovens empreendedores.
8. Edinewton César, Nevinha Guedes (na foto com as amigas Glauce Silveira e Palova Arcoverde), Nena Martins, Juliana Benevides, Beto Brunet, Vivian De Oliveira, Lula Crispim, Henrique Santiago, Maria Lúcia Jurema, Marcy Câmara, Euclides Menezes e Afra Soares são os aniversariantes da semana.
9. O médico Alípio Rabelo Dias, ao lado da esposa, Genina Cunha Rabelo (foto), encantou-se com o serviço all inclusive do Complexo Enotel Porto de Galinhas, no período carnavalesco.
10. Sob o título "O Protagonismo na FCJA", a geógrafa Janete Lins de Azevedo (na foto com o marido, Antônio Gumerindo), que vai ser agraciada com o Troféu Maria da Penha - 2021, escreveu, no Jornal A União, interessante texto



sobre grandes e importantes mulheres que atuaram e ainda atuam na casa do ex-ministro José Américo de Almeida.

Pesquisa brasileira

Estudo confirma que nova variante é mais transmissível

Roberta Jansen
Agência Estado

Uma nova variante do novo coronavírus, potencialmente mais transmissível, acaba de ser descrita em pesquisa de cientistas brasileiros. Especialistas temem que a N9, nome dessa cepa, também tenha capacidade maior de escapar do ataque dos anticorpos, o que poderia reduzir a eficácia das vacinas. A mutação foi identificada pela 1ª vez em novembro, em São Paulo. Com disseminação muito rápida, já chegou a quase todas as regiões do país. A exceção é o Centro-Oeste.

Aceito para publicação na revista científica Genomic Epidemiology, o trabalho foi feito a partir do sequenciamento genético e análise de 195 amostras de pacientes de covid-19. Elas foram colhidas em 39 municípios em cinco estados - Amazonas, Bahia, Paraíba, Rio Grande do Norte e Rio. As amostras foram coletadas entre 1º de dezembro e 15 de fevereiro de 2021, em indivíduos de idades entre 11 e 90 anos.

"A identificação da nova variante foi feita em um pequeno número de amostras, mas nos causa preocupação porque já está em praticamente todo o país", afirmou o virologista Fernando Spilki,

coordenador da Rede Corona-ômica. "Ela foi identificada pela primeira vez em dezembro e continuou se espalhando."

No 1º semestre de 2020, duas linhagens dominavam a pandemia no Brasil: a B.1.1.28 e a B.1.1.33. As variantes P1 e P2 derivaram da B.1.1.28. Atualmente, a P2 é a dominante no Brasil. Mas a P1, a variante amazônica identificada no fim do ano passado, se espalha rapidamente. A nova variante, a N9, deriva da B.1.1.33.

O trabalho que descreve a nova variante é assinado por pesquisadores da Rede Corona-ômica, do Laboratório Nacional de Computação Científica, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Estadual de Santa Catarina e Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Em levantamento paralelo, a Fiocruz também identificou a nova variante em amostras.

Cientistas falam que Brasil pode se tornar 'fá-

brica' de mutações

Com mais de duas mil novas mortes pela covid-19 por dia, o Brasil é considerado hoje o epicentro mundial da pandemia e uma "fábrica" de novas variantes do Sars-CoV-2. Com a transmissão descontrolada da doença e vacinação extremamente lenta, a tendência é de que surjam cada vez mais novas variantes no país, alertam cientistas.

Quanto mais o vírus circula e se replica, maior a chance de apresentar uma mutação potencialmente perigosa. A única forma de deter esse processo é com a imunização em massa e a quebra da cadeia de transmissão.

Com mais de duas mil novas mortes pela covid-19 por dia, o Brasil é considerado hoje o epicentro mundial da pandemia


PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M&A | EQUITY PARTNERS
New Office - João Pessoa - PARAÍBA
Avenida João Cirilo da Silva, 221
ALTIPLEX José Olímpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Altiplano Cabo Branco - CEP: 58046-025
Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3234-5999

ASSÉDIO SEXUAL NO AMBIENTE DE TRABALHO Não é legal, é imoral



Guarde as provas,
DENUNCIE!

ETC
EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO



Brasil possui população de superendividados

Falta de dinheiro para pagar as contas atinge mais de 30 milhões de pessoas, que buscam sair do sufoco

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

O país conta com mais de 30 milhões de pessoas superendividadas, em dados de 2020. Cheque especial, cartões de crédito, empréstimos, compras desnecessárias, parcelamentos a perder de vista. Para piorar, a pandemia trouxe redução de salários, desemprego e agravou ainda mais a situação de quem já estava no sufoco. Com dívidas acumuladas, o consumidor se vê sem solução para sair do vermelho e voltar a ter o nome limpo na praça. Será possível evitar cair nessa situação? E, para quem já está atolado em dívidas, como sair do sufoco?

O superendividado, na visão do consultor financeiro Flávio Uchôa, é a pessoa cujo patrimônio total é menor do que as dívidas somadas. É aquele que não consegue pagar as dívidas com as receitas mensais sem comprometer o pagamento das necessidades essenciais como saúde, educação e alimentação. No Brasil não há legislação específica sobre o tema, ao contrário de outros países, como os Estados Unidos, que possuem vasta legislação para

a insolvência da pessoa física, e o consumidor se vê numa sinuca de bico.

“Num bom momento financeiro em casa, eu e meu marido iniciamos um pequeno negócio, financiamos um carro e uma motocicleta, alugamos o imóvel para nosso negócio, fizemos empréstimo no banco. As coisas se complicaram, veio a pandemia, nos separamos e, como todas essas movimentações eram no meu nome, fiquei com o nome sujo por conta das dívidas e sem condições de honrá-las. A situação está bem complicada e difícil de resolver, porque tenho três filhos e ganho um salário mínimo”, lamentou a professora, que preferiu não ser identificada.

Pode parecer uma missão impossível, mas não é, e tudo começa pela consciência do superendividado de que ele não sairá dessa condição do dia para a noite. Mas, com paciência e foco, é possível se livrar das dívidas e voltar a ter crédito na praça. “Numa visão de curto prazo é difícil, porque o país não tem lei específica que trate do assunto. Além disso, há bastante oferta de crédito no mercado, muitas vezes de forma não transparente e, prin-

cipalmente, não existe uma formação na escola sobre educação financeira”, constatou o consultor financeiro.

Assim, quem está superendividado precisa seguir algumas orientações, e elas começam com o planejamento financeiro familiar, tendo como ponto de partida não gerar mais dívidas. “Tem que mudar o comportamento, começando por não contrair mais dívidas para não aumentar o montante que está devendo. Depois disso, tem que priorizar os pagamentos”, orientou.

Orientações ao consumidor

Primeiro, segundo Flávio Uchôa, tem que colocar em dia os serviços de concessionárias para não ficar sem energia e sem água. Depois, tem que dar prioridade aos bens que estão dados como garantia, como o financiamento da casa. Em terceiro lugar, vêm o cheque especial e o cartão de crédito, que têm juros muito altos, e em quarto lugar, as demais dívidas. Há também as campanhas de desconto realizadas pelos bancos a cada semestre. Alguns vendem a dívida para outras instituições que cobram

um valor pequeno para liquidar.

“Por exemplo, um cliente estava devendo R\$ 236 mil na Caixa. O banco fez a campanha e deu 92% de des-

conto. Então, uma dívida de R\$ 236 mil foi paga com R\$ 21 mil. Por isso, a dica é aproveitar as campanhas de liquidação de dívidas”, ressaltou.

DUAS FACES DA MESMA MOEDA

É certo que a pandemia contribuiu para gerar novos superendividados. Quem tinha seu próprio negócio e foi obrigado a fechar as portas - demitir, pagar as contas dos empregados, entre outras obrigações financeiras - viu seus projetos futuros desmoronarem e amargou grandes prejuízos. Mas, por outro lado, teve também quem acabou economizando.

“De certo modo, a pandemia contribuiu para gerar novos superendividados entre aqueles profissionais liberais e autônomos que já eram endividados e que ficaram sem suas fontes de renda. No entanto, existem exemplos de superendividados empregados do setor público, com estabilidade financeira, que a pandemia contribuiu no isolamento, em home office, sem precisar gastar com deslocamento, mais vestuário. Quem soube aproveitar, conseguiu diminuir o endividamento”, destacou Flávio Uchôa.

Para ele, falta uma legislação no país que beneficie o cidadão. No Congresso, chegou a tramitar uma lei para ajudar esse público. “A proposta foi aprovada no Senado em 2015 e se encontra parada na Câmara dos Deputados desde então”, afirmou.

Continua na página 18.

Coronacrise: lições aprendidas no meio empresarial

Existe uma constatação em torno das crises, revelando que todas elas possuem pelo menos três elementos básicos. O primeiro é que para toda crise existe uma solução. O segundo é que elas possuem um prazo de validade e o terceiro são os ensinamentos que elas nos proporcionam.

São muitas as lições aprendidas durante esta coronacrise. Em quase todas as dimensões da vida das pessoas, das empresas e dos governos, podemos elencar fatos característicos que induziram a novas práticas diante deste “novo normal”.

Nesta reflexão de hoje, gostaria de focar os ensinamentos da crise no campo empresarial, dividindo este universo em cinco tipos característicos de empresas. As que foram a óbito devido à crise. As que estão enfermas, podendo sobreviver, ou não. As que estão passando pela crise com elevada imunidade, sem sofrerem maiores danos. As que se fortaleceram e cresceram diante da crise e, por último, as que surgiram em função das oportunidades geradas pela crise.

Um fato comum a estas situações é o aprendizado que todas elas podem nos proporcionar. Quais foram os erros e os acertos cometidos para se chegar a qualquer

uma destas realidades? Ao analisar cada situação, certamente podemos extrair muito aprendizado.

Sem dúvidas, esta é uma realidade que desnorteia a grande maioria dos empresários. Alguns tomam decisões forçadas pelas circunstâncias sem maiores embasamentos no campo da gestão. Outros são mais criteriosos e procuram se informar para tomarem medidas mais fundamentadas e seguras. São estes últimos os que contraem maiores chances de êxito.

A velocidade com que as coisas acontecem neste cenário de crise surpreende a todos. As previsões, por mais seguras que pareçam, estão sempre sendo contrariadas pelas intempestivas mudanças ocasionadas por forças exógenas e que fogem ao controle dos empresários. Há uma visível dificuldade de diálogos e entendimentos entre a gestão pública, a iniciativa privada e a sociedade organizada, que a tudo assiste e começa a esboçar algumas reações.

Focando novamente o lado empresarial, temos já disponíveis alguns estudos e pesquisas que podem ajudar muito aos que desejam tomar decisões mais fundamentadas. Um olhar mais atento para

o comportamento dos consumidores ajuda a compreender as novas exigências para o mercado varejista que, por sua vez, possui a função de escoar a produção da indústria e da agropecuária. Se bem assimilados estes sinais, toda a cadeia, desde a produção até o consumo final, tanto de bens quanto de serviços, poderá se fortalecer para o enfrentamento e superação desta crise.

Recebi um compartilhamento de uma interessante pesquisa realizada e publicada nesta última semana pelo Google, que nos foi encaminhada pela empresária Melca Farias, presidente eleita da Associação Comercial da Paraíba. A pesquisa mostra os impactos recentes da covid-19 no varejo. Aproveito para fazer alguns destaques que podem significar um norte aos empresários que tiverem oportunidade de acessar estes dados ao tomarem suas decisões.

Investigando sobre o comportamento das compras neste atual momento, 53% dos brasileiros disseram que a prioridade vai para as categorias básicas, envolvendo: alimentos, bebidas, higiene e limpeza. Itens como móveis e/ou itens para casa, eletrônicos e eletrodomésticos sofrerão um adiamento por 34% dos consumidores, em média.

Perguntados sobre como pretendem fazer a maior parte das suas compras neste momento, 30% dos pesquisados disseram que farão por aplicativos de entregas/delivery, 28% em lojas e mercados físicos, 26% em site de lojas, 26% por telefone/WhatsApp para entrega em casa, 22% por aplicativos de lojas e 16% usando outras ferramentas nas redes sociais. Portanto, um fato que merece especial atenção nestes próximos dias é que a população consumidora prefere se conectar com o mercado utilizando canais digitais em busca de soluções rápidas e seguras.

Uma das lições que a crise ensinou a muitos empresários foi como operar no mercado virtual. Também inseriu muitos consumidores, que antes tinham resistência ao uso destes aplicativos/ferramentas virtuais neste mercado. Estimativas neste sentido apontam que cerca de sete milhões de novos consumidores virtuais chegaram para ficar. No entanto, vale a pena lembrar que estes consumidores, um ano depois, estão mais experientes e também mais exigentes. Estejam cada vez mais atentos para o que esta crise pode nos ensinar.

Educação financeira ajuda a evitar descontrole nas contas

Aprender a lidar com o próprio dinheiro é a alternativa apontada por especialistas para não acumular dívidas

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

É bem provável que o superendividado esteja com o nome incluído nos serviços de proteção ao crédito. Ainda assim é possível ter acesso a uma ajuda dos bancos. Essas instituições podem liberar crédito para as pessoas que já estão no limite do orçamento, mas, é preciso que o superendividado analise bem se não está entrando em outra roubada. As financeiras, por exemplo, cobram juros exorbitantes, elevando ainda mais a condição de endividamento das pessoas, conforme alertou o consultor

financeiro Flávio Uchôa. “No caso dos bancos, ocorre bastante a não análise da situação do proponente, e muito em cima do público não esclarecido, de aposentados do INSS, para os quais só importa o valor da prestação, sem perceber o absurdo de tarifas, títulos de capitalização, se há seguros embutidos na negociação, chegando em muitos casos a passar da margem disponível na renda do cliente”, alertou. Situações diversas podem levar ao superendividamento, mas de forma geral, é possível tomar algumas precauções para evitar que isso aconteça, e uma delas é a

educação financeira, aprender desde cedo a poupar, controlar o próprio dinheiro e evitar as compras por impulso, como explicou Uchôa.

Escolas podem ajudar
O especialista acredita que a solução passa por um amplo processo de disseminação sobre educação financeira para a população começando pelo ensino obrigatório nos colégios para os jovens. “A questão do endividamento ou superendividamento passa muito pela não formação, em nossa grade de ensino, enquanto criança e adolescente, sobre educação financei-

ra. Saímos do colégio para o ensino superior sem saber cuidar do próprio dinheiro, tendo uma má relação com o consumo, às vezes influenciados por exemplos de descontrole dos próprios pais na condução do dinheiro da família”, observou. Com as informações adequadas é possível não integrar a lista de pessoas em situação de comprometimento da renda. Segundo dados do Banco Central, até novembro do ano passado, o endividamento atingiu 51% das famílias brasileiras, um índice que só faz aumentar desde 2015, quando a análise passou a ser feita (ver tabela abaixo).

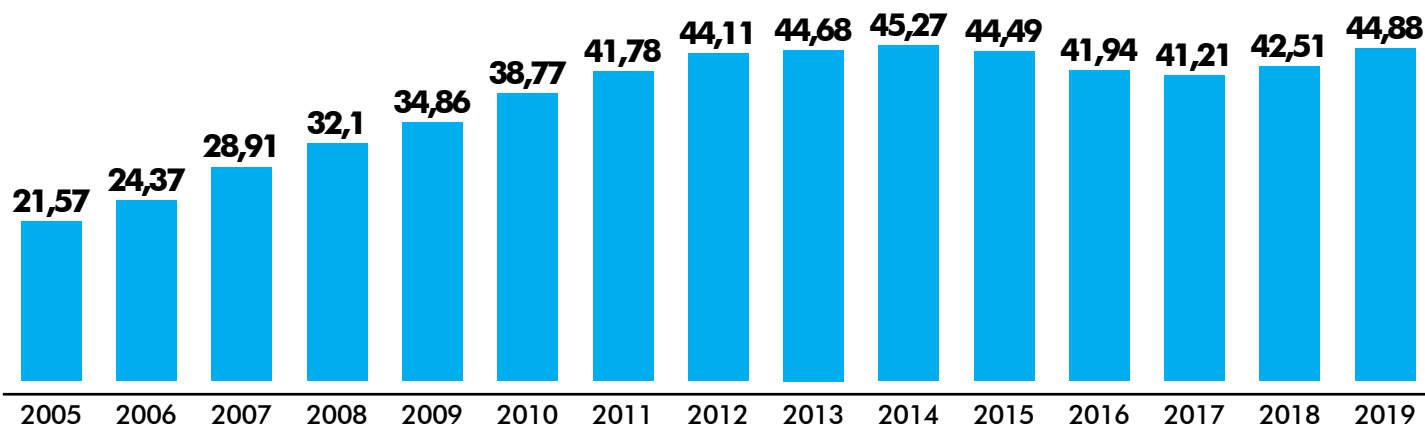
Foto: Roberto Guedes



Situações diversas podem levar ao superendividamento, mas especialistas afirmam que é possível tomar precauções para evitar que isso aconteça

COMPARATIVO DE ENDIVIDAMENTO

(% da renda acumulada nos 12 meses do ano)



Fonte: Banco Central

Ajuda ao consumidor

Procon-PB terá Núcleo de Apoio ao Superendividado

O Procon-PB terá um Núcleo de Apoio ao Superendividado (NAS) que vai ajudar esse consumidor a compreender como fazer um orçamento doméstico e ter orientação de como se livrar das dívidas acumuladas. O serviço ainda não está funcionando em razão do período de pandemia, mas é uma das novidades do órgão para este ano. Mesmo assim, o consumidor pode procurar o Procon Estadual da Paraíba presencialmente para receber orientações e ajuda. “No país, nós tínhamos mais de 30 milhões de superendividados, número que, com a pandemia, passou para 45 milhões de pessoas”, disse a superintendente do Procon-PB, Késsia Liliane Cavalcanti. Ela não possui o dado relativo à Paraíba, mas destacou que a atuação do Procon em relação às pessoas superendividadas ocorre através de palestras e na realização de mutirões – em 2019 ocorreram 18. “Esses mutirões foram para pessoas que estavam endividadas, seja porque perderam o emprego, tiveram cortadas gratificações, ou pela morte de alguém na família, ou mesmo por-

que houve uma separação e, diante dessa situação, a renda diminuiu. Os mutirões ajudam essas pessoas a renegociarem suas dívidas com uma condição que caiba no bolso”, explicou. Normalmente, os serviços essenciais, como companhias de água e energia elétrica, participam. Uma das condições é que a pessoa que fez o parcelamento não pode parcelar novamente em outro mutirão. “Para diminuir o superendividamento, o consumidor deve ter em mãos aquilo que realmente está ocasionando os pagamentos em atraso. Deve verificar os de maior valor e que estão gerando multas expressivas. Orientamos a diminuir o uso do cartão de crédito, que é para ser utilizado apenas numa exceção, doença, uma viagem. O limite do cartão não deve fazer parte do orçamento doméstico. É preciso ter essa consciência”, ensinou.

Dívida única
Outra orientação do Procon-PB é que, no caso de estar superendividado, é interessante contrair uma dívida única, com juros mais baixos para quitar a maioria dos débitos. “A dica é sempre colocar tudo na ponta do lápis, verificando o que se pode cortar ou substituir para, a partir daí, fazer o equilíbrio financeiro”, afirmou Késsia Cavalcanti. “É possível sair da condição de superendividamento. A gente tem várias pessoas que utilizam também a plataforma ‘consumidor.gov.br’ para ir negociando nos municípios onde não há Procon, sempre reforçando que os pagamentos devem ser feitos em dia, principalmente os essenciais, evitando multas e juros, e diminuindo o custo total. Outra situação é evitar compras parceladas. Comprando à vista, há um poder maior de barganha”, completou.

SERVIÇO

- Procon-PB
- Endereço - Avenida Almirante Barroso, 693, no Centro de João Pessoa.
- Telefone – 151 ou pelo WhatsApp - 98618-8330
- Ajuda online - consumidor.gov.br

Justiça faz mediação em acordos de dívidas

Na XV Semana Nacional de Conciliação (SNC), realizada pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), no final de 2020, o Tribunal de Justiça da Paraíba homologou acordos durante 2.032 audiências virtuais e presenciais. Os dados são do Núcleo Permanente de Métodos Consensuais de Solução de Conflitos (Nupemec), do TJPB, e entre esses acordos, estão as questões relacionadas ao superendividamento. No período de 30 de novembro a 4 de dezembro, o TJPB pactuou um total de R\$ 2.043.600,00 milhões em acordos. Em João Pessoa, por exemplo, as conciliações foram promovidas em parceria com o Procon Estadual, que promoveram 157 acordos de natureza pré-processual, dos quais 72 ocorreram junto à Cagepa e equivaleram a R\$ 213.394,85, e 85 foram relacionados à Energisa, implicando na negociação de R\$ 268.457,32, o que totalizou R\$ 481.852,17. Já no setor processual, foram homologados acordos que totalizaram R\$ 100 mil. No município de Campina Grande, cada Centro Judiciário de So-

lução de Conflitos e Cidadania (Cejusc) da região preparou uma atividade para participar da Semana, com a realização de mutirões, ações educativas e webinários com os temas ‘Tratamento adequados de conflitos envolvendo a Fazenda Pública’ (Cejusc VI) e ‘Justiça Restaurativa’ (Cejusc VII). De acordo com informações do TJPB, no Cejusc III (Procon Municipal), a coordenadora dos Cejuscs da região de Campina Grande, juíza Ivna Mozart, participou do encerramento homologando um acordo no último dia do esforço concentrado que envolveu assuntos relacionados à prestação de serviços de telefonia (54%), Cagepa (10,3%) e companhias aéreas (9%), seguido de bancos, administradora de cartões de crédito, plano de saúde e compra de produtos. No estado ainda não há um Centro Judiciário de Solução de Conflitos e de Cidadania Superendividados, como ocorre no Distrito Federal, criado em 2016 para promover a prevenção, o tratamento e a resolução de conflitos de dívidas dos consumidores.

Congresso tem projeto para evitar superdívidas

A preocupação com o endividamento dos brasileiros e a adoção de mecanismos para reverter o quadro de inadimplência e proteger os consumidores devem voltar à pauta de discussões do Congresso Nacional. O tema é tratado no Projeto de Lei (PL) 3.515/2015, já aprovada pelos senadores na forma do PLS 283/2012, a matéria aguarda apreciação na Câmara dos Deputados e tem por objetivo modernizar e atualizar o Código de Defesa do Consumidor (CDC — Lei 8.078, de 1990) para dar garantias a quem compra e a quem se endivida. Entre as medidas propostas no texto estão a proibição de publicidade com referência a expressões como “crédito gratuito”, “sem juros”, “sem acréscimo”; a exigência de informações claras e completas sobre o serviço ou produto oferecido; a criação da figura do “assédio de consumo”, quando há pressão para que o consumidor contrate o crédito; e a criação da “conciliação”, para estimular a renegociação das dívidas dos consumidores. Contudo, não há data para votação.

Especialistas alertam para os danos causados à natureza

Se a legislação vigente no Brasil fosse respeitada, os efeitos nocivos ao meio ambiente seriam minimizados

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Organizações e ambientalistas de vários cantos do mundo alertam a todo momento que é cada vez mais necessário e urgente respeitar a natureza e adotar ações sustentáveis no uso dos recursos naturais. Encontros, palestras, congressos nacionais e internacionais são realizados periodicamente com gestores públicos, lideranças políticas e do meio ambiente de todo o planeta para se discutir os danos causados à natureza.

Mas a grande pergunta que podemos fazer é: por que não conseguimos conservar o meio ambiente e reduzir o impacto de problemas como o efeito estufa, o aquecimento global, o desmatamento, a poluição das águas, ar, solo e tantos outros danos? De acordo com o biólogo, professor e especialista em direito ambiental, Boisbaudran Imperiano, o Brasil, especificamente, possui uma legislação que permite manter a conservação ambiental em consonância com o desenvolvimento socioambiental e econômico.

Portanto, o país tem leis que garantem o correto uso dos recursos naturais pelos setores econômicos. E, mesmo que a legislação brasileira não contemple todas as normas para evitar a plenitude da degradação ambiental, se a legislação vigente fosse respeitada, os efeitos nocivos causados pelo homem à natureza certamente seriam menores.

Há leis que resguardam a exploração do solo, da água, das florestas, enfim, são várias áreas ambientais contempladas pela legislação brasileira. Há normas que tratam, por exemplo, da

Política Nacional de Meio Ambiente, Política Nacional de Recursos Hídricos, Política Nacional dos Resíduos Sólidos, Política de Biossegurança e Organismos Geneticamente Modificados (OGMs), Política Nacional de Biodiversidade, Política Nacional de Mudança Climática, da Lei Florestal, Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, Lei de Crimes Ambientais, entre outras.

O problema maior da degradação ambiental não tem a ver, portando, com as regras estabelecidas pelos gestores públicos, mas com a desobediência a todas elas. “A grande questão é que existe uma constante violação das normas que tutelam o meio ambiente por parte da população de uma forma geral e, em contrapartida, a ação fiscalizatória do poder público é insuficiente para coibir as ações de degradação” frisou Boisbaudran.

Essa ineficiência no combate aos crimes ambientais, segundo ele, pode ter explicação em fatos como o número reduzido de agentes públicos fiscalizadores, a dimensão continental do Brasil, ou a falta de se implementar mais políticas públicas voltadas à conservação ambiental.

A sociedade, por sua vez, também tem papel fundamental na manutenção do equilíbrio e respeito dos recursos naturais. A degradação da natureza praticada por uma parcela da população, ocorre muitas vezes pelo próprio desconhecimento das normas ambientais ou interesse e vontade em cumpri-las. “Neste caso, a lei de crimes ambientais é muito severa na punição aos que cometem crimes contra a natureza”, advertiu Imperiano.



Foto: Evandro Pereira

A degradação da natureza praticada por uma parcela da população ocorre muitas vezes pelo desconhecimento das normas ambientais ou vontade em cumpri-las

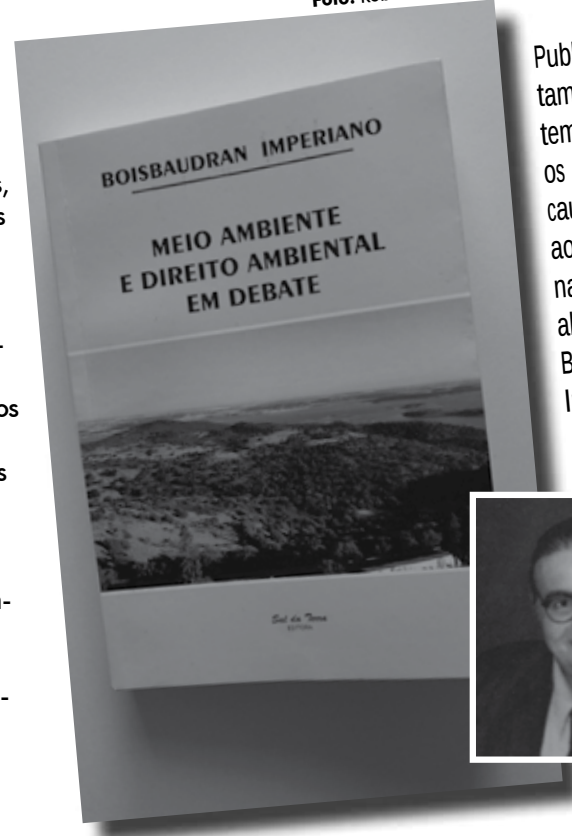
LIVRO: MEIO AMBIENTE E DIREITO AMBIENTAL EM DEBATE

■ Após 36 anos dedicados às ciências biológicas, do meio ambiente e jurídica, o biólogo, professor e especialista em direito ambiental, Boisbaudran Imperiano, lança este mês a sua 12ª obra intitulada “Meio Ambiente e Direito Ambiental em Debate”. A publicação é uma coletânea dos escritos do professor ao longo de sua experiência na realização de palestras, seminários, conferências, congressos, como colaborador e escritor de textos publicados em jornais e revistas especializadas.

“O livro traz reflexões e análises sobre a gestão ambiental, o código florestal, os usos múltiplos e proteção legal para água, sobre padrões de qualidade do ar, sobre a proteção legal à biodiversidade, a importância dos conselhos nacional, estaduais e municipais de meio ambiente e sobre gerenciamento de resíduos sólidos dos serviços de saúde”, declarou Imperiano. A publicação ainda aborda temas como os danos causados aos recursos naturais, o licenciamento ambiental, a responsabilidade civil e criminal que é atribuída àqueles que causam danos à natureza. Esse trabalho busca conduzir o leitor à uma reflexão sobre o universo ambiental no seu amplo sentido, como é vivenciada pela sociedade atual, em particular no Brasil.

“Desejo propiciar o debate sobre a crise ambiental e o modelo de desenvolvimento econômico praticado pela civilização humana, o qual começa a esbarrar na escassez de recursos naturais energéticos e de matérias-primas para sua auto alimentação, devido à expropriação predatória dos recursos da natureza nos últimos 60 anos”, destacou o autor.

Foto: Roberto Guedes



Publicação também aborda temas como os danos causados aos recursos naturais; abaixo, o autor, Boisbaudran Imperiano



Preservar ou conservar

Na vasta discussão sobre meio ambiente, há certas peculiaridades de termos usados neste debate que vale a pena esclarecer. Por exemplo: qual a diferença entre preservação e conservação ambiental? Para muitos, as palavras podem parecer sinônimas, ainda mais se for considerada sua definição nos dicionários comuns. Mas no universo ecológico, elas têm sentidos bem diferentes.

Segundo o biólogo Boisbaudran Imperiano, a preservação ambiental é o conceito que exclui o uso econômico dos recursos naturais, cuja função é deixar o meio ambiente num processo autodeterminado de desenvolvimento natural. “Ou seja, tal conceito envolve deixar o meio ambiente intacto, sem a interferência do homem”, afirmou Imperiano.

Portanto, no atual estágio da civilização humana, o biólogo acrescenta que somente é possível aplicar a “preservação” nos ambientes especialmente protegidos, como é o caso das Unidades de Conservação.

Já o conceito de conservação ambiental inclui o uso econômico dos recursos naturais, cuja função é usar o meio ambiente de forma sustentável, permitindo que haja a interferência do homem nos processos da natureza. “Fato este que é o grande objetivo do desenvolvimento sustentável”, explicou Boisbaudran.



Foto: Evandro Pereira

No atual estágio da civilização humana, somente é possível aplicar a “preservação” nos ambientes protegidos, como é o caso das Unidades de Conservação



Muito boa a notícia de que o Consórcio Nordeste, integrado pelos governadores da região nordestina, consolidou a compra de 39,6 milhões de doses da vacina Sputnik, de fabricação russa, que serão incluídas no Plano Nacional de Imunização. O negócio foi viabilizado com a sanção por parte do Governo Federal da Lei que permitiu aos estados adquirirem o produto diretamente do fabricante.

Circula nas redes sociais um vídeo, muito bem produzido, conclamando a população a se desfazer das máscaras, das medidas de proteção, desprezar as vacinas e enfrentar o vírus através do “tratamento precoce” com a cloroquina e ivermectina, método que não tem comprovação científica e não é aceito pela comunidade científica mundial.



14 É hoje!

Aniversariando
Nena Martins,
Alana Meira de
Souza, André
Ramalho, Beta

do, Caroline Alves,
Nonato Guedes,
Caroline Xavier
Gomes Palmeira,
Diana Lucia Hanny,
Ednewton César
de Araújo, Ga-
briel Calzavara, Hilda Henriques,



Katherine Gomes,
Laudinete Azevedo,
Patrícia Furtado,
Maria de Lourdes
Cardoso, Marília
Loureiro Lopes,
Mirella Sales, Myl-
lena Macena, Olavo

Cruz Lira, Rose
Gonçalves, Sandra
Pessoa, **Sindulfo
Santiago**, Severi-
no Amorim, Teca
Brito e Wallace
Bandeira.



As chances de Lula



Em entrevista ao programa Vanguarda, na TV Master, o advogado criminalista José Augusto Meireles considera que as chances do ex-presidente Lula disputar as eleições do próximo ano “são bem reais, tendo em vista que, com a anulação das condenações, tem-se tempo hábil para novo julgamento e nova segunda instância, que inviabilizaria a sua can-

- “Há que se considerar que, em casos como o esse, também existem muitos recursos que procrastinariam uma possível decisão capaz de impedir o seu registro como candidato”, avaliou.

Em outras palavras, está bem provável de acontecer o confronto entre Lula e o presidente Jair Bolsonaro - A Batalha Final.

Uma bela e justa homenagem

Oportuna e justa a homenagem que o secretário estadual de Cultura, **Damião Ramos Cavalcanti**, membro da Academia Paraibana de Letras, prestou, ontem, ao seu colega acadêmico, **Juarez Farias**, recentemente falecido, em texto publicado na página de Opinião do jornal



A União. Amigo, há muitos anos, e conhecedor profundo da trajetória do ex-conselheiro do Tribunal de Contas, desde sua infância em Cabaceiras, Damião resgata a memória de um homem que marcou, com brilhantismo e integridade, a sua história da Paraíba do nosso tempo. O artigo pode ser encontrado no site recantodasletras.com.br. A missa de sétimo dia de Juarez Farias será realizada hoje, de forma presencial, às 19h na Igreja Matriz de N. Sra. da Conceição, em Cabaceiras, e de forma virtual, às 9h da manhã, na Basílica de N. Sra. das Neves, com transmissão pelo canal do youtube.

Democracia, a convivência dos contrários

Aos 100 anos, morreu esta semana, no Rio de Janeiro, o jornalista Hélio Fernandes, fundador, editor, diretor e principal colunista do jornal *Tribuna da Imprensa*, crítico implacável do presidente Juscelino Kubitschek e de to-

dos os seus aliados, incluindo o deputado Abelardo de Araújo Jurema, um dos alvos prediletos das suas catilinações. Durante a ditadura militar, que ajudou a implantar, Fernandes acabou sendo perseguido e terminou

exilado como aqueles que combatia. Certa vez, quando ambos já haviam retornado do exílio, encontraram-se num evento cultural. Jurema estava com o seu filho mais velho, Oswaldo, que logo o advertiu:

- Quem está ali é o Hélio Fernandes. Vamos embora daqui, meu pai.

Jurema não se abalou. Foi até Fernandes e o cumprimentou: “- Você foi adversário difícil, cáustico, mas leal aos seus compromissos e convicções”.

Senai recebe visita em C. Grande

O Instituto SENAI de Automação Industrial, em Campina Grande recebeu a visita do representante da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Exército Brasileiro, o coronel Almir Silva, que foi recebido pelo diretor regional do SENAI da Paraíba, Euler Sales. A visita teve como objetivo conhecer a atuação do SENAI, na área de Inovação e Tecnologia para que possa ser discutida futuramente a assinatura de um termo de cooperação entre o Exército e a instituição, onde o SENAI atenderia demandas nas áreas de soluções



digitais, automação, e têxtil e confecção. O diretor regional do SENAI, mostrou toda a estrutura que a instituição dispõe na Paraíba, a exemplo das 7 unidades físicas espalhadas no estado.

Fampress

Um grupo de jornalistas paraibanos está desde ontem em Natal participando de um fampress organizado pelo colunista Ricardo Castro, produtor e apresentador do programa RC Vips, levado ao ar pela TV Tambaú, atendendo convite do grupo A. Gaspar, proprietário do Hotel Ocean Pálace Resort, que deverá assumir o controle do Hotel Tambaú, arrematado em leilão realizado no Rio de Janeiro. O grupo regressa na noite de hoje.






Estamos prontos para cuidar de você 24H
 4009.6700

Urgência & Emergência Cardíaca & Neurológica

Diretora Técnica: Dra. Waneska Lucena - CRM - 5686


HOSPITAL MEMORIAL SÃO FRANCISCO
 São Vitor em Belo Horizonte





Foto: TV Torcedor

Fotos: TV Torcedor



HOJE E O ANTES DA PANDEMIA

Há um ano, a torcida fazia festa nos estádios



A foto acima mostra o “novo normal” do futebol na Paraíba; logo abaixo, um dos últimos jogos da última rodada do Estadual com torcida no Almeidão

Três dias depois, o vazio tomava conta das arquibancadas; suspensão completa dos Estaduais veio na sequência

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Há exatamente 1 ano, a Paraíba sediava seus últimos jogos de futebol com a presença dos torcedores nos estádios. Isto foi antes da pandemia do coronavírus chegar ao Brasil. No dia 15 de março de 2020 foi disputada a última rodada do Campeonato Paraibano do ano passado, antes da paralisação. Os jogos que aconteceram naquele dia foram Botafogo 4 x 1 Nacional de Patos, Perilima 2 a 1 CSP, Atlético 1 x 1 São Paulo Crystal e Treze 2 x 1 Sousa.

No dia 18, ainda houve 2 jogos atrasados, mas já sem público nos estádios. A ordem era suspender todas as atividades que contribuíssem para a aglomeração de pessoas. Neste dia, os jogos foram Botafogo 0 x 0 Sousa, no Almeidão, em João Pessoa, e Sport Lagoa Seca 2 x Nacional 3, no Titão em Lagoa Seca. A partir daí, todos os campeonatos do país acabaram suspensos por vários meses.

Era o início de um drama para os clubes e os profissionais do futebol. Sem jogo, não havia receita de arrecadação. Os patrocinadores começaram a suspender os contratos, os sócios-torcedores a ficarem inadimplentes e os clubes a atrasarem os salários dos jogadores

e funcionários. Foram 4 meses de agonia e de incerteza quanto ao futuro do nosso futebol. O Campeonato Estadual só começou no mês de julho, mas novamente sem público.

As competições seguiram cumprindo os protocolos de saúde, e até hoje, os jogos de futebol na Paraíba e em todo o país são disputados ainda sem a presença dos torcedores nos estádios. Jogadores, comissões técnicas e funcionários dos clubes, além dos árbitros e todas as pessoas que estão presentes nos jogos, passaram a ser submetidos a testes de covid, antes das partidas. Aqueles positivados para covid-19 imediatamente afastados e colocados em quarentena. O número de profissionais de imprensa nos estádios foi diminuído e todos obrigados a usarem máscaras e portarem álcool para limpar as mãos. Antes da entrada nos estádios começou a ser checada a temperatura de todos, os repórteres de rádios não podiam mais entrar em campo e passaram a usar máscaras, os de televisão, os únicos que podiam ficar à beira do gramado, foram impedidos de entrevistar nos túneis, entre outras tantas exigências para conter a propagação do vírus.

Um novo e duro normal, que persiste até hoje, e os clubes endividados buscando meios

para seguir em atividade, só não se sabe até quando. Os dirigentes sonham com o dia em que os estádios poderão reabrir para o público. Por enquanto, não há nem perspectiva, já que a população enfrenta uma dura realidade do aumento do número de casos e mortes causados pela covid-19 e o processo de vacinação é um dos mais lentos do mundo.

As dificuldades

Sem as receitas geradas pelas rendas do público nos estádios, a saída de patrocinadores e a diminuição drástica do número de sócios-torcedores, os clubes foram acumulando prejuízos e os dirigentes tiveram de tomar uma série de medidas para seguirem sobrevivendo e cumprir seus compromissos. Os jogadores, por sua vez, tiveram de aceitar reduções salariais e ainda se acostumar com os constantes atrasos no pagamento.

“Uma situação caótica. Os patrocinadores desapareceram com a proibição do público nos estádios, os sócios-torcedores caíram 60 por cento, as cotas de participação em campeonatos foram reduzidas, as competições ficaram menores e as dívidas vêm se acumulando. Tivemos que cortar na carne as despesas, tendo que demitir funcionários, repactuar

dívidas com atletas, e discutir com fornecedores. Isso tudo tem sido muito duro, porque nós lidamos com seres humanos, que estavam no clube há muito tempo, e ficamos muito tristes com isso. A preço de hoje, o Botafogo só tem como sobreviver até o mês de junho. O resto é uma incógnita. Não temos ainda o apoio do Governo do Estado, nem da Prefeitura, e mesmo com diminuição de 50 por cento da folha salarial, da demissão de pessoal, a conta não está fechando. Espero que o público volte aos estádios no segundo semestre, mas isso depende da velocidade da vacinação”, disse o presidente do Botafogo, Alexandre Cavalcanti.

“Estamos matando um leão a cada dia, enfrentando os efeitos dessa pandemia, que não só afeta o clube, mas também todas as áreas da vida. A expectativa da gente é que o público retorne aos estádios o mais rápido possível, mas o cenário não mostra isso. Estamos correndo para solidificar a marca, vender patrocínios e esperamos que o torcedor entenda o momento do clube e seja um consumidor dos produtos, faça parte do programa sócio-torcedor. É desta forma, que tentamos salvar o Campinense, e esperando também sensibilizar o poder público para que apoie os clubes”, afirmou o presidente da Raposa, Phelipe Cordeiro.

+

Torcedores aguardam ansiosos pela liberação para o público

Não é só quem faz o futebol que sofre com essa pandemia. Os torcedores não podem comparecer aos estádios para incentivar os clubes do coração, e só podem acompanhar os jogos pela TV ou pelo rádio. Eles aguardam com ansiedade a liberação dos estádios para o público.

“Eu acho uma coisa muito triste, porque o torcedor gosta

de estar em campo torcendo por sua equipe, sentindo a emoção de estar dentro de um estádio. Esperamos que essa vacina chegue logo”, Jobson torcedor do Campinense.

“Eu me sinto um peixe fora d’água. Quando assistimos pela TV, ou pelo rádio, não é a mesma coisa de estar num estádio sentindo o calor da arquibancada, dando o grito

de guerra: Belo, Belo, Belo”, Carlos torcedor do Botafogo.

“Não é fácil você ser torcedor, querer ajudar e enfrentar esse problema de não poder ir ao estádio acompanhar o seu clube do coração e ajudar com a compra do ingresso. Saudades do domingo sem futebol, com o público nas arquibancadas”, Chico da Tocha, torcedor do Treze.



Foto: TV Torcedor

O grito de guerra da torcida “Belo, Belo, Belo” há um ano não ecoa no Estádio Almeidão

Garotos do Fla enfrentam hoje o Flu pela Taça Guanabara

Tricolor carioca se reforça com alguns titulares da equipe e o técnico Roger Machado em busca da primeira vitória

Foto: Instagram/Flamengo

Após duas vitórias nos dois primeiros jogos, sobre Nova Iguaçu (1 a 0) e Macaé (2 a 0), o Flamengo vai em busca do terceiro triunfo no Campeonato Carioca. Neste domingo (14), o Rubro-Negro enfrenta o Fluminense, no Maracanã, pela terceira rodada da Taça Guanabara. Para o clássico, Mauricio Souza, técnico do Flamengo - Rogério Ceni está de folga -, conta com uma motivação a mais.

Bem como neste ano, em 2020, nas primeiras rodadas do Estadual, o Fla também foi representado por uma equipe recheada de jovens das categorias de base do clube, sob o comando de Mauricio Souza. E até então, a única derrota do treinador à frente do Mengo foi para o Tricolor carioca. Na ocasião, o Flu entrou em campo com seus principais jogadores e, com gol de Nenê, venceu os Garotos do Ninho por 1 a 0, em partida válida pela quarta rodada da Taça Guanabara. Por isso, neste domingo, Mauricio tenta dar o troco no time das Laranjeiras antes de passar o bastão para Ceni.

Já conhecido pela torcida rubro-negra, Mauricio Souza tem bons números comandando o Flamengo no profissional em jogos do Campeonato Carioca. O treinador da categoria Sub-20 acumula quatro vitórias, um empate e uma derrota. Até aqui, só disputou dois clássicos, vencendo um e perdendo o outro.

O time titular do último jogo deve ser mantido, com isso, a provável escalação do Clube da Gávea para o clássico é: Gabriel Batista; Matheuzinho; Natan, Noga e Ramon; João Gomes; Hugo Moura e Pepê; Thiaguinho, Michael e Rodrigo Muniz.

Fluminense

Com duas derrotas em duas rodadas, o Fluminense busca recuperação no Campeonato Carioca na estreia do técnico Roger Machado. O Tricolor terá o reforço de nove jogadores da equipe profissional, enquanto o Flamengo atuará, principalmen-



Treino do Flamengo antes do jogo mais importante para os Garotos do Ninho, neste domingo, diante do Fluminense, que vem de duas derrotas, mas hoje entrará com vários jogadores do time titular

te, com os jovens das categorias de base. Um dos "mais velhos" que chegam é Michel Araújo, que garantiu não haver vantagem para o Flu. "Vantagem, não. No jogo isso fica de fora, são 11 contra 11, seja meninos ou jogado-

res profissionais. Ali no jogo muda muito rápido, tem muita coisa que acontece. A gente se encontrou faz poucos dias com os demais jogadores para jogar o Carioca. Após o primeiro dia de treino com o Roger, estamos agarrando a

ideia dele, fazendo o que ele pede. Vai ser um jogo muito disputado" analisou.

"O Flamengo tem o Michael, o Pepê também, acho que ele vai jogar; um zagueiro também que joga no profissional. Então vai ser

um jogo muito bom, muito difícil para a gente, como foi o jogo passado, da Portuguesa, e o primeiro (do Resende). Sair ganhando o Fla-Flu é importante para o Fluminense" completou. O Flu é o último colocado no

Estadual, ainda sem pontos. Na primeira rodada, perdeu para o Resende por 2 a 1, em jogo marcado por erros de arbitragem. Na segunda, foi derrotado pela Portuguesa por 3 a 0 em atuação ruim dos jovens.

Vasco reduz a folha salarial em R\$ 40 milhões

Agencia Estado

Em grave crise financeira, o Vasco anunciou na última sexta-feira medidas drásticas para recuperar suas contas. A diretoria do clube carioca divulgou um processo de reestruturação para reduzir a folha salarial em R\$ 40 milhões. Para tanto, demitiu 186 funcionários. Além disso, transferiu parte da sede administrativa e suspendeu as modalidades olímpicas e paralímpicas do clube.

"O cenário é desafiador, mas estamos certos que chegou a hora de enfrentarmos com força e determinação os problemas e mazelas que há anos assolam nosso clube", disse a direção, em nota. De acordo com o Vasco, as dívidas atingem cerca de R\$ 720 milhões e são de curto prazo, em sua

maioria. Para piorar a situação, a perda de receitas da TV, causada pelo rebaixamento para a Série B do Campeonato Brasileiro, deve alcançar R\$ 100 milhões somente neste ano.

"Nosso endividamento líquido, atualmente girando em torno de R\$ 720 milhões, encontra-se em níveis muito elevados e concentrados em curto prazo, a inadimplência generalizada com fornecedores torna o Vasco refém de penhoras judiciais, os atrasos de salários de atletas e funcionários se tornaram rotineiros, a antecipação de recursos, com comprometimento de receitas futuras, foi usada indiscriminadamente nos últimos anos e hoje é uma possibilidade praticamente esaurida."

A solução encontrada pela diretoria foi apresentar uma pro-

funda reestruturação do clube. "Com foco na redução da folha de pagamentos e na maior eficiência e produtividade em todas as áreas do Vasco da Gama, o clube está implantando mudanças profundas em sua estrutura que incluem a extinção e/ou fusão de funções, diminuição de níveis hierárquicos e a integração física e operacional de equipes. Para alcançar esses objetivos, o clube conta com consultorias em finanças e gestão de alto padrão."

Neste processo de mudanças, a diretoria avisou que vai priorizar os departamentos de futebol profissional, futebol feminino e futebol de base. Assim, o clube cortou 186 funcionários, ou 35% da folha de pagamento. "O clube contratou empresa especializada de recolocação de pessoal para auxiliar es-

ses profissionais no processo de transição de suas carreiras."

Outra mudança atingiu a sede administrativa, que será transferida para um imóvel cedido por comodato, sem cobrança de aluguel, no centro do Rio de Janeiro. "A nova sede concentrará as funções administrativas do clube. Permanecerão em São Januário o departamento de futebol de base, departamento de patrimônio, departamento de esportes olímpicos e paralímpicos, departamento de comunicação (secretaria), o Colégio Vasco da Gama, e o Centro de Memória. O departamento de futebol profissional e o departamento de desportos náuticos seguem em suas atuais sedes no CT do Almirante e sede náutica da Lagoa, respectivamente."

O clube também anunciou o

fechamento temporário da sede do Calabouço e a suspensão dos esportes olímpicos e paralímpicos. "O Remo, esporte fundador do clube, e as modalidades paralímpicas serão mantidos com apoio financeiro de vascaínos até que projetos incentivados sejam implantados."

Para recuperar suas finanças, o clube também conta com a contratação de empresas de consultoria e a ajuda de parceiros. "A Diretoria de Integridade e Compliance está revisando todos os contratos do clube, com especial atenção para aqueles de duração superior a um ano, com valores mais expressivos, ou alvos de denúncias. O trabalho será acompanhado pelo Conselho Fiscal e suas conclusões serão apresentadas aos Conselhos do Clube."

Aos 34 anos, César Cielo não largou as piscinas, mas se mostra mais entusiasmado com projetos comerciais ao invés dos tempos cronometrados

Cielo descarta Olimpíada e diz que seguirá competindo

Sem o foco em Tóquio, nadador tenta conciliar as braçadas com seus projetos comerciais e ações sociais

Felipe Rosa Mendes
Agência Estado

Cesar Cielo desistiu de subir a montanha. Mas não abandonou a caminhada. O campeão olímpico e mundial descarta tentar uma vaga na Olimpíada de Tóquio, neste ano, porém segue firme com seus treinos dentro e fora das piscinas. Ele vai continuar disputando competições de menor porte, com um objetivo um tanto incomum na vida de um atleta: jamais se aposentar.

“Hoje a Olimpíada não é o meu objetivo. Não abandonei os treinos, apenas não estou treinando como já fiz para os Jogos de 2008 e 2012. Estou tentando fazer o meu melhor, mas hoje a Olimpíada não é o foco da minha vida”, disse ao Estadão o dono da única medalha de ouro da natação brasileira na história olímpica, na prova dos 50 metros livre, em Pequim-2008.

Em sua última conversa com a reportagem, há dois anos, ele tinha deixado entreaberta a possi-

bilidade de disputar a Olimpíada. Por isso, mantinha seus treinos, de intensidade moderada, para o caso de decidir “subir a montanha”, uma metáfora para ilustrar a busca pelo índice olímpico.

Sem a montanha pela frente, Cielo tem outros desafios em seu caminho. Quase tão difíceis quanto buscar a classificação olímpica. O atleta de 34 anos tenta conciliar as braçadas com seus projetos comerciais e ações sociais. Para tanto, ele se impôs o ousado objetivo de acabar com a ideia de aposentadoria, algo que vinha nutrindo nos últimos anos.

“Hoje quero ter um equilíbrio entre dentro e fora da água. Eu não quero e não pretendo parar de nadar oficialmente. Esta foi uma decisão que tomei bem recentemente. Para ser bem sincero, eu estava brigando bastante com essa transição de carreira, mas eu vi que para a minha felicidade e para o pessoal lá de casa continuar me aguentando, eu não posso largar a natação”, revelou o atleta, entre risos.

A ideia de aposentadoria acabou perdendo o sentido para o nadador. “Cresci escutando que esta era o curso natural de um atleta. Mas entendi nestes últimos anos que posso até sair da natação, mas a natação nunca vai sair de mim. Eu vou no mercado, pego um Doritos na prateleira e alguém pergunta: ‘pô, mas nadador pode comer essas coisas?’ Vou no restaurante à noite, um pouco mais tarde, e alguém questiona: ‘nadador dorme tarde agora?’”.

Cielo decidiu trocar a chamada “transição de carreira” por uma opção em que pode conciliar diversas carreiras ao mesmo tempo. “De verdade, para mim nunca fez sentido abandonar 25 anos de experiência que tenho num negócio e partir para outro negócio totalmente distinto. Hoje eu assumo isso de vez. A experiência que temos como atleta olímpico, de final olímpica, é coisa que pouquíssimos têm.”

Para conciliar tantas tarefas, o dono dos recordes mundiais dos 50m e 100m livre optou por disputar

competições menores, de nível regional, estadual e até municipal. “Estou treinando uma vez por dia já faz alguns meses, de segunda a sábado. Pela manhã, estou 100% natação. À tarde, foco no Instituto (Cesar Cielo) e nos projetos de negócio. Não é um cenário que considero ideal. Já treinei muito mais do que estou treinando agora. Mas tem sido suficiente para as competições que quero disputar.”

Desde o fim de 2019, os treinos de Cielo acontecem em Itajaí, no litoral de Santa Catarina. Ele decidiu mudar sua base ao iniciar parceria com a prefeitura da cidade, que o incentivou a levar um dos seus projetos para o local.

Na nova cidade, o nadador não esconde que a pandemia teve um peso considerável na reavaliação das suas metas, principalmente ao atravessar meses sem treinos. “Passei um período mais negativo, já ganhando peso. Hoje eu estou com 6 ou 7kg a menos que estava em abril do ano passado. Já tinha meio que abandonado a ideia de treinar. Mas, em

novembro, decidi que era hora de retomar uma rotina mais redondinha.”

Como todo brasileiro, ele também enfrentou desafios relacionados à saúde mental. “Eu sempre fui um cara muito regrado e disciplinado com tudo. De repente, não fazia tanta diferença se iria acordar meia hora mais cedo ou mais tarde. A questão mental foi difícil. Eu passei janeiro inteiro brigando com a minha cabeça, brigando com a rotina, querendo comer besteira, pizza, tranqueirada. Esses hábitos ‘confortáveis’ foram super difíceis de serem superados.”

Enquanto retoma sua rotina, Cielo planeja expandir seus projetos sociais e a produção de equipamentos para a prática de natação, esporte que considera dos mais seguros na atualidade, pela segurança da água (o cloro da piscina mata o coronavírus) e pelos benefícios respiratórios da modalidade. Recentemente, o nadador virou até “embaixador” de uma campanha nacional para incorporar novos medicamentos ao tratamento da asma junto ao SUS.

Na Aston Martin

Vettel ignora críticos e diz não ter nada a provar

Agência Estado

Tetracampeão mundial de Fórmula 1 entre os anos de 2010 e 2013, o alemão Sebastian Vettel vem passando longe nas últimas temporadas de repetir o sucesso que teve com a Red Bull. Mudou para a Ferrari em 2015, mas foi ofuscado pelos títulos conquistados pelo inglês Lewis Hamilton e pelo compatriota Nico Rosberg na Mercedes. Mas agora na Aston Martin, sente que não tem nada a provar para seus críticos, afirmando que “não está interessado no que os outros dizem”.

Para explicar isso, Vettel disse que o pentacampeão dos anos 1950, o argentino Juan Manuel Fangio, é esquecido pelos mais jovens, o que gerou polêmica nos bastidores da Fórmula 1.

“Não me interessa o que as pessoas dizem. É mais sobre deixar meu ponto claro para a equipe, para mim mesmo, em vez dos demais. Nosso mundo muda rápido demais e isso é bom porque se não você fica preso no passado e fica dizendo que Juan Manuel Fangio é o salvador entre todos os pilotos.

Não tenho dúvidas, ele foi muito, muito especial. Mas se você pergunta a um fã de 15 anos quem foi Fangio, não sei se eles saberão”, afirmou.

“E isso é bom. O tempo passa. E especialmente hoje em dia, Fangio tem um legado maior do que qualquer um de nós jamais terá, independente de vitórias ou mais. E isso é bom. Seguir em frente é bom. Então tenho certeza de que quando eu disser adeus à Fórmula 1, serei esquecido rapidamente e tudo bem. Isso é saudável. Então é por isso que não ligo em provar algo para as pessoas e prefiro focar em mim mesmo, o que está na minha frente”, prosseguiu Vettel.

A Aston Martin expressou confiança em ajudar Vettel a redescobrir sua melhor forma, acreditando que o modelo AMR21

para a temporada 2021 se encaixa em seu estilo de pilotagem. A equipe já está impressionada com como ele está se acostumando ao novo ambiente.

Otmar Szafnauer, chefe da Aston Martin, colocou um período de três a cinco anos para que a equipe passe a ser candidata ao título. Perguntado se espera seguir sendo parte do projeto nesse intervalo e se ele visa mais um campeonato no futuro, Vettel acredita que sim.

“Não estou muito velho. Há pilotos mais velhos no grid. Não

acho que seja uma questão de idade. Acredito que depende do carro que você tem e da equipe ao seu redor. Tudo depende de mim. Isso sempre esteve em mim. Em termos de idade, ainda tenho muito tempo pela frente, mas depende também das circunstâncias e como as coisas estarão no futuro”, completou o piloto de 33 anos.

Com 53 vitórias, Vettel é o terceiro maior vencedor da

história da Fórmula 1, apenas atrás do também alemão Michael Schumacher (91) e Hamilton (95). No entanto, o alemão não ganha nenhuma corrida desde o GP de Cingapura de 2019.

Com 53 vitórias, Vettel é o terceiro maior vencedor da história da Fórmula 1, atrás de Michael Schumacher e Lewis Hamilton

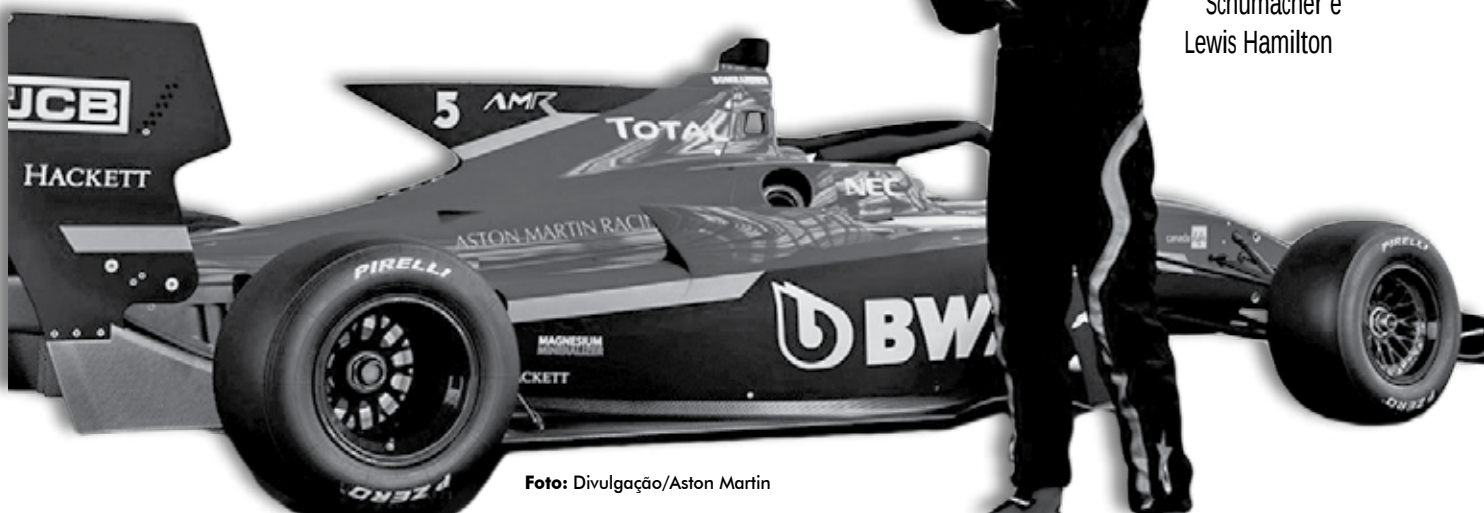


Foto: Divulgação/Aston Martin

Mudança agrada aos dirigentes

Campeonato Paraibano de 2021 não terá jogos à noite no Sertão na fase de classificação, que começa no dia 31 de março e vai até o dia 19 de maio

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

O adiamento do início do Campeonato Paraibano de 17 para 31 deste mês agradou aos dirigentes dos clubes. A competição já iria começar na próxima quarta-feira, mas em uma reunião na sede da FPF na última quinta-feira, definiu a mudança. A princípio o motivo aparente para a decisão tinha sido por causa do aumento dos casos de covid-19 em todo o estado, mas a Secretaria de Saúde do Estado já tinha liberado a realização da competição, porque os protocolos estavam todos sendo seguidos e não correria risco de novas contaminações.

Um dia após a decisão, a reportagem de A União foi ouvir alguns dirigentes sobre o assunto e constatou que o adiamento foi por causa do conflito de datas com a Copa do Nordeste e a Copa do Brasil. Na tabela original, a segunda rodada da competição só iria acontecer duas semanas após a primeira, porque não havia data para que Treze e Botafogo pudessem participar de jogos no período após o dia 17. Sendo assim, ficou definido que a rodada inicial seria nos dias 31, 1, 3 e 4 de abril. “Olha, foi uma medida acertada, porque jogaríamos no dia 17 com o Botafogo e iríamos ficar duas semanas sem jogar até a rodada do dia 31. Assim os jogos serão mais próximos e o campeonato vai terminar praticamente na mesma data que a outra tabela previa. Dá problema quando se prolonga muito o final, mas o começo não é problema. E para o Sousa foi muito bom, porque minha equipe só disputou um amistoso até agora e estava sem ritmo de jogo

para estreiar”, afirmou o presidente do Sousa, Aldeone Abrantes. “O São Paulo não vê problema. Para nós foi até melhor, porque o novo técnico Ramiro, que assumiu esta semana, vai ter mais tempo para treinar e conhecer melhor o elenco. O problema seria se passasse do mês de maio, porque aí teríamos de pagar uma outra folha salarial. Quando se faz um contrato com os jogadores, o tempo mínimo é de 3 meses e neste caso vão até o final de maio, não vai atrapalhar em nada, porque a competição vai terminar antes”, argumentou o presidente do São Crystal, Múcio Carlos. “Eu acho que foi uma decisão acertada, porque havia choques com competições da CBF. Desta forma, o campeonato vai começar para todo mundo de uma vez. Para o Botafogo em particular foi muito bom, porque iríamos jogar no dia 17 em Sousa, depois viajaríamos de volta, e em seguida iríamos para Maceió enfrentar o CRB, pela Copa do Nordeste, no dia 20. Imagina o desgaste do elenco”, disse o presidente do Botafogo, Alexandre Cavalcanti.

Mudança no horário
Além do adiamento do início do Campeonato Paraibano, ficou decidido também, na reunião entre a Federação Paraibana de Futebol e os dirigentes dos clubes, que os jogos programados, a princípio, para o horário noturno passassem para as 16h. A reivindicação foi feita pelo Nacional de Patos e pelo Sousa. O Canário do Sertão alegou que um decreto da Prefeitura Municipal de Patos proíbe atividades esportivas após 21h. Já o Sousa, alegou que a cidade está tendo um inverno muito rigoroso para sediar jogos no período da noite.



Os jogadores do Sousa ganharam mais tempo para a estreia no campeonato e só vão atuar em jogos vespertinos na primeira fase



Tabela dos jogos

1ª rodada
31/3 – 20h – Treze x Atlético – Presidente Vargas
01/4 – 16h – Sousa x Botafogo – Marizão
03/4 – 16h – Nacional x Perilima – José Cavalcanti
04/4 – 16h – São Paulo x Campinense – Carneirão

2ª rodada
14/4 Botafogo x Treze – 20h - Almeidaão
15/4 Perilima x Sousa – 16h - Amigão
17/4 Atlético x São Paulo – 16h - Perpetão
18/4 Campinense x Nacional – 16h - Amigão

3ª rodada
21/4 São Paulo x Treze – 20h -Carneirão
22/4 Perilima x Botafogo – 16h - Amigão
24/4 - Sousa x Campinense – 16h - Marizão
25/4 - Nacional x Atlético – 16h - José Cavalcanti

4ª rodada
28/4 - Botafogo x São Paulo - 20h - Almeidaão
29/4 - Treze x Nacional - 20h - Presidente Vargas
1/5 - Campinense x Perilima - 16h - Amigão
2/05 - Atlético x Sousa - 16h - Perpetão

5ª rodada
5/5 - Campinense x Botafogo - 20h - Amigão
6/5 - Sousa x Treze - 16h - Marizão
8/5 - Perilima x Atlético - 16h - Amigão
9/5 - São Paulo x Nacional - 15h - Carneirão

6ª rodada
12/5 - Treze x Perilima - 20h - Presidente Vargas
13/5 - Nacional x Botafogo - 16h - José Cavalcanti
15/5 - São Paulo x Sousa - 15h - Carneirão
16/5 - Atlético x Campinense - 16h - Perpetão

7ª rodada
19/5
Sousa x Nacional - 16h - Marizão
Campinense x Treze - 16h - Amigão
Perilima x São Paulo - 16h - local a definir
Botafogo x Atlético - 16h - Almeidaão

Fonte: FPF

SISTEMA DE DISPUTA

O campeonato será disputado em quatro fases. Na primeira fase, composta por oito clubes distribuídos em 1 (um) único grupo, os clubes se enfrentam entre si no sistema de pontos corridos em jogos somente de ida. Ao final, os dois melhores colocados se classificam direto para a terceira fase (semifinal). O terceiro, quarto, quinto e sexto colocado se classifica para a 2ª fase que será composta por quatro clubes, distribuídos em dois grupos (A e B), que se enfrentarão em sistema eliminatório em jogos somente de ida, com os classificados em 3º e 4º colocados na primeira fase classificatória com a vantagem de realizar o jogo como mandante. Os vencedores de cada grupo estarão classificados para a terceira fase (semifinal).

A ordem dos jogos será o terceiro contra o sexto (A) e o quarto contra o quinto (B). Em caso de empate entre os clubes na segunda fase, os critérios de desempate são: 1º) maior número de vitórias; 2º) maior saldo de gols; 3º) maior número de gols pró; 4º) menor número de cartões vermelhos recebidos; 5º) menor número de cartões amarelos recebidos; 6º) sorteio.

A 3ª fase será composta por quatro clubes, em dois grupos, que se enfrentarão em sistema eliminatório em jogos somente de ida, com os classificados em 1º e 2º colocados na 1ª fase com a vantagem de jogar como mandante. O primeiro colocado da fase classificatória vai enfrentar o vencedor do grupo B e o segundo colocado o vencedor do grupo A.

Em caso de empate entre os clubes na terceira fase, a decisão será nas penalidades máximas. Os vencedores disputam as finais em jogos de ida e volta, com o clube de melhor campanha, na soma dos pontos da 1ª fase classificatória e 3ª fase dentre os finalistas, tendo a vantagem de realizar o segundo jogo como mandante para definir o campeão.





Fotos: Walter Ulysses

A redescoberta do álbum de fotos

Em tempos de avalanche das fotos digitais, surgem novas experiências para guardar recordações

André Resende
andrealimpio89@gmail.com

Mais do que mero registro. O olhar mais atento, sensível, percebe que há mais na imagem do que o olho conhece, como diria o cantor norte-americano Neil Young. A foto tem o poder de apreender um instante na eternidade, e de prender quem a aprecia. O álbum de fotos faz mais, conta a história de uma vida, de uma família, mostra detalhes da cultura da época, documenta traços de um tempo.

A fotografia encanta desde a sua invenção, nas primeiras décadas do século XIX, e se popularizou com a facilidade de acesso às câmeras analógicas entre as décadas de 1980 e início dos anos 2000. Os registros pessoais das famílias demandavam tempo para comprar rolos de filme, assumirem o papel de fotógrafos amadores e revelarem fotos que eternizariam vivências em álbuns.

Os recursos eram limitados, assim como os filmes das câmeras com 12, 24 ou 36 poses. Cada foto precisava ter um significado, ser feita com cuidado. E cada fotógrafo precisava contar com a sorte. Algumas das mais aguardadas poderiam se perder no processo de revelação dos laboratórios.

Tanto esforço e investimento praticamente obrigavam as famílias a usar encontros para ver álbuns, rememorar confraternizações, reviver a própria história. As visitas aos parentes para ver o álbum da viagem, da festa, eram mais que comuns, eram rotina.

O uso de álbuns de fotos, porém, começou a sofrer com a forte concorrência, já no final do século XX, das câmeras digitais. Os álbuns deram lugar às pastas nos computadores pessoais. Os mais conservadores revelavam as fotos numa tentativa de resistir na tradição, mas o hábito já estava mudando e os álbuns foram rareando.

O tiro de misericórdia veio na década seguinte, com a popularização dos smartphones, das fotos feitas pelo celular, compartilhadas por aplicativos de troca de mensagens, publicizadas para amigos e familiares nas redes sociais. O fetiche passou a ser outro: curtidas e comentários na mídia digital.

O professor Ângelo Emílio, do curso de História da UFPB, explica que a volatilidade dos registros fotográficos, nos dias de hoje, faz com que muitas fotos sejam produzidas, mas poucas sejam realmente revisitadas. “Hoje se registra em muito maior quantidade, e se descarta em uma maior quantidade também. Não se preserva mais. Às vezes, é até difícil de encontrar algumas fotos até pelo excesso. Numa festa dos anos 1970, você batia seis ou sete fotos e elas ficavam registradas, hoje você faz 40 fotos e, daqui a um ano, você não tem muita certeza de onde foi tirada, em que circunstâncias. O próprio registro do que é aquela fotografia fica comprometido pelo excesso”, detalha o professor.

O impacto dos dispositivos digitais, da internet, na forma como registramos nossas fotos e, principalmente, como armazenamos, implica em mudanças não somente no cotidiano e em pesquisas das universidades. Um dos desafios para os historiadores do futuro, como aponta Ângelo Emílio. Antes, o problema para os pesquisadores era a escassez, agora é a abundância.

“Vou pegar João Pessoa nas primeiras décadas do séc. XX, você vai ter um número muito limitado de fotografias. Todas elas acabam sendo muito relevantes, independente de sua qualidade técnica, independente se registram pessoas importantes ou não, grandes monumentos ou áreas empobrecidas, por serem raras, são muito relevantes. Se pegar todas as fotos que foram feitas de João Pessoa em 2020 dá uma imensidão que não é possível nem quantificar”, comenta Ângelo Emílio.



Foto: Arquivo pessoal

Entre avanços tecnológicos e “likes” nas redes sociais, há quem prefira levar consigo suas melhores fotografias

+ Lembranças impressas seguem vivas

Em tempos de redes sociais e câmeras fotográficas sempre na palma da mão, muito embora os álbuns de família tenham ficado escassos, muitas pessoas, jovens inclusive, sentem a necessidade de revelar fotografias e produzir seus álbuns.

É o caso da bancária Maria Livia Cunha, de 30 anos. Cada momento considerado especial para ela, seja uma viagem, uma festa, um evento familiar, é transformado em um álbum de fotografias.

Ela conta que, na sua opinião, as fotos digitais não são o bastante. “Mes-

mo com todos os aplicativos e formas de armazenar digitalmente as imagens, eu cresci consultando os álbuns de família. E as fotos impressas seguem sendo um símbolo de memória afetiva na minha vida”, relata.

Além de revelar para si, Livia também costuma revelar as fotos de que gosta para os amigos. “Quando vejo uma foto linda com algum amigo, eu revelo e dou de presente. Todo mundo abre um sorriso quando recebe uma foto impressa”, assegura.

Foto: Arquivo pessoal



Maria Livia, bancária, mantém tradição familiar de produzir álbuns e também presentearia amigos com fotos reveladas

Profissionais registram imagens e afetos

Foto: Arquivo pessoal



Uma nova relação com as fotos impressas fez surgir um novo mercado. As casas dos fotógrafos, que vendiam filmes para câmeras analógicas, que revelavam as fotografias, deixaram de existir, mas deram lugar a outros modelos de negócios muito mais focados na preservação afetiva, nas experiências de exclusividade.

É o que faz a loja Lilá (@feitolila) em João Pessoa, da empreendedora Gabriela Raga. O empreendimento oferece produtos personalizados, a maioria artesanalmente ou em crochê. Entre os itens vendidos, a Lilá dispõe de um álbum com capa bordada a pedido do cliente, com a cor e o nome que preferir.

Ela explica que o produto não é apenas um álbum de fotos, ele é um álbum de recordações. “Quando envio ou entrego um álbum, mando uma cartinha junto sugerindo que ele não precisa ser somen-

te um álbum de fotos, mas um álbum de recordações. A pessoa que recebe pode colocar, se for álbum de bebê, por exemplo, a pulseirinha da maternidade, pode colocar um pouco do cabelo do primeiro corte, contar pequenas histórias. Ressignificar em álbum de recordações”, comenta a empreendedora.

A mesma tendência é vista pela fotógrafa Isa Diniz. Ela relata que, muito embora o álbum de família, com fotos amadoras tenha caído em desuso, o interesse pela fotografia só aumentou. Ela explica que além do ensaio, os fotógrafos encontram no álbum, nas fotos impressas um diferencial do serviço.

“Um produto a mais que pode ser oferecido junto com o serviço fotográfico. Ao mesmo tempo que ter um álbum de família se torna menos comum e raro, mais valioso fica. O álbum ou fotos impressas

consegue transmitir uma narrativa, uma história, mais próxima do cotidiano e da forma como essas pessoas se enxergam e veem o mundo ao seu redor”, define Isa.

Conhecida por transmitir sensibilidade nos cliques, Isa é sensível também nas palavras. Conta que ter as fotos impressas, ainda que seja visto como antiquado, poder tocá-las, senti-las, é como acessar uma autobiografia.

“Fazer uma seleção e preencher um álbum é dedicar tempo às memórias afetivas e ao que vai ser visto sobre nós pelas próximas gerações. É um documento muito valioso capaz de guardar várias histórias ao longo dos anos de uma forma muito mais segura do que em um HD, computador ou rede social que pode queimar ou ser desabilitado”, analisa a fotógrafa. Ter em mãos um álbum de fotografias é trazer consigo a possibilidade de abrir uma janela no tempo.

Para a fotógrafa Isa Diniz, o álbum possui uma história própria e é capaz de guardar as fotos com mais segurança

Higino Brito

Um oftalmologista focado no jornalismo paraibano

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Não se sabe se houve propósito dos pais ou apenas coincidência. Mas o nome do médico, jornalista, escritor e oftalmologista Higino da Costa Brito, teria surgido em homenagem ao filósofo espanhol Gaius Iulius Hyginus, um escravo libertado do imperador romano Otávio Augusto, respeitado pelos intelectuais de sua época, por ter escrito trabalhos e livros sobre assuntos diversos.

De acordo com os anais da Academia Paraibana de Letras, Higino da Costa Brito nasceu no dia 11 de agosto de 1908, em João Pessoa, onde também morreu no dia 2 de maio de 1988. Seus pais eram Inácio da Costa Brito e Maria Madalena de Brito. Do casamento com Ubalda

Cavalcanti Brito (*In memoriam*) nasceram quatro filhos: Joaquim Inácio, Maria Germa-na, Maria Gersa e Gratuliano.

Além de suas atividades como médico oftalmologista, especializado em tracomo-logia, exercia a função de jornalista, tornando popular a coluna diária que escrevia em A União, denominada "A Cidade e a Rua". Neste espaço jornalístico, ele explorava o cotidiano de João Pessoa e popularizava para o público leigo os termos médicos e acadêmicos, muitas vezes ignorados pela maioria dos leitores.

Foi este um dos principais legados que deixou para o jornalismo paraibano. Trabalhava em diversos órgãos de imprensa. Como jornalista, possuía a mesma desenvoltura do especialista em olhos, trabalhando em ambas as atividades paralelamente.

"Ele mantinha o consultório dentro de sua própria casa, na Praça São Francisco uma região bucólica de João Pessoa, por onde iniciou a história desta cidade", diz o historiador Higino Brito Vieira, num trabalho publicado na imprensa, em 2008, data do centenário de Higino da Costa Brito. Se hoje ele estivesse vivo, estaria com 111 anos.

Segundo Higino Vieira, da sua discreta residência, o jornalista e oftalmologista participava ativamente da política e dos eventos que envolviam a participação da imprensa e da cultura de sua terra. "Por isso ele é muito lembrado pelas ideias firmes, através do

trabalho que desempenhou nessas áreas, reforça", destacou.

O jornalista, escritor e historiador José Octávio de Arruda Mello define Higino da forma como se apresentava em eventos públicos: "Não há dúvida de que ele deu uma certa contribuição para a cultura e o jornalismo paraibano. Como jornalista, seu estilo era árido e, pessoalmente, não se revelava muito comunicativo. Gostava de ironizar os feitos de Carlos Dias Fernandes, o homem que começou a modernizar o jornal A União, desde as oficinas à redação. Mas, como presidente do Conselho Estadual de Cultura, fazia divulgar um boletim de interesse público, editado pelo jornalista Willis Leal. Este impresso possuía uma quantidade razoável de interessados".



Médico oftalmologista contribuía com crônicas no Jornal A União comentando a vida cotidiana da cidade e popularizando os termos médicos e acadêmicos com os leitores

Foto: Arquivo A União

+

Currículo extenso na vida profissional

Ao longo de sua vida, Higino da Costa Brito exerceu as seguintes funções: presidente do Conselho Estadual de Cultura, sócio-correspondente da Academia Sergipana de Letras; membro da Academia Paraibana de Medicina; membro da Academia Paraibana de Letras, em 1944, onde foi recepcionado pelo acadêmico Oscar de Castro. Mais tarde elegeu-se presidente do mesmo órgão. Tinha diploma de especialização em organização hospitalar.

Na capital, prestou serviços nas representações locais dos institutos previdenciários: IAPETEC, IAPC, IPA-SE, IAP e INPS. Também trabalhou no Hospital de Pronto Socorro, na Santa Casa da Misericórdia, no Instituto de Medicina Legal e colaborou, como jornalista, em A União, paralelamente dando aulas na Faculdade de Medicina da Paraíba, depois incorporada pela UFPB. Publicou o livro "José Maciel – o Profissional da Medicina, o Homem Público e o Cidadão."

Por feliz acaso, a Internet forneceu-me uma estranha coincidência entre o Paraibano Higino da Costa Brito, nascido no início do Século 20 e o filósofo espanhol Caio Júlio Higino, que viveu em Roma entre 26 a.c. e 14 d.c., durante o mandato de Otávio Augusto, primeiro imperador Romano. O liberto de Otávio se chamava Higino e escreveu livros sobre ciência, história, agronomia, filosofia e religião.

Higino paraibano escreveu a bio-

Foto: Arquivo A União

Higino de Brito foi autor da biografia do também médico José Maciel, integrou a Academia Paraibana de Medicina e chegou a presidente da Academia Paraibana de Letras

grafia de José Maciel, um renomado médico e político paraibano que foi presidente da Assembleia Constituinte de 1935, responsável pela eleição de Argemiro de Figueiredo ao governo do estado. O Higino antigo e o moderno nasceram em agosto, o mês que levou o nome do imperador Otávio Augusto, após a reforma do calendário, recomendada por ele mesmo (Otávio). Segundo os historiadores, Otávio teve um governo de poucas guerras, muita paz, conquistas e prosperidade.

O autor desta reportagem conheceu Higino da Costa Brito pessoalmente, aos 12 anos. Com ele eu fiz minha primeira consulta oftalmológica, descobrindo que era portador de

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Os dias exigem máscara, bom senso e prudência

Enquanto escrevia esta coluna, cujo tema seria outro, o Brasil ultrapassava pela primeira vez a marca do registro diário de 2,3 mil mortos pela covid-19. Confesso: fiquei arrasada e me deu vontade de chorar.

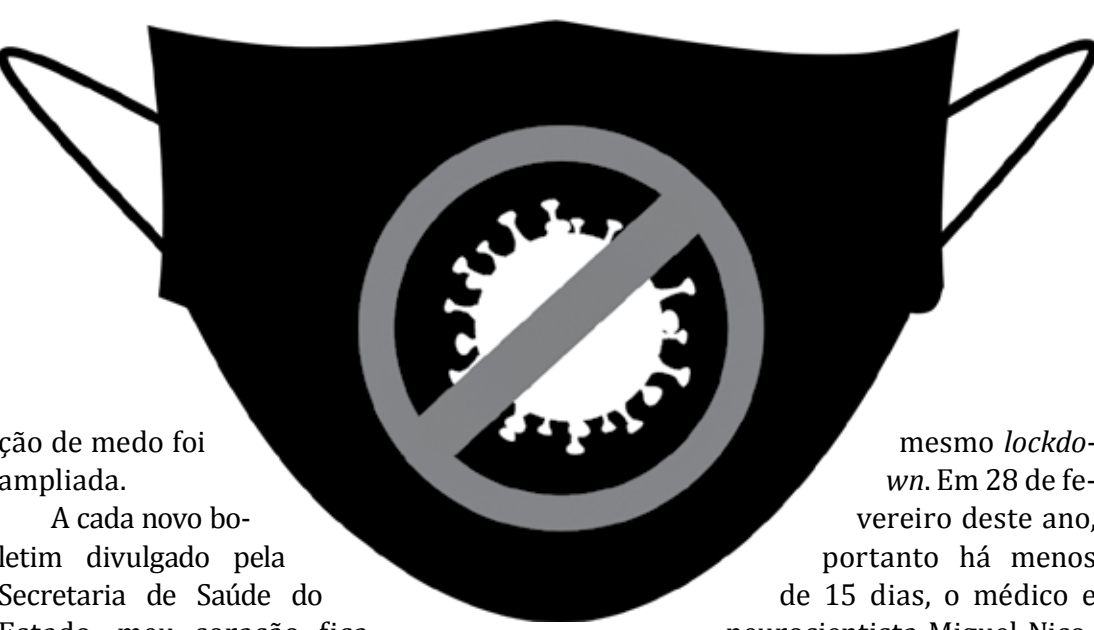
Assustada, acompanhando entrevistas e análises de especialistas, lembrei-me de que, desde que ouvi os primeiros relatos sobre Wuhan (China) no ano passado, eu imaginava a gravidade do chamado novo coronavírus. Mas só me dei conta do perigo depois. Percebi o quanto coríamos risco, de verdade, apenas no dia 12 de março de 2020, ao identificar o medo nos olhos e na voz de uma médica que trabalha no mesmo hospital federal onde sou jornalista concursada.

Era uma quinta-feira à tarde. Eu estava no quarto andar do hospital, onde ficam os pacientes com doenças infecciosas. Minha missão era encontrar um profissional que pudesse dar entrevista a uma emissora de TV com o objetivo de esclarecer o público sobre a diferença entre epidemia e pandemia.

No dia anterior, a Organização Mundial da Saúde (OMS) havia declarado, oficialmente, que havia uma pandemia de covid-19. Não consegui que nenhuma das médicas de plantão naquele dia se dispusesse a falar. Argumentaram que o tempo na TV era muito curto para que pudessem dar a explicação correta ao público. O tema era complexo.

No meio da conversa, fiz outra pergunta a uma das infectologistas. Ela olhou para mim e disse: *Se eu estiver viva, não é?* Essa frase definiu minha relação com a covid-19 a partir de então. Era a especialista temendo pela própria vida. Se ela estava assustada, a situação era séria. Não se tratava de uma gripezinha. Meu medo, antes fazendo fronteira com Wuhan, tornou-se meu vizinho. Vi que poderia perder amigos — ou morrer.

O coronavírus não era apenas uma pauta que alimentava o noticiário. Era uma ameaça real. Estava nos textos que eu produzia como jornalista de uma unidade de saúde. Estava na conversa entre amigos. Passado um ano. Minha sensa-



ção de medo foi ampliada.

A cada novo boletim divulgado pela Secretaria de Saúde do Estado, meu coração fica miudinho, pensando nas famílias que choram suas perdas. São muitas. São milhares. Todo mundo conhece alguma vítima da covid-19 no Brasil. Todos nós já utilizamos a frase (agora cada vez mais desgastada) "meus pesames". Imaginar a dor do outro me deixa destróçada. Ver gente ignorando os alertas de especialistas nos veículos de comunicação também.

Não é de hoje que cientistas e médicos orientam sobre uso de máscara, sobre a necessidade de as pessoas não participarem de aglomerações, sobre a eficácia de isolamentos mais rígidos ou

mesmo *lockdown*. Em 28 de fevereiro deste ano, portanto há menos de 15 dias, o médico e neurocientista Miguel Nicollelis afirmava que março poderia ser não apenas o pior momento da pandemia, mas também o pior momento do Brasil devido ao alto número de mortes registradas. Já estamos sentindo isso.

No dia 4 de março passado, Nicollelis também afirmou que a possibilidade de o País cruzar a marca das 3.000 mortes diárias é real. E está bem próxima. Talvez isso ocorra nos próximos dias. Dias que não estão nada leves. Dias que exigem de cada um o exercício da prudência e do bom senso. Acredite na ciência. Fique em casa. Use máscara. Lave bem as mãos. Se cuide.

Tocando em frente

francelino-soares@bol.com.br

Professor

Francelino Soares

Os Gêneros Rítmicos – O Bolero atual – Parte II

Os títulos dos boleros são os mesmos, porém os intérpretes, a forma de cantá-los, os arranjos orquestrais são diversificados, com adaptações rítmicas adequadas ao estilo de cada um. Assim, apresento-lhes uma *play-list* muito pessoal, com apenas 25 hits, mas que, facilmente, chegariam a cem. Trata-se, porém, de gravações apenas de intérpretes alienígenas; os nossos virão posteriormente. Deixo aos leitores, amantes do bolero, as opções de escolha e de complementação de suas listas.

- *Aquellos Ojos Verdes* – Nilo Menéndez (autor), Glenn Miller Jimmy Dorsey, Xavier Cougat, Ray Conniff, Bing Crosby, Trio Los Panchos. Connie Francis, Nat King Cole, Plácido Domingo, The Shadows, The Ventures.
- *Quiéreme Mucho* – Românticos de Cuba, Trio Los Panchos, Lucho Gatica, The Shadows, Cliff Richard, Nana Mouskouri, Julio Iglesias.
- *Acércate Más* – Osvaldo Farrés (autor), Nat King Cole, Natalie Cole e Frank Sinatra c/ Nat King Cole (gravação raríssima – 1946).
- *Quizás, Quizás, Quizás* – Osvaldo Farrés (autor), Lucho Gatica, Pérez Prado, Sarita Montiel, Trini Lopez, Enrique Iglesias, Andrea Bocelli c/Jennifer Lopez.
- *Tres Palabras* – Osvaldo Farrés (autor), Chucho Valdez, Nat King Cole, Julio Iglesias, Luis Miguel.

- *Toda una Vida* – Osvaldo Farrés (autor), Cuco Sanchez, Trio Los Panchos, Pedrito, Maria Dolores Pradera, Luis Miguel.
- *Solamente una Vez* – Agustín Lara (autor), Bing Crosby, Mario Lanza, Frankie Laine, Trio Los Panchos, Frank Sinatra, Plácido Domingo, Fito Paez, Julio Iglesias, Luis Miguel.
- *Bésame Mucho* – Consuelo Velásquez (autora), Trio Los Panchos, Lucho Gatica, Trini Lopez, Plácido Domingo, Andrea Bocelli, Frank Sinatra, Dean Martin, Diana Krall, Ray Conniff, Billy Vaughn, Luis Miguel.
- *Historia de un Amor* – Lucho Gatica, Julio Iglesias, Nana Mouskouri, Perez Prado, Luis Miguel.
- *Piel Canela* – Trio Los Panchos c/Eydie Gorme, Lucho Gatica, Chucho Navarro, Caterina Valente.
- *Perfidia* – Trio Los Panchos, Trini Lopez, Andrea Bocelli, Julio Iglesias, Luis Miguel.
- *Sabor a mí* – Álvaro Carrillo (autor), Trio Los Panchos, Lucho Gatica, Roberto Cerântola, Álvaro Carrillo, Luis Miguel.
- *Sabrá Dios* – Álvaro Carrillo, Lucho Gatica. Arturo Gatica, Alfredo Gatica.

- *El Reloj* – Roberto Cantoral (autor), Lucho Gatica, Trio Cristal, Luis Miguel.
- *La Barca* – Roberto Cantoral (autor), Lucho Gatica, Trio Cristal, Plácido Domingo, Joan Baez, Linda Ronstadt, Luis Miguel.
- *Siboney* – Ernesto Lecuona (autor), Bing Crosby, Connie Francis, Nana Mouskouri, Caterina Valente, Românticos de Cuca, Xavier Cougat, Mantovani, Percy Faith.
- *Perfume de Gardenia* – Bienvenido Granda, Sonora Matancera.
- *Nuestro Juramento* – Julio Jaramillo, Trio Cristal.
- *Escándalo* – Trio Cristal.

- *Angustia* – Lucho Gatica, Bienvenido Granda.
- *Maria Bonita* – Agustín Lara (autor), Pedro Vargas, Trio Los Panchos, Bing Crosby, Mario Lanza, Frankie Laine, Frank Sinatra, Luis Miguel, Fito Paez.
- *Maria La O* – Ernesto Lecuona (autor), José Mojica, Alfredo Sadel, Plácido Domingo.
- *Espérame en el Cielo* – Trio Los Panchos, Lucho Gatica, Pedro Vargas, Antonio Machin, Celia Cruz, Bobby Capó.
- *Soñando contigo* – Bienvenido Granda.
- *Amapola* – Bing Crosby, Jimmy Dorsey, Ennio Morricone, José Carreras, Julio Iglesias, Andrea Bocelli.



Entre nós, talvez, a mais emblemática gravação do megassucesso Besame Mucho, com o "band-leader" Ray Conniff (gravação de 1960)

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

📷 @walterhulysses
✉️ chefwalterulysses@hotmail.es

Tudo volta a ser repetido

Não tem sido fácil esses dias de pandemia na área de gastronomia, com os horários mudados para o funcionamento das empresas da área.

Sei que era algo que ninguém esperava acontecer novamente, e foram todos pegos de calças literalmente curtas de novo. Vejo que muitos comerciantes, mesmo tendo passado por isso já uma vez, não tinham a visão do e-commerce ser e continuar sendo o negócio de vendas do hoje e do futuro.

Mas o que seria isso? Vamos explicar mais uma vez:

O e-commerce (ou comércio eletrônico) é um modelo de comércio que se utiliza da internet como meio de propagação e finalização da compra em APP e redes sociais.

Pois é, muitas empresas e pequenos negócios não tinham suas plataformas de vendas nas redes sociais, e muitas delas não tinham nem redes sociais, o pior de tudo as que tiveram no início da pandemia abandonaram achando que tudo seguiria normal. Agora que o bicho pegou novamente é que estão tentando entrar no segmento e não está fácil.

Este colunista já recebeu muitas mensagens de empresas fechadas porque não conseguiram atingir o público-alvo, e outras que nem tentaram fazer um esforço.

Sei que não é fácil neste momento, mas vejo que muitos não esperaram o tempo da colheita do e-commerce. Quem já estava só neste segmento não teve problema algum, mas quem nunca aderiu a um meio que hoje em dia é tão normal, vai sofrer, até mesmo com o delivery.

Até as grandes franquias internacionais estão tendo problemas com suas vendas destas formas, pois houve uma diminuição de funcionários para menos da metade, e o atraso está no Drive e para repassar aos motoboys que estão pelos aplicativos existentes.

Neste momento, as medidas do Governo Federal foram nada para manter a classe protegida e os empregos garantidos. E o desemprego cresceu e tudo subiu de preço exorbitante dos alimentos, combustível, medicamentos... contas a pagar, folha de pagamento, aluguel que muitos pagam... e o resultado financeiro vem a passos lentos e a empresa não dará conta só neste momento.

Sem falar que muitos já não estavam

muito bem equilibrados de crises passadas, era o momento de tentar respirar agora. Quem trabalha no ramo da gastronomia tem que ter muito amor ao que faz, mas só o amor não toca a empresa sem faturamento de fechar o mês.

Pela minha experiência de visão de mercado já existem 90% delas na UTI. Isso significa que: se não houver uma mão santa para abrir portas de financiamentos, linhas de créditos, ajudas financeiras, diminuições de cargas tributárias, elas vão falecer e tudo mudará para pior.

A melhor maneira deste vírus não disseminar é Ficar Em Casa. Os estudiosos em Saúde Pública relatam tudo isso e é o correto, mas o Governo Federal tem que arrumar uma saída de emergência urgente.

A cultura da gastronomia econômica e seus trabalhadores necessitam para sobreviver a todo este vírus que não foi uma gripezinha, nem muito menos mimimis por vacinas nem aqui e muito menos na China.

Fique em casa e o e-commerce vai até vocês!

Precisamos de uma ajuda, seja de onde venha.



Fotos: Walter Ulysses

PRATO DO DIA

Bacalhau à moda do Chef

Ingredientes

- 1 kg de bacalhau
- 1 litro de leite
- 4 batatas cozidas em rodela
- 2 cebolas em rodela
- 2 dentes de alho picados
- 1 xícara de azeite
- Azeitona preta sem caroço a gosto
- Brócolis cozidos a gosto
- 1 litro de água

Modo de preparo:

- Após dessalgar o bacalhau deixe-o de molho por 6 horas no leite, retire do leite. Aqueça o leite até ferver. Desligue o fogo e mergulhe o bacalhau por 20 minutos. Aqueça 1 litro de água. Coloque o azeite. Cozinhe as batatas e a cebola por 20 minutos. Retire o bacalhau do leite e lave levemente. Coloque junto com as batatas e as cebolas cozinhe por 5 minutos. Sirva com brócolis cozidos, ovos cozidos e alho torrado e arroz branco.

QUENTINHAS

- Novidade pra quem adora comida regional. O Galletos Restaurante e Petiscaria está com novidade para delivery à noite que é o cuscuz recheado. Recebi essa semana para provar e estão realmente de parabéns.
- Quem também está com novidade é a San Paolo Gelato. Eles desenvolveram novas embalagens biodegradáveis para proporcionar uma melhor experiência e ajudar nosso planeta. A ideia é propagar a sustentabilidade e a consciência ambiental. Você pode usar o pote do sorvete para plantar sementes que vem no papel. Achei muito bacana. O meu veio semente de manjerição que já plantei.

Novo decreto do estado

Os bares, restaurantes e lanchonetes poderão ficar abertos entre as 6h e 16h e funcionar, após esse horário, apenas com delivery e takeaway até as 21h30 durante a semana. Nos fins de semana, que compreendem os dias 13,14,20 e 21, eles só poderão funcionar exclusivamente por delivery ou retirada do produto no estabelecimento pelo cliente.

PITADAS A GOSTO

Mundialmente apreciado, a história do bacalhau é milenar. Existem registros de existirem fábricas para processamento do bacalhau na Islândia e na Noruega no século IX. Os vikings são considerados os pioneiros na descoberta do cod gados morhua, espécie que era farta nos mares que navegavam.

Um dos maiores peixes da Bacia Amazônica, o pirarucu ganhou a fama de bacalhau brasileiro. Isso porque na região Norte a carne do peixe costuma ser vendida salgada na forma de mantas. Com lombo alto, a espécie rende postas largas e caiu no gosto de vários chefes de cozinha. Pena não chegar em nosso estado.